

EXTRACTOS

DAS

OBRAS POLITICAS

E

ECONOMICAS

DO GRANDE

EDMUND BURKE

FOR

JOSE' DA SILVA LISBOA.

*Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta,
Aurea, perpetuâ semper dignissima vitâ.*

Lucret. III.

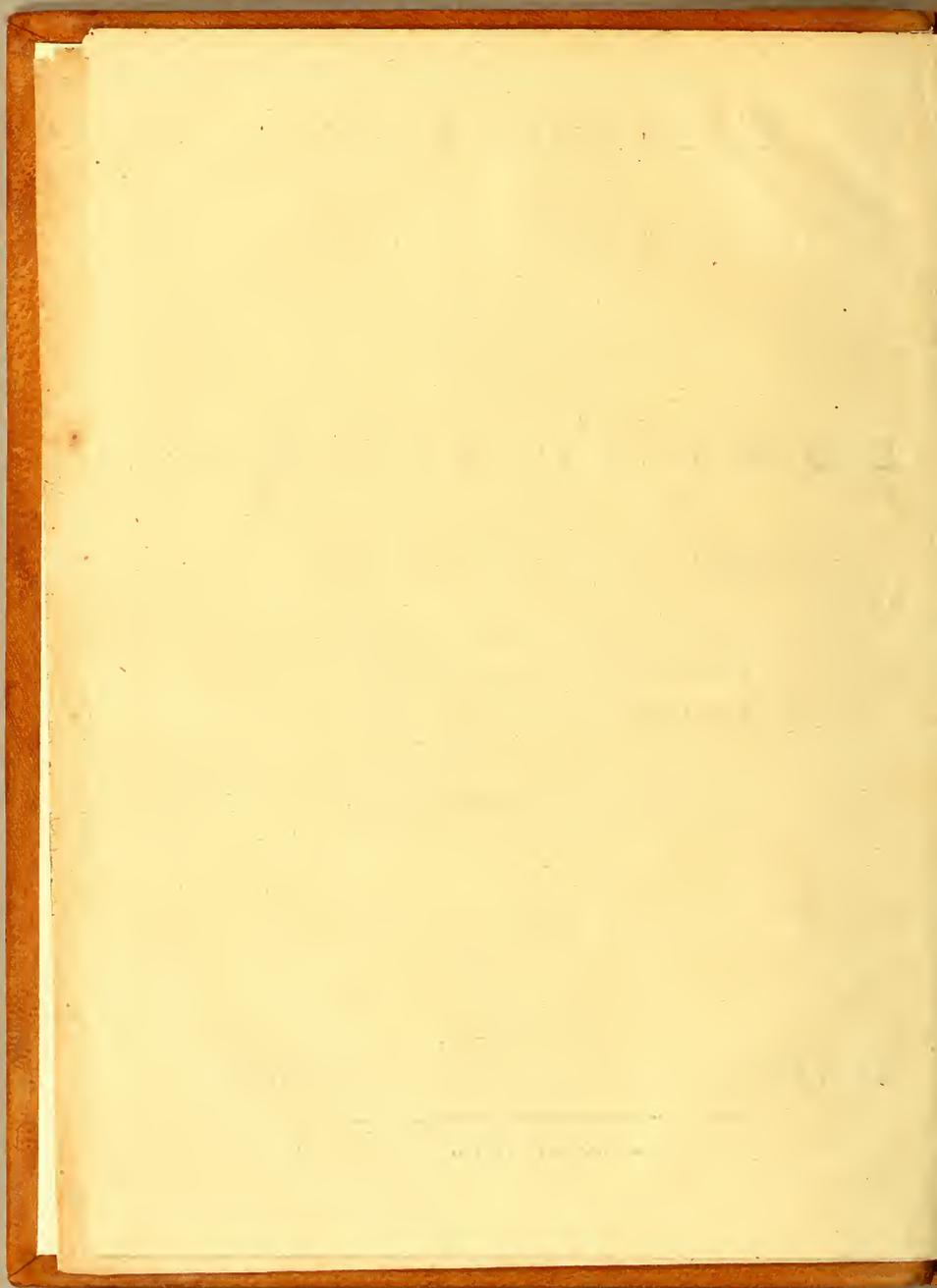
SEGUNDA EDIÇÃO MAIS CORRECTA.



LISBOA:

EM A NOVA IMPRESSÃO DA VIUVA NEVES E FILHOS.

ANNO DE 1822.



P R E F A C I O.

Edmund Burke, havendo na Gram Bretanha adquirido celebridade, pelos escritos que deo á luz sobre o *Sublime*, e a *Defensão da Sociedade Civil*; subindo depois á consideração politica por eloquentes Fallas no Parlamento sobre assumptos da maior importancia a seu Paiz, e com especialidade pela Proposta de Conciliação (que infelizmente então não foi attendida) para prevenir o infausto Scisma d'America do Norte; elevou-se em fim á immortal fama por varios discursos contra a Revolução da França, concorrendo muito a que o Governo Britanico entrasse, com as Potencias Confederadas, na guerra, que a Facção dos Gallos levantados provocou na Europa com a escandalosa disseminação dos seus Dogmas. Dotado de extraordinaria optica mental, vio as fataes consequencias desse segundo, e ainda mais pestifero, *Mal Francez*, com que ambiciosos, entusiastas, e sophistas, offeritando atraicoados presentes de amor, tinhão feito a Declaração, e Propaganda dos *Falsos Direitos do Homem*, atacando na raiz os elementos da vida social, com promessas de regenerarem a Constituição de sua Patria, e produzirem a felicidade do Mundo. Elle prognosticou, que o necessario effeito do delirio dos Novadores era o perverterem-se as Leis fundamentaes da Sociedade Civil, e enthronizar-se o mais feroz Despotismo Militar.

O successo verificou o vaticinio; pois ora se vê o Dragão, que se acoitára no phantastico paraizo da terra, erguer de subito a cabeça *ante nós, e sobre nós*, empeendo o leal trato dos homens, assaltando por toda a parte a destruir Thronos, e Povos, e espargindo discordia e desconfiança entre consanguineos e amigos, evidentemente interessados na intima união, e mutua resistencia, contra esse Inimigo do Genero Humano. Se a sua carreira e furia não for em toda a parte encontrada, e rebatida, bem se poderá exclamar com terror — *Ceos! Que futuros se nos preparam!*

Mirabeau, hum dos Corypheos, e depois victima da nefanda Revolução, tendo dito em odio de Inglaterra, que *ahi nada havia de polido senão o aço*, como se unicamente temesse achar nella affada espada de dous gumes contra a Perfidia Gallica; todavia, não podendo contestar a notoriedade das boas obras da Nação, que agora se sustenta por si só, sobresahindo com dobrado lustre no Theatro Politico, defendendo a seus Fieis Alliados, e derribando as machinações do Oppressor das Gentes, fez a confissão ingenua de *ser tão famosa Ilha o inexgotavel fôco de grandes exemplos, e a terra classica dos amigos da Liberdade* (*): devia accrescen-

(*) Cette fameuse, cet inépuisable foyer de grands exemples, cette terre classique des amis de la liberté.

tar — *bem regulada* — e não *Liberdade á franceza* ; que só consiste no desenfreado das paixões animaes, e na destruição da ordem estabelecida.

As Obras de Burke vierão confirmar esta verdade : ellas excitando com a maior intensidade a Energia do Paiz, constituirão os Territorios e a Marinha da *Grã Bretanha* os inexpugnaveis Baluartes da Razão, e Lealdade, e a esperança do Orbe depois do Diluvio de doutrinas falsas, que não só destruiu milhões de homens, mas também quasi extinguiu os principios da Humanidade. Surgio aquelle Luminar Litterario, quando se escurecia o horizonte scientifico, para esclarecer todos os paizes, e dissipar os negros vapores do horrivel meteóro da Cabala Gallicana, que tentou com a sua Constituição Aerostatica assombrar o Universo, e desluzir o esplendor da Patria dos *Newtons* e *Smiths*, que tantas luzes havião espalhado para a communicação de todas as Nações, e commercio franco dos productos de sua terra e industria. Com singular força de caracter, argumento, e estilo, contribuiu poderosamente, no fervor das geraes preocupações, a libertar a sua Nação do Monstro da Revolução (*), que, semelhante a Saturno da Mythologia, *devora os proprios filhos* (**), e que já começava a pôr alli invisível pé, e ganhar terreno, pela secreta correspondencia da Assembleia Franceza com hum Conciliabulo de Londres (***) de mal intencionados, descontentes, e fanaticos (de que nenhuma Nação he isenta) os quaes, blazonando de conhecimentos superiores, e patriotismo heroico, tinhão posto em seu animo corromper o bom natural dos Bretões, fazendo circular milhares de copias de libellos incendiarios, e com predilecção de *Thomaz Paine*, adoptado pela dita Assembleia, e unido a seu Corpo, que intitulo *illuminado* e *illuminante*; tendo-se-lhe depois ali retribuido o galardão de ser tratado por idiôta, e destinado a perder a vida, por seguir o partido dos *Brissoiros* (****), e não chegar á altura da *Montanha*, onde trovejavão, como os Titães da fabula, os *Marats* e *Roberspieres*, cujos abortos ainda hoje horrorisão, e que bem se poderião classificar como pertencentes á ordem das feras mais carniceiras, mal tendo a face de homens, quaes descreveo Juvenal

Nomen erit tigris, pardus, leo, et siquid est quod
Fremat in terris violentius.

A pezar dos desfavoraveis juizos que alguns fizerão do merito de Burke, considerei ser util assoalhar algumas amostras dos pensamentos deste insigne Mestre de Sciencia prática de Administração, e Politica Or-

(*) Bem lhe quadra a descripção de Horacio : Desinit in piscem mulier formosa superne.

(**) Expressão de hum dos Membros da Assembleia Franceza, indo ao patibulo por sentença dos Collegas.

(***) Intitulava-se *Sociedade da Revolução*.

(****) Sectarios de *Brissot*, chefe do Partido dos chamados *Federalistas*, o qual proclamou, que se devia pôr fogo aos quatro cantos da Europa, e fazer saltar os seus Governos, pela erupção vulcanica dos Dogmas da Liberdade e Igualdade.

thodoxa; por ser o mais valente Antagonista da Seita Revolucionaria, e o que, ensinando realidades, e não chimeras, expoz os *Verdadeiros Direitos do Homem*; lançando exacta linha divisoria entre as *ideas liberaes* de huma Regencia Paternal, e as *cruas theorias* de especuladores methaphysicos, ou machiavellistas, que tem perturbado, ou pervertido a immutavel Ordem Social, estabelecida pelo Eterno Regedor do Universo, e convencendo a impiedade, e inercia dos Principios Francezes, que tem causado tão grandes desastres.

Tomei por isso o presente trabalho, persuadido, de que breve transumpto extrahido dos escritos da maior nomeada de Burke, ficando mais ao nivel de todas as classes, que não podem ler o original, servirá de antidoto contra o pestifero miasma, e subtil veneno das sementes d'Anarchia e Tyrannia da França, que insensivelmente voão por bons e más ares, e por todos os ventos do Globo. Notorios successos de algumas regiões d'America, que já derão horridos exemplos de attentados da Gollomania, ditião as maiores precauções contra o contagio desta segunda *Lues Celtica*. Hum epilogo das doutrinas daquelle Estadista he opportuno a extirpar pensamentos scelerados, e vãs esperanças, dos que se prevalecem das dissensões e desgraças dos tempos, para turbarem a harmonia dos Estados, e fazerem paródias das portentosas maldades francezas.

Não proponho este resumo como Symbolo de Fé Politica, e nem ainda como perfeito modelo de composição de literatura. Muitos descontos se devem dar a quaesquer escritos, ainda dos sabios da primeira ordem (*). Deixo aos Leitores formarem por si o devido conceito; na certeza de que se fixará a opinião a respeito de hum Genio tão feliz; que doura tudo que toca, e que parece ter concentrado a *Sabedoria das Idades*.

Burke foi arguido de declamador, que defendia notorias corrupções dos Governos, contradictorio a seus antigos principios, e vendido á Corte. Mas elle soube desprezar injurias, e confundir calumniadores. A Apologia que deo contra emulos e maldizentes, por si falla, e contém sobeja justificação, não menos da causa dos Governos regulares, que da pessoa de seu Defensor. O Philantropo de boa fé pôde innocentemente desejar melhora das cousas humanas; mas o Homem de Estado só consulta o que he praticavel nas circumstancias de cada Nação. Isto he o que fez Burke. Não se eclipsa a sua virtude por ter-lhe o Soberano feito justiça, remunerando dignamente os seus tão assignalados serviços, como usa conceder a todos os eminentes Servidores do Estado; sendo esta huma das principaes causas de se crearem em Inglaterra tantos homens de saber prodigioso, e de espirito duplicado dos Aristides, Fabricios, e Cincinnatos, que tem honrado a Especie.

Burke judiciosamente observou, que não se precisava de talento, nem

(*) ,, Se pensais ver huma obra sem defeito, pensais no que nem houve, nem ha, nem haverá. Em qualquer composição attendei o fim do Escritor: se escolheo os meios proprios, e os dirigio com acerto, merece applauso, com despejo dos defeitos triviaes. Dez censurão sem razão por hum que escreve mal...

sagacidade fóra do commum , para notar irregularidades na regencia dos Estados, e os abusos dos nobres, ricos, e administradores publicos : a questáo só he sobre os opportunos remedios de prevenir os damnos, e emendallos.

Execrar revoluções não he defender desgovernos, nem excluir boas leis. Ainda os melhores Soberanos e Administradores são obrigados a conformarem-se ás opiniões das diversas ordens do Esrado. Quando o remedio he peor que o mal, até as boas reformas são inuteis, ou nocivas. As revoluções são como os terremotos : tudo arruináo, e nada reparáo. A sociedade civil, depois de convulsões politicas, sempre torna a compor-se de ricos, e pobres, nobres e plebeos, bons e máos, quem mande e quem obedeça. A scena será renovada, e unicamente mudarão os actores. Só a doce influencia da verdadeira Religião, e o progresso da cultura do espirito, podem diminuir erros e vicios dos homens, e fazer durar e florecer os Imperios. Mas perfeição ideal he de absoluta impossibilidade (*). Que se ganha em revoluções? As ambições desordenadas se desenfreiáo. He preciso confiar a Força Publica de novas máos, e concentralla na de poucos, ou de algum, para resistir-se aos inimigos internos e externos. Eis organizada a oligarchia, que logo finda em Dictadura, e Tyrannia. Tal he o desfecho das Revoluções antigas e modernas: e em algumas, o Despotismo se firmou para sempre.

Contra os que tem feito severas invecctivas a Burke basta dizer, que, se o fundo capital da doutrina he solido, ainda os desvios dos entendimentos extraordinarios, empregados no bem da Humanidade, são mais objectos de escusa, que de censura.

Gibbon, profundo Author da Historia da decadencia do Imperio Romano, achando-se retirado na Suíssa no tempo das mais tragicas scenas da Revolução Franceza, e vendo em fim realizadas as prophcias de Burke, deo ás Obras deste Escriitor o competente apreço; e a final nas suas *Memorias posthumas* deixou a seguinte Protestação — *Assigno o Credo de Burke sobre a Revolução da França; admiro a sua eloquencia; e adoro os seus sentimentos cavalleiros (**)* etc. Elle igualmente reconhece o bem que Burke fez á Inglaterra, livrando-a do Cahos da anarchia, em que tambem correo risco de se precipitar. Diz mais „ A prosperidade de Inglaterra fórma soberbo contraste com as desordens da França. A Revolução deste paiz humilhou tudo que era alto, e exaltou tudo que era baixo. O vivo, mas irregular, espirito da Nação Franceza, em lugar de edificar huma boa Constituição, só a mudou em anarchia e tyrannia. A Gloria Britanica está pura e esplendida. Se Inglaterra, com a experiencia da propria felicidade, e das desgraças da Europa, ainda se deixar seduzir pelos laídos dos ficiosos, e quizer comer o pomo da *falsa liberdade e igualdade*, ella merecerá ser exterminada do paraizo que goza. „

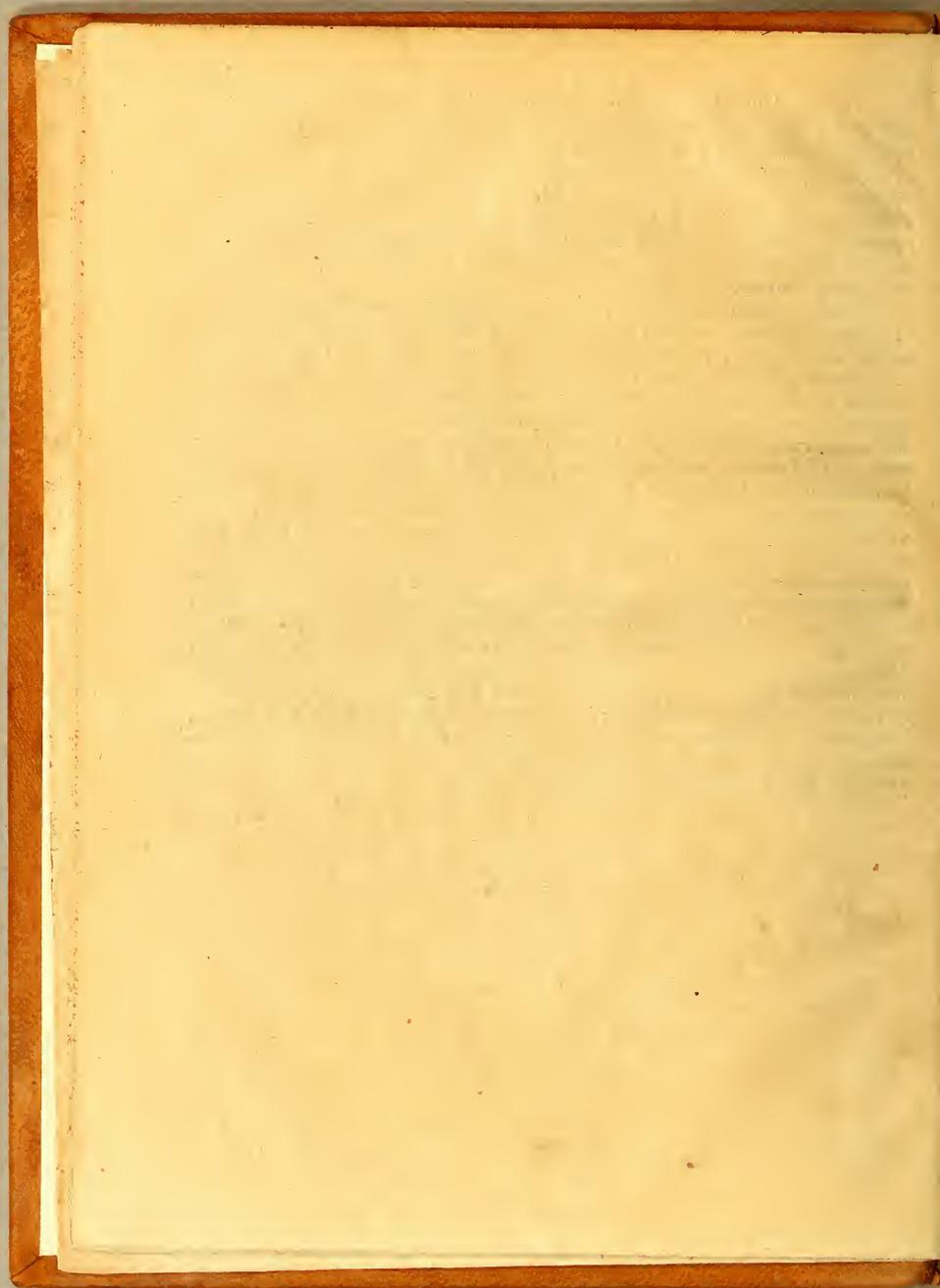
Os mais distinctos Escriitores de Inglaterra são admiradores de Bur-

(*) *Vitia erunt, donec homines.* — Tacitus.

(**) I beg leave to subscribe my assent to Mr. Burcke Creed on the revolution of France. I admire his eloquence; I approve his politics; I adore his chivalry ect.

ke; e o quasi unanime parecer da parte sã dos pensadores de boa fé, he que elle apresentou o padrão do maior espirito publico, empregado para os melhores destinos, e que a sua sabedoria, e eloquencia, desvanecendo as especulações illusorias de politicos superficiaes, dera aos Regedores das Nações prudentes conselhos para reergatarem a Europa da Barbaridade Francaza, e prevenirem futuras revoluções com saudaveis reformas dos respectivos Estados. Bastará citar o seguinte testemunho publico do Corpo Academico de huma das mais illustres Universidades; que dirige esta Carta a Burke.

„ Nós abaixo assignados, residentes graduados da Universidade de Oxford, rogamos, que vos digneis acceitar esta respeitosa declaração dos nossos sentimentos, como tributo que desejamos pagar aos vossos brilhantes talentos, empregados no adiantamento de bem publico. Pensamos ser proprio e conveniente aos amigos da nossa Igreja e Estado confessar abertamente as suas obrigações aos que se distinguem na sustentação dos nossos approvados Estabelecimentos; e julgamos ser do nosso especial dever fazer este Manifesto em hum tempo, que particularmente he marcado por hum espirito de temeraria e perigosa innovação. Como Membros da Universidade, e cujos Estatutos abração todas as partes das Sciencias de proveito, e ornamento, nos julgariamos justificados em fazer esta Carta congratulatoria, ainda se tivessemos sómente a offerecer-vos os nossos agradecimentos pelo precioso augmento, que com as vossas importantes obras recebemos para o fundo da Literatura Nacional. Porém temos mais altos objectos de consideração, e mais nobres motivos de gratidão; pois estamos persuadidos, de que consultamos aos reaes e permanentes interesses desta Universidade, quando reconhecemos os eminentes serviços que tendes feito á nossa Constituição, pela vossa habil e desinteressada Demonstração dos seus verdadeiros principios; e que obedecemos ainda mais á sagrada obrigação de promover a causa da religião, e da moralidade, quando damos esta prova, de que honramos o Advogado por quem ellas tem sido tão eloquente e effectivamente defendidas. „



REFLEXÕES

SOBRE

A

REVOLUÇÃO DA FRANÇA.

A FRANÇA presentemente, vista com olhos attentos, deve ser considerada como exterminada do Systema da Europa. Por inesperada Revolução da sua Monarchia, esta cahio de grande altura com velocidade accelerada: he difficil subir outra vez a ella, pois isso se oppõe ás leis da gravitação physica, e politica. O factio he assombroso, e faz a todos, que pensão, tremer da incerteza de todas as grandezas humanas.

Os Francezes se tem mostrado os mais habéis Architectos de ruinas, que tem até agora havido no mundo. Em breve espaço de tempo deitirão por terra a sua Monarchia, a sua Igreja, a sua Nobreza, a sua Lei, a sua Renda Publica, a sua Marinha, o seu Commercio, as suas Artes, e as suas Manufacturas. Elles fizerão para nós espontaneamente, o que farião, os que procurassem estabelecer a nossa superioridade a taes respeito. Se fossemos os seus absolutos conquistadores, e a França estivesse prostrada aos nossos pés, nos envergonhariamos em mandar-lhes Enviados a assentarem os seus negocios, a fim de impor-lhes huma lei tão dura, e tão destructiva da dignidade de huma Nação, como elles impozirão a si mesmos.

Luiz XIV. no fim do seculo decimo septimo estabeleceo o maior, e o mais bem disciplinado Exercito, que jámais se tinha visto antes na Europa, e, com elle, hum perfeito despotismo. Mas este despotismo era ornado por boas maneiras, galantaria, esplendor, e magnificencia, e estava coberto com os mantos (que muito impoem) da sciencia, literatura, e artes. Era assim huma Tyrannia doirada. Desde então o mesmo espirito de magnificencia, e amor de exercitos permanentes, e de grandeza, que excedia as facultades de pagamento do povo, se introduziu em cada Corte da Europa.

A admiração daquelle Reino florente, e feliz, quasi ganhou todas as sortes de Estados. Mas em Inglaterra os bons patriotas do tempo lutarão contra essa seducção. Elles forão anciosos em romper toda communicação com a França, e produzir no povo total apartamento de seus conselhos, e exemplos.

A

Hoje em dia o mal está totalmente mudado na França. A doença alterou-se; porém a vizinhança dos dous paizes existe, e os naturaes habitos dos espiritos actualmente são taes, que o segundo Mal Francez vem a ser mais contagioso, que o primeiro. Não he facil espalhar no povo a paixão pela escravidão; mas agora todos os males do genero opposto são fomentados pelas nossas naturaes inclinações: visto que o despotismo he sempre odiado; porém huma falsa apparencia de liberdade he recebida por ouvidos promptos. Antes da queda da Monarquia, estavamos em perigo de ser arrastados pelo exemplo da França na rede varredoura de seu inquieto despotismo militar. O presente perigo procede do *máo exemplo de hum povo, cujo character não conhece meio nas cousas*: este perigo he o da anarchia, e tyrannia, que della ha de no fim sobresahir.

O maior perigo politico resulta da admiração da fraude, e violencia feliz, para em todos os paizes se imitar a irracional, impia, e feroz democracia, que proscreve, confisca, rouba, e assassina. Devem temer, ainda mais que todos, os individuos que tem propriedade, e principalmente os das Ordens Superiores, que sustentão os Governos regulares, e são os pilares dos Thronos. Da parte da religião, o perigo já não he da antiga Intolerancia Franceza, mas da sua infidelidade atheistica; que he hum vicio vil, e desnaturado, inimigo de toda a dignidade, - e consolação do Genero humano, que parece agora na França ter sido incorporado em Facção, e que se acha acreditado, confessado, e até proposto a ser o Syn-bolo da Nação (1).

Não sou inimigo de reformas. Quasi em todas as deliberações, em que fui Vogal no Parlamento, desde o primeiro dia, em que nelle tive assento, o meu principal negocio foi *justa reforma*; empenhando-me em corrigir abusos velhos, ou resistir a novos. Mas, em minha opinião, *reformar, não he fazer em pedaços a architectura do Estado*: isso não só previne toda a real, e precisa reforma, mas até introduz males, de que depois em vão se pôde achar emenda, e reforma alguma.

Penso que a Nação Franceza obrou sem sabedoria em destruir a sua Constituição. Isto, de que ella muito se préza, redunda-lhe em perpetua deshonra. Gloria-se de ter feito a revolução do proprio paiz, como se revoluções fossem em si cousas boas. Todos os horrores, e todos os crimes da anarchia, que conduzem á revolução de hum Estado, e que se augmentão com o seu progresso, se representão como nada aos amantes de revoluções. Para prevenir o contagio, e curso de tão horrivel Mal Francez, eu abandonaria os meus melhores amigos, e me congraçaria com os meus mais encarnicados inimigos; a fim de me oppor a todos os violentos esforços do *espirito de innovação*, que he só calculado a derribar o Imperio, e está muito longe dos verdadeiros principios das saudaveis reformas, e antes vem a ser absolutamente incompatíveis com as mesmas.

Era do dever dos que influirão na destruição da França, só reparar

(1) Ainda no principio deste Seculo se publicou na França o Dictionario dos Athões, em que o proprio Author se poz na cabeça do fol.

os agravos. Se os presumidos reformadores fossem virtuosos, e sabios; devião para isso no seu melhor juizo segurar a estabilidade do Throno, e das diversas ordens do Estado; mas, em lugar de melhorarem a fabrica de sua Monarchia, destruirão todas as balanças, e contrapezos, que servião a fixar o Estado, dar-lhe firme duração, e fornecer os correctivos do violento espirito, que podesse prevalecer em algumas de suas partes constituintes. Elles arrazarão o edificio com a maior temeridade, e confundirão tudo em huma incongrua, e desconnexa massa.

Depois de completarem a sua obra de destruição, e não obra de reforma, immediatamente, com a mais atroz perfidia contra o seu bom Soberano, e quebra de fé contra os proprios concidadãos, pozerão o machado á raiz de toda a Propriedade, e consequentemente de toda a Prosperidade Nacional, pelos principios, que estabelecerão, e pelos exemplos que derão em confiscar todos os bens da Igreja, e depois os da Nobreza. Os seus superficiaes, e altanados Jurisconsultos fizeram huma sorte de *Instituta*, *Digesto*, e *Codigo* da anarchia, dando o titulo de *Direitos do Homem*, com tal pedantesco abuso dos elementares principios da Jurisprudencia, que até servirião de ignominia a meninos de escola. Mas a sua *Declaração de Direitos* foi peor, que ridicula pedantaria escolastica; pois, com tal nome, e authoridade elles destruirão systematicamente todo o doce vinculo interno, que as opiniões religiosas, e civis tinham no espirito do povo. Por esta declaração subverterão o Estado, e atrahirão a seu Paiz calamidades, que nenhum paiz civilisado jámais soffreo.

Na sua Revolução não houve combate entre a Tyrannia, e a Liberdade. O sacrificio que os demagogos, ou instigadores do povo fizeram da paz, e fama do seu paiz, não foi feito no Altar da Liberdade. Estabelecerão huma democracia, ou tumulto o mais desordenado de homens furiosos, para exercitarem (o que era necessaria consequencia da sua precipitação, e estulticia) o *despotismo da gentalha*, que he a *peior especie da tyrannia*. O seu real objecto foi o abaterem todas as legitimas insituições sociaes, que regulão, e unem todas as classes da Communidade em doirada Cadeia de subordinação. Elles fizeram rebellar soldados contra seus Officiaes; criados contra seus amos; artistas contra seus Mestres; rendeiros contra seus Senhorios; Curas contra seus Bispos; filhos contra seus pais; vassallos contra o seu Soberano. A sua causa não foi inimiga da Servidão, mas da Sociedade.

Considere se o como em qualquer paiz seria olhada huma insurreição plebeia, em que, como na França, se demolissem Palacios, e os Ecclesiasticos, e Ricos fossem descompostos, routados, e destruidos; queimando se nas suas proprias faces os seus titulos antigos, e sendo suas pessoas, e familias forçadas a exterminio, e a procurarem refugio por todas as Nações da Europa, sem outra razão, e culpa mais, do que o terem nascido com solares de nobreza, serem proprietarios de terras, e fundos, e se constituirem suspeitos de quererem conservar a sua consideração, e os seus bens?

A deserção dos Francezes foi huma abominavel sedição, e implacavel hostilidade a toda a gente nobre, e de educação, e cuja salvagem se-

nhã de motim era o pavoroso grito — eis o *Aristocrata* — para animar-se a canalha sanguinaria, e incapaz de nobres sentimentos a commetter roubos, e assassinatos, sendo irritada a todos os excessos por homens ambiciosos, e scelerados, que intentavão humilhar, e abater tudo, o que era respeitavel, e virtuoso da Nação, quasi pondo em eterno opprobrio o nome de hum paiz antes tão famoso no mundo como a França. Até a força militar foi pervertida na disciplina, e politica. Levantou-se a Tropa Nacional contra a Tropa de Linha. Fez-se balança dos Exercitos, e não dos Corpos do Estado. Isto estabeleceo a guerra civil.

He estranho comparar a *Revolução da França* com a *Revolução de Inglaterra*. Na epocha desta, o Principe de Orange, Principe de sangue Real da Gram Bretanha, foi chamado ao Throno Britannico pela flor da Nobreza Ingleza, para defender a sua *Antiga Constituição*, e não para nivellar todas as Distincções, pelo vil conceito de *falsa Liberdade, e Igualdade*. A obediencia militar só mudou de objecto; mas a disciplina militar nem por momentos foi interrompida no seu principio. Que comparação tem a chamada Assembleia Constituinte Franceza, com a Magestade da Representação da Nação Ingleza!

A Revolução da França foi em tudo o avêso da Revolução de Inglaterra, que ora sustenta no Throno dos Reinos Unidos a Soberania da actual Casa Reinante. Entre nós, o caso foi de hum Monarcha legitimo querendo arrogar-se hum poder arbitrario: na França, o caso foi de hum Monarcha absoluto, intentando legalisar a sua Authoridade, e querendo estabelecer huma Monarchia limitada. Não se tratou jámais na Gram Bretanha de mudar as Ordens do Estado, nem arruinar o Governo; só se procurou legalisarlo, conservando-se as partes constituintes da Monarchia. A dizer propriamente a verdade, e a real substancia das cousas, não se fez revolução verdadeira, mas prevenio-se que ella se fizesse com as convulsões, que as revoluções trazem consigo. Só exigimos solidas garantias, tomámos assento de questões duvidosas, e corrigimos anomalias da nossa Lei. Não se fez revolução, nem ainda alteração, nas partes fundamentais e estaveis da nossa Constituição de que já gozavamos; tambem não diminuímos as justas e necessarias prerogativas do Monarcha e da Coroa, antes consideravelmente as fortificámos. A Nação ficou conservando as anteriores Ordens, classes, privilegios, franquezas; as identicas regras da propriedade; as mesmas subordinações; igual ordem na Lei, Renda Publica, Magistratura; sustentámos as Camaras dos Lords, e Comuns, as mesmas Corporações, e os mesmos Eleitores. No Acto do Parlamento apenas houve desvio da rigorosa regra da successão, em favor de hum Principe, que, posto não fosse o immediato, era o mais proximo na linha da successão. O Lord *Somers*, que lavrou a Lei de Declaração de Direitos, se comportou nesta delicada occasião conforme ao senso do povo; dizendo, que “era admiravel providencia, e misericordiosa benção de Deos á Nação, preservar as Pessoas de Suas Magestades Reaes, para felizmente reinarem sobre o Throno de seus Antepassados; sobre o que, do fundo dos seus corações, todas as Ordens do Estado davão suas graças e louvores.”

Tambem em tal Revolução, a Igreja não soffreo o menor eclipse e detrimento. Os seus redditos, a sua majestade, o seu esplendor, as suas ordens e gradações, continuarão a ser como d'antes erão. Ella conservou-lhe toda a sua religiosa efficacia, e só a libertou de certa intolerancia, que produzia fraqueza, e menos gloria. A Igreja e a Monarchia pois ficarão sendo as mesmas, e só se constituirão melhor seguras. Não se fez Revolução na Constituição: tudo foi bem, porque principiou-se por fazer *reparação*, e *não ruina*. Em consequencia o Estado floreceo. Em lugar de se prostrar como hum defunto, ou permanecer em huma sorte de transe, como outros Estados, com accessos epilepticos, expostos á irritação ou piedade do mundo, e só fazendo, semelhantes á França, estrondo por movimentos convulsivos, sem algum proposito ou effeito mais, que o de quebrarem a propria cabeça sobre o pavimento, a Gram Bretanha se elevou sobre o seu mesmo prototypo.

Dahi em diante começou huma Era de prosperidade nacional mais avantajada, a qual, ainda continua, não obstante a devastadora mão do tempo, e não só sem diminuição, mas até com augmento. Todas as energias do paiz se despertarão. Inglaterra tem por isso mostrado mais firme rosto, e mais vigoroso braço, a todos os seus inimigos, e rivaes. A Europa sob seus auspicios respirou e reviveo. Em toda a parte ella tem apparecido como Protectora, Assertora, e Vingadora da verdadeira liberdade, e tem sustentado guerra até contra a mesma Fortuna. Ella fez logo concluir o Tratado de *Riswick*, que limitou o poder da França; e consolidou a Grande Alliança, que abalou até nos alicerces o tremendo Colosso Gallico, que ameaçava a independencia do Genero Humano. Os Estados da Europa forão felizes á sombra desta Grande e Livre Monarchia, que sabe ser grande, sem pôr em perigo a paz interior do proprio paiz, e a paz externa de quaesquer dos seus vizinhos.

A Revolução Franceza só tem feito dar esplendor á obscuridade, e distincção aos meritos os mais indistinctos. Tive a mais inexprimivel admiração, quando me veio noticia, de que a *nova*, que se denominou em Londres *Sociedade da Revolução*, tomando huma sorte de importancia publica, e capacidade legal, dirigia cartas de parabens á que se intitulou *Assemblea Constituinte* da França, que havia completado tamanhas descordens em seu Paiz. Nenhuma pessoa ou Companhia particular, que não tem geral missão apostolica, pôde, sem a maior irregularidade, abrir formal e publica correspondencia com algum novo Governo de Nação Estrangeira, sem expressa authoridade do Governo sob o qual vive.

Sou homem lizo, e não posso ver com serenos olhos procedimentos mui refinados e engenhosos dos que se considerão superiormente illuminados, e que tomão, de motu proprio, os ares e maneiras dos estratagemas politicos. Lisongeo-me de amar (ao menos com igual zelo que outros,) a varonil, moral, e bem regulada liberdade civil. Tenho dado disso provas em minha conducta publica: mas não sou dos mais adiantados em dar louvor a qualquer cousa relativa a acções humanas, e negocios politicos, unicamente pela superficial vista do objecto, espoliado de todas as mais relações da Sociedade, e na nudez, e solidão das abstracções methaphysicas.

Circunstancias (que, no juizo de alguns cavalleiros; se considerão em nada) são, no meu fraco entender, as cousas mais essenciaes, e que na reutilidade dão a todo o principio e plano politico a conveniente côr, e effeito distincto, para se qualificar com discernimento a sua natureza. Taes circunstancias são as que constituem a cada Projecto civil, e politico, ora beneico, ora prejudicial ao Genero Humano.

Abstractamente fallando, *Governo*, e *Liberdade*, são cousas boas. Em *sensu communi*, ha dez annos poderia felicitar a França pelo gozo de seu governo, sem inquirir sobre a natureza de tal governo, e se era bem administrado. Poderei eu congratular agora a mesma Nação pela sua liberdade? Por isso que a liberdade, em abstracto, se deve contar entre os bens do Genero Humano, poderia alguém seriamente felicitar a hum louco, por haver escapado da protectora restricção, e saudavel escuridade da surcazinha, e de ter obtido restauração da luz, e liberdade? Darei parabens a hum saltador de estrada, e assassino, porque, quebrando a sua prizão, recobrou os seus direitos naturaes? O heroico libertador dos Condemnados a galés, só seria reputado por cavalleiro metaphysico de triste figura.

Quando vejo o espirito de liberdade em acção, vejo hum principio forte, posto em obra. Então hum gaz turbulento, ou centrifugo ar fixo, he solto dos seus naturaes vinculos. Devo pois suspender o meu juizo, até que a primeira effervescencia se tenha esfriado, o licor se clarifique, e se possa ver no fundo alguma cousa mais do que sómente a agitação de turbada e escura superficie.

A lisonja corrompe a quem a faz e a quem a recebe; e a adulação dos povos não lhes he de melhor serviço, que a dos Reis. Deviamos logo demorar as congratulações á França pela sua nova liberdade, antes que se viesse no cabal conhecimento, do como ella tinha sido combinada com a regularidade do governo; com a força publica; com a disciplina e obediencia do exercito; com a effectiva collecta e boa distribuição das Rendas do Estado; com a moralidade e religião; com a solidez da propriedade; com a paz e ordem; com as maneiras civis e sociaes. Sem estas cousas, a liberdade não he beneficio, ou vantagem duravel, mas antes maleficio, e desordem.

O effeito da liberdade nos individuos he fazerem o que lhes agrada; mas he necessario que primeiro saibamos que cousas são as que lhes agradão, antes que nos arrisquemos a dar-lhes os parabens, que se são logo tornar em pezames. A prudencia assim o dicta, em caso de homens particulares, e obrando solitariamente; quanto mais o deve ser a respeito de Nações?

A *liberdade*, quando os homens opérão em corpo, vem a ser *poder*. Toda a gente de consideração pois deve, antes de se declarar em applausos, observar o uso que taes homens fazem deste *poder*, e particularmente de huma cousa tão perigosa como he de *novo poder*, em *novas pessoas*, e obrando por *novos principios*, e quando aliás não tem ainda dado provas de seus temperamentos, e disposições, com pouca ou nenhuma experiencia dos negocios das Nações, e quando se achão em situações e scenas, em que talvez os actores não são os seus motores.

Comprehendendo-se todas as circumstancias, a Revolução Franceza he o mais assombroso phenomeno que tem acentecido no mundo. As cousas mais maravilhosas ás vezes vem á luz pelos meios mais absurdos, nos mais ridiculos modos, e pelos mais despreziveis instrumentos. Porém allí tudo parece estar fóra da natureza, no seu estranho cahos de leveza e ferocidade. Vem-se todas as sortes de crimes, complicados com todas as sortes de loucuras. Nesta tragicomedia, as mais oppostas paixões se revezão necessariamente, e vão de encontro no espirito: ora tem-se alternativamente desprezo, e indignação; ora riso e lagrimas; ora desdem e horror.

A experiência nos tem ensinado, que *não ha outro mais certo expediente de perpetuar a nossa regular liberdade, senão guardando, do modo o mais sagrado, o direito da successão hereditaria na Coroa, e nas propriedades da Nação.*

Pela guarda inviolavel desta regra, o *espirito de cautela* predominou em a nossa Revolução no Conselho Nacional, estando-se aliás em situação, em que os homens irritados pela oppressão, e elevados pelo triumpho sobre ella, erão propensos a abandonarem a si mesmos a procedimentos violentos e extremos: elle mostrou a anciedade dos grandes homens que influirão na conducta dos negocios nessa grande época, para fazerem que a revolução fosse a má dos bons estabelecimentos, e não a matriz de futuras revoluções. A nossa Constituição não fez do Rei huma *Justiça de Aragão*, (1) nem estabeleceu Tribunal em que elle se submettesse a alguma responsabilidade, antes constituiu a sua *Pessoa Sagrada*, e, na presumpção de Direito, inpeccavel.

A nossa mais antiga reforma he a *Magna Carta* do Rei João. *Co-ke*, o Oraculo da nossa Lei, e todos os grandes homens que o seguirão até *Blackston*, se esforção em mostrar, que esta foi a columna da nossa Liberdade, e que era connexa com outra Carta mais antiga de Henrique I., e que huma e outra não erão mais que mera confirmação de ainda mais antiga e constante *Lei da Terra*. Assim foi sempre a firme politica destes Reinos considerar os mais sagrados direitos, e *franquezas*, como *herança*.

Na famosa Lei de Carlos I., chamada a *Petição de Direito*, o Parlamento disse ao Rei — os Vossos Vassallos tem herdado esta liberdade —; reclamando as suas franquezas, não pelos abstractos principios de *Direitos do Homem* á franceza, mas como direitos consuetudinarios dos Inglezes, e patrimonio derivado de seus antepassados. A uniforme policia pois da nossa Constituição na Revolução só reclamou e consolidou a *herança fidei-commissaria* dos nossos maiores, para ser transmitida tambem illesa á nossa posteridade.

Por isso temos Coroa hereditaria: Nobreza hereditaria: Casa de Com-muns e Povo herdando privilegios, franquezas, e liberdade, por huma

(1) Isto allude ao antigo uso do governo feudal de Hespanha, e em particular do Reino de Aragão, em que os Deputados das Cortes, escolhendo Rei, propunhão-lhe condições, dizendo: *se assim, sim; se não, não.*

longa linha de muitos avós de avós , para perpetuidade da Monarchia Britannica. Assim poderemos dizer

———— multos que per annos
Stat fortuna domus, et avi numerantur avorum.

Esta policia parece-me o resultado de profunda reflexão, ou (para melhor dizer) he o feliz effeito de seguir-se o *dictame da natureza*, que he a *sabedoria sem reflexão*, e que vem a ser ainda sobre ella. Não se pôde olhar para os vindouros, sem tambem elevar as nossas vistas aos antepassados. A idéa de herança fornece seguro *principio de conservação*, e seguro *principio de transmissão*, sem todavia excluir o *principio de melhora*. Ella deixa livre os meios de novas aquisições, e segura o adquirido.

Quando hum Estado se governa por estas maximas, constitue-se huma sorte de *Estabelecimento de Familia*, com a perpetuidade das *Corporações de mão-morta*. Quando a Policia Constitucional obra sobre o modelo da natureza, transmitimos o nosso governo, e os nossos privilegios, como transmitimos as nossas vidas, e as nossas propriedades. Assim as instituições saudaveis, os bens da fortuna, os dons da Providencia, se traspassão, como de mão a mão, de pais a filhos, na mesma carreira e ordem das operações da Natureza; e então o Corpo Politico se mantem em saude habitual de hum boa Constituição.

O nosso Systema está posto em justa correspondencia com a harmonia do Mundo, e com o modo de existencia decretado a hum Corpo permanente, composto de partes transitorias, pela disposição da estupenda Sabedoria, que moldou a grande mysteriosa incorporação da Especie Humana, e que, subsistindo no todo em huma constancia immutavel, se move por variado theor de perpetua decadencia, morte, renovação, e progresso das suas partes componentes. Assim afferando-nos aos bons principios dos nossos antepassados, não somos guiados pela superstição dos antiquarios, mas pelo espirito de analogia philosophica. Nesta escola de herança, damos á nossa forma politica a imagem de consanguinidade: e ligando a Constituição politica aos nossos mais caros laços domesticos, e adoptando as nossas leis fundamentaes no seio das nossas affeições de familia, sustentamos inseparaveis, e amamos com ardor de todos os caracteres combinados, e mutuamente reflectidos, o nosso Estado, os nossos lares, os nossos sepulchros, e os nossos altares.

Pelo mesmo plano de conformidade á natureza em as nossas artificiaes instituições, e chamando em ajuda dellas os seus poderosos instinctos (que não errão) para fortificar os falliveis e fracos esforços de nossa razão, temos percebido não pequenos beneficios de considerar a nossa liberdade como herança. Procedendo sempre como em presença de nossos canonisados avós, o espirito de liberdade, (que de si mesmo se precipita a excessos) he temperado por huma-respeitosa gravidade. A idéa de huma descendencia liberal nos inspira sentimentos de nativa dignidade; no que se previne a insolencia de levantados, que quasi inevitavelmente acompanha e deshonna os que repentinamente adquirem alguma distincção.

Por este meio , a nossa liberdade vem a ser huma nobre franqueza , e traz consigo hum aspecto majestoso , dando lustre á prosapia dos nossos antepassados. Ella apresenta os seus timbres e brazões : ella tem sua galaria de retratos : suas inscripções de monumentos : seus depósitos e titulos de nobreza. Procuramos reverenciar as nossas instituições civis , pelo mesmo principio com que a natureza nos ensina a reverenciar os individuos veneraveis , isto he , em attenção á sua idade , e aos seus bons ascendentes. Todos os sophistas Francezes não podem produzir cousa alguma mais propria a conservar a racional e varonil liberdade , do que a carreira que temos seguido , escolhendo por guia antes a natureza que a phantasia , e os nossos corações antes que as nossas ficções , para serem os reservatorios e armazens dos nossos direitos e privilegios.

Como , em o mundo natural , o conflicto reciproco de forças discordantes constitue a harmonia do Universo , assim , em o mundo politico , a reciproca opposição e combinação de interesses , longe de afeiar a nossa Constituição , põe nella os saudaveis contrabalancos , que retem na propria esphera , e nos devidos limites , todas as resoluções precipitadas. Elles fazem as nossas deliberações objecto de necessidade , e não de escolha ; e toda a mudança , só materia de concordata , a qual naturalmente produz moderação , e temperança , que previne o cancroso mal de quaesquer duras , e despropositadas reformas , e torna para sempre impraticaveis os temerarios esforços do poder arbitrario , seja de poucos ambiciosos , seja da plebe tumultuaria. Pela mesma diversidade dos membros e interesses de qualquer Nação , a geral liberdade tem tantas seguranças , quantos são os designios separados das differentes Ordens do Estado ; entretanto que , sendo todo o edificio equilibrado e comprimido pelo peso de huma monarchia regular , impede-se que cada parte solitaria se desconcerte , e salte dos seus competentes postos.

A França tinha todas estas vantagens no seu antigo systema ; porém preferio o obrar , como se nunca tivesse entrado no usual molde da Sociedade Civil , e como se houvesse de começar de novo a carreira da Civilisação. Principiou mal , porque principiou por desprezar tudo que lhe pertencia. Assemelhou-se a hum individuo que principia o seu commercio sem capital. Se as primeiras mais remotas gerações de tal paiz apparecessem sem lustre aos seus olhos , poderia ellas preterido , e procurado os direitos nacionaes em os seus mais proximos antepassados. Tendo por elles huma pia predilecção , os Francezes terião achado nos mesmos seus bons avós , hum padrão de virtude e sabedoria superior á pratica da gente actual , e se terião exaltado com os nobres exemplos que aspirassem imitar. Respeitando aos seus mais gloriosos antepassados , aprenderião a respeitar a si proprios. Não se terião considerado como hum povo de dous dias , e vil escravatura , que tentava conseguir a alforria , que suppõe ter-lhes vindo em 1789.

Não seira mais digno o considerar-se a Nação Franceza como huma Nação generosa , e cavalheira , sim ha muito tempo extraviada , em desvantagem propria , pelos seus altos e romanescos sentimentos de fidelidade , honra , e patriotismo ; mas que , supposto algúns successos politicos

Ihes fossem desfavoráveis, com tudo nunca fora reduzida á escravidão; por ter indole illiberal e servil, e que, na sua mais submissa reverencia ao Governo, era só incitada por hum principio de espirito publico, e que cada cidadão adorava o proprio paiz na pessoa do seu Soberano? Se tivesse feito entender, que, na illusão deste amavel erro, intentava adiantar-se aos antepassados, e estava resolvida a recuperar os seus antigos privilegios, conservando todavia o espirito da antiga lealdade e honra; se, desconfiando de si, e não tendo em estima as suas antiquadas Constituições, olhasse para a Gram Bretanha, que conservou sempre os bons principios e modelos da Lei Geral da Europa, já melhorada, e accommodada ao presente estado, seguindo os seus mais sabios exemplos, teria sem duvida dado novas provas de sabedoria ao Mundo.

Então a França faria a causa da liberdade veneravel aos olhos de toda a pessoa digna em qualquer Nação; o despotismo, por vergonha, se degradaria da terra; e a experiencia mostraria, que a liberdade, sendo bem disciplinada, não só era conciliavel, mas até auxiliar á Lei. Assim, em lugar de ter hum redito publico oppressivo, o teria productivo: sustentaria hum commercio florente; teria huma Constituição livre; huma poderosa monarchia; hum Clero reformado, e veneravel; huma Nobreza espirituosa, não insultante, e só propria a ser a guia da virtude nacional; teria tambem huma liberal Classe de Homens Bons da terra, para emularem a Nobreza, e entrarem gradualmente os seus melhores individuos para esta superior ordem; teria hum Povo bem protegido, constante, laborioso, subordinado, e instruido a procurar por justos meios a melhora da propria condição.

Então na França geralmente se reconhecera; que *a felicidade só se acha por meio da virtude de todas as condições de pessoas, e que nisso consiste a verdadeira igualdade moral do Género Humano*, e não em a monstruosa ficção dos revolucionarios, que inspirando idéas falsas, e vãs esperanças, aos individuos destinados a passar pela escura estrada de huma vida de trabalhos, serve sómente de muito agravar, e ainda mais estender, a real desigualdade, que não se pôde jámais remover, e que a ordem da vida civil estabelece, tanto para beneficio daquelles, a quem a fortuna deixa em hum estado humilde, como tambem para aquelles que se tem exaltado a huma sorte mais esplendida, ainda que não mais feliz.

Tire a França a conta de seus ganhos: veja o que lucrrou pelas extravagantes e presumptuosas especulações, que ensinarão aos Cabeças de revolução a desprezar todos os seus predecessores, e contemporaneos, e ainda a desprezar a si proprios, até o extremo de se reduzirem a ser verdadeiramente desprezíveis. A França, seguindo luzes falsas, comprou as mais certas calamidades por mais alto preço, do que outras Nações tem comprado ainda os bens mais seguros! França comprou pobreza por malfeitoria. França não só sacrificou a sua virtude ao seu interesse, mas até abandonou o proprio interesse para prostituir a sua virtude.

Todas as outras Nações tem principiado a fabrica de seu novo governo, e a reforma do antigo, estabelecendo logo na origem, e fazendo executar com grandê exacção, algum rito religioso de culto publico. To-

dos os mais reformadores tem firmado os fundamentos da liberdade civil em algum systema da mais austera moralidade, ainda que aliás differente nas maneiras. A França porém, soltando as redeas da Authoridade Real, redobrou a licenciosidade com a mais feroz dissolução dos costumes, e insolente irreligião em idéas e práticas; extendendo por todas as classes de individuos, e modos de vida, todas as infelizes corrupções, que ordinariamente produzem as enfermidades que se originão do abuso da riqueza e poder. Este foi hum dos falsos principios da igualdade Franceza, isto he a *igualdade de vicios*.

O Parlamento de Paris disse ao Rei, que, convocando os Estados Geraes, nada teria a temer do excesso do seu zelo em prover ao sustento do Throno. Os que derão esse conselho, trouxerão ruina sobre si, seu Soberano, e seu paiz. Taes declarações temerarias tendem a deixar dormir a Authoridade Real, e animalla a precipitar-se a aventuras perigosas de novas medidas politicas, de que se não tem experimentado os bons ou máos effeitos, e a desprezar as preparações e precauções, que distinguem a benevolencia da imbecillidade, e sem que, nenhuma pessoa pôde responder pelos saudaveis resultados de algum abstracto Plano de governo, ou de liberdade. Por falta destas precauções foi a Medicina do Estado corrompida em veneno proprio. Os conselheiros virão os Francezes rebellarem-se contra o seu ingenuo e legitimo Monarcha com mais furia e crueldade, que nunca povo algum praticou contra o mais illegal usurpador, ou contra o mais sanguinario Tyranno. Elles atirarão com a mais vil traição contra a mesma generosa mão, que lhes prodigalisava graças, favores, e immunidades.

Tudo isto foi desnaturado, mas o resto estava na ordem. Elles acharão o seu castigo no complemento dos proprios desvarios. Leis transtornadas; Tribunaes subvertidos; industria sem vigor; commercio expirante; renda publica abatida; o povo mais indigente; a Igreja espoliada; o Estado sem allivio; todas as cousas divinas e humanas sacrificadas ao idolo do Credito Publico; e com tudo a bancarrota nacional verificou-se; e, para coroar tudo, vans seguranças do *papel-moeda*, que inutilarão *Assignados*, destinadas a sustentar o novo, precario, e vacilante poder, não sendo senão desacreditadas garantias da fraude empobrecida, e da rapina mendicante, se constituirão o dinheiro corrente, em lugar das duas reconhecidas especies de numerario, (ouro e prata) que representão o duravel convencional credito do Genero Humano, as quaes desapparecêrão e se escondêrão na terra donde vierão, ao mesmo tempo que o principio da propriedade, de que ellas são creaturas, e representantes, foi systematicamente pervertido.

Na Assembleia Nacional da França, ainda que houvessem algumas pessoas de alto nome, e de brilhantes talentos, não se achou huma só que tivesse assás experiencia pratica de negocios de Estado. Os meliores Vogaes apenas erão homens de theoria. Em taes corporações, os cabeças que dirigem os collegas, são tambem guiados em seu turno por estes. Por mais altos que sejão os seus conhecimentos, he forçoso que conformem as suas propostas ao gosto, talento, e procedimento daquelles a quem di-

rigem : e por tanto ; se a companhia he composta em grande parte de viciosos , e fracos , só hum supremo gráo de virtude , que raras vezes apparece no mundo (e por essa razão não pôde entrar em calculo) he capaz de fazer , que os homens de genio , espalhados na geral massa , deixem de ser os instrumentos dos mais absurdos projectos. Se porém (o que he mais natural) em vez de terem hum gráo de virtude além do ordinario , forem agitados de sinistra ambição , e lascivo desejo de gloria metetricia , então a parte fraca de tal corporação vem por fim a ser o instrumento de seus designios. Neste trafico politico , os cabeças serão tão obrigados a curvar-se á ignorancia dos seus sequazes , como estes a servirem aos peiores designios de seus directores.

Para segurar pois algum gráo de sobriedade nas propostas feitas pelos que tomão o ascendente nas deliberações da Assemblea publica , he necessario que respeitem , e que em algum gráo temão aquelles , a quem encaminhão , e dão impulso nas obras. Ora nenhuma cousa pôde segurar hum firme e moderado procedimento em taes Assembleas , senão o ser o seu corpo respeitavelmente composto de muitas pessoas , que em condição de vida , permanente propriedade , e nobreza de educação , tenham adquirido habitos que alarguem e liberalizem o entendimento.

Porém a Assemblea Nacional da França foi composta , não de Magistrados distinctos , que já tivessem dado a seu paiz penhores de sciencia , prudencia , e integridade ; não de Advogados avantajados , que tivessem sido a gloria do Foro ; não de Professores famosos das Universidades ; mas na maior parte se encheo de multidão de membros inferiores illiteratos , e até de mechanicos , meros intrumentos passivos na mão dos Collegas de superior capacidade ; escuros Advogados de provincia ; Procuradores e Escrivães , e mais trem de gente que sempre viveo de trapagás , e da pequena guerra de demandas de villas. Onde quer que se entregue a authoridade suprema a hum Corpo assim composto , hão de se experimentar os effeitos de se confiar tão sagrado poder a pessoas , que não tem sido ensinadas habitualmente a respeitar a si mesmas , e que não são dotadas de prévia fortuna que lhes dê caracter que sustentem , não se pôde esperar , que manejem com moderação , ou condução com discernimento , hum poder , que elles mesmos , mais ainda do que quaesquer outras pessoas , se admirão de achar entre as proprias mãos.

Quem se poderia lisongear , que taes pessoas , vendo-se de repente arrancadas dos mais humildes grãos de subordinação , não se infatuassem com a sua grandeza não preparada ? Quem conceberia que homens , que são habitualmente intrometidos , ousados , subteis , acrivos , de disposição contenciosa , e de espiritos inquietos , tornarião a cahir de boa vontade em sua antiga condição de viverem de huma laboriosa , baixa , e pouco lucrativa trapaga ? Quem duvidaria , que elles não promovessem á custa do Estado , de que nada entendem , os proprios interesses , de que erão tão conhecedores ? O successo pois não era contingente , mas necessario , e fundado em a natureza das cousas. Havião de certo fazer huma Constituição litigiosa , que abrisse o campo de innumeraveis disputas lucrativas , infalliveis consequencias de todas as grandes e violentas transmutações da

propriedade. Como se poderia esperar que consultassem a estabilidade da propriedade pessoal, cuja existencia tinha sempre dependido de tudo que faz a propriedade controversa, ambigua, e não segura?

Nem estes homens podião ser moderados e reprimidos por pessoas de mais circumspectos espiritos, e mais elevadas intelligencias. Pois muitos dos membros da Assembleia até erão camponezes e paizanos, que não sabião ler nem escrever; e muito maior numero erão negociantes, que, posto sejão ás vezes mais instruidos que as outras classes inferiores, e muitos fossem conspicuos na ordem da sociedade, com tudo não conhecem cousa alguma além do seu escritorio. Tambem havião membros da Faculdade de Medicina. Mas os leitos dos doentes não são Academias para formar Estadistas, e Legisladores. Entrarão igualmente capitalistas, que antes tratavão em compras de fundos publicos, e que naturalmente serião mui cuidadosos de trocar a sua riqueza ideal de papel-moeda em mais solida substancia da terra. Havião finalmente outras classes de pessoas da mesma estôfa, não habituadas a sentimentos de dignidade, e mais proprias a serem instrumentos que obstaculos de Cabalas. Com tão perigosa desproporção de pessoas desta qualidade a respeito das que podião bem servir o Estado obrando por espirito publico, a desordem era inevitavel.

A Camara dos Communs de Inglaterra, sem fechar as portas a*mercamento algum de qualquer classe, he cheia, por operações de adequadas causas, com toda a gente que o paiz pôde dar illustre em ordem, em prosapia, em hereditaria e adquirida opulencia, em talentos cultivados, e em toda a especie de distincção militar, civil, naval, e politica: Se ella fosse composta da miscelanea da Assembleia Franceza, poderia o dominio da trapaça ser tolerado com paciencia, ou ainda concebido sem horror?

Praza a Deos que eu não insinue cousa alguma que derogue a profissão da Jurisprudencia, que vem a ser como outro Sacerdocio, que administra os direitos da sagrada justiça. Mas a sua excellencia, quanto ao exercicio de suas funções privativas, não lhe dá qualificação para as de diverso objecto. Os seus Professores são bons e uteis para entrarem em Composição dos Corpos publicos; mas são maleficos, se proponderão de modo, que constituão o total delles. Não pôde escapar á observação de pessoas de senso, que, quando os Jurisconsultos estão mui restrictos aos habitos de sua facultade, e, por assim dizer, inveterados em empregos de curto circulo, ficão inhabilitados a qualquer Officio, que requer conhecimento do genero humano, e experiencia de negocios grandes, complicados, e comprehensivos de interesses internos e externos da Nação, que servem a organizar obra tão complexa, como he a *Constituição do Estado*.

Por isso a Assembleia Franceza, destruindo todas as Ordens do Estado, não foi retida em seus actos, nem por Leis fundamentaes, nem por convenção de direito estreito, nem por algum respeitado uso. Nada no Ceo e na terra podia servir para os enfrear nas suas resoluções. *Os nescios se precipitão a correr onde os Anjos temem passar.* Em tal estado de hum

poder illimitado ; e para propositos indefinidos e indefineveis , o mal da moral , e quasi fisica ineptidão dos homens para as funções de tal Corpo devia ser o maior , que se pôde conceber nos negocios humanos.

As revoluções das guerras civis de Inglaterra no tempo de *Cromwell* , e da França no tempo dos *Guisés* , *Condés* , e *Colignis* , ainda que cheias de matanças , todavia não assassinarão tambem o espirito do paiz. A consciencia da dignidade nacional , o nobre orgulho , e o senso de-generosa emulação , não se extinguirão. Continuarão a existir os orgãos do Estado , ainda que convulsos. Permanecerão todos os premios da honra e virtude. Mas a presente confusão , semelhante á *paralysis* , atacou até a mesma fonte da vida. Os que sobreviverem ás actuaes desordens , não experimentarão sensação de vida , excepto na mortificada e humilhada indignação. A geração seguinte será composta de jogadores , usurarios , e judaizantes.

Os que tentão nivellar as classes dos individuos , jámais as igualarão. Em todas as Sociedades ; compostas de varias descrições de pessoas , algumas sempre serão superiores , e preeminentes. Os nivelladores pois só mudão e pervertem a natural ordem das cousas : elles sobrecarregão o edificio da Sociedade , pondo nos ares o que a solidez da estrutura requer que esteja no chão. Associações de officiaes mecanicos não pôdem ser adequadas ás situações altas do Estado , em que , se intentão collocallos , pela peor de todas as usurpações , a *usurpação das prerogativas da natureza*.

O Chanceller da França na abertura dos Estados Geraes , em tom de florida figura Rhetorica disse , que *todas as profissões erão honradas*. Se queria nisso dizer , que nenhum emprego honesto he ignominioso a quem o exerce , não iria fóra da verdade. Mas dizer , que cada emprego he emprego de honra , he dizer que elle tem emsi alguma distincção. Ora não he menos certo , que v. g. o officio de cabelleireiro , ou de fabricante de velas de sebo , não traz honra e distincção a pessoa alguma. Os outros empregos mais ou menos baixos , e servis , estão em igual caso. Sem duvida as pessoas que os exercem não devem soffrer oppressão do Estado ; mas o Estado soffreria oppressão , se se tolerasse que taes pessoas tivessem parte no governo. Nisto não combatemos prejuizo algum : os que dizem o contrario , fazem guerra á natureza.

O Livro do Ecclesiastico ensina admiravelmente no cap. 38. *A sabedoria do escritor vem no tempo do descango ; e só pôde ser sabio , quem não he obrigado a fazer trabalhos duros para ganhar sua vida. Que sabedoria pôde ter olavrador , que tem sempre a relha do arado na mão , e só falla em bois , novillos , e gordura de vacas ? Assim he o oleiro , e todos os mais artistas , sem os quaes não ha cidade. Sendo peritos na sua arte , são attendiveis no que pertence a obra della. Mas não serão convocados para Deliberações de interesse publico , nem se assentarão na Cadeira do Juiz etc.*

Não se imagine que desejo monopolisar o poder , authoridade , e distincção , tão somente para vantagem da Natureza de sangue , nomes , e titulos. Não ha qualificação para o governo senão Virtude , e Sabedoria , *actual* , ou *presumptiva*. Achando-se estas qualidades em qualquer estado ,

condição, profissão, ou modo de vida, os que as possuem tem passaporte do Ceo para lugares de honra humana. Ai do paiz, que, fátua, e impiamente, rejeitasse o serviço dos talentos, e virtudes civis, e religiosas, que lhe são dadas para ornar e aproveitar o mesmo paiz, e que condemnasse á obscuridade qualquer habilidade destinada a espargir lustre e gloria em torno do Estado! Mas tambem ai do paiz, que, passando ao extremo opposto, considerasse a educação baixa, que só dá mui estreita vista das cousas, e as occupaões sordidas, e mercenarias, como titulos preferiveis para governo das Nações. Todos os caminhos ás honras do Estado devem ser abertos; mas todos os postos não devem ser indifferentes a cada pessoa. Não he isto dizer, que a estrada á eminencia e poder no Estado deva ser feita muito facil, nem mui trivial. Se o merecimento raro he a mais rara de todas as cousas, elle deve passar por huma sorte de prova. O templo da honra deve ser estabelecido em o cume de monte antantilado. Se deve ser accessivel á Virtude, devemo-nos lembrar, que a Virtude não he jámais bem experimentada, senão com bastante difficuldade, e algum combate.

Nenhuma cousa he tão devida e adequada representação do Estado, como a *habilidade* dos individuos que o compõe, e a sua *propriedade*. Mas como a habilidade he hum principio vigoroso e activo, e a propriedade hum principio bronco, inerte, e tímido, a propriedade não pôde ser segura das invasões da habilidade, sem que no calculo das proporções, ella predomine na dita representação. Ella ou deve ser representada exuberantemente nas grandes massas de accumulção de bens, ou, do contrario, não será realmente protegida.

A caracteristica essencia da propriedade, formada dos combinados principios de sua aquisição, e conservação, he o ser *desigual*. As grandes massas pois de propriedade que excitão a inveja, e tentão a rapacidade, devem ser postas fóra da possibilidade de perigo. Então ellas formão o natural baluarte em roda das menores propriedades, em todas as suas graduações. A mesma quantidade de propriedade, que, pelo curso natural das cousas, he dividida entre muitos, não tem a mesma operação. O seu poder defensivo se enfraquece, á medida que se diffunde. Nesta diffusão, a porção de cada pessoa he menos do que, no fervor de seus desejos, se poderia lisongear de obter dissipando as accumulções das outras pessoas. O roubo de poucos daria insignificante partilha na distribuição feita a muitos. Porém o grosso do povo não he capaz de fazer este calculo; e os que conduzem á rapina, jámais intentão fazer essa distribuição.

A liberdade civil não se pôde julgar perfeita, onde a propriedade não está segura. O poder de perpetuar a nossa propriedade em as nossas familias, he huma das mais preciosas e interessantes circumstancias, que lhes pertencem, e que mais tende a perpetuar a sociedade civil. Elle faz que a nossa fraqueza sirva á nossa virtude, e até enxerta a benevolencia na avareza. Os possuidores de riqueza de familia, e a distincção, que acompanha a posse hereditaria de bens, e titulos de avós, são as naturaes seguranças para o seu trespasso aos descendentes. A nossa Camara dos Pares he formada sobre este principio: ella he toda composta de propriedade, e

distincção hereditaria; e constitue a terça parte do Corpo Legislativo; e; em ultima instancia, he o unico juiz de toda a propriedade, em todas as suas subdivisões. Tambem a Camara dos Communs, ainda que não necessariamente, com tudo, de facto, he sempre composta, na maior parte, de homens de propriedade. Quanto maior he o numero destes (e naturalmente devem ser os melhores desta classe) tanto melhor formão o lastro da Não do Estado. Sim a riqueza hereditaria, e a nobreza que della provém, he mui idolatrada por servis sycophantas, cegos e abjectos admiradores do poder; mas tambem he temerariamente desprezada nas superficies especulações de petulantes, e orgulhosos paravilhos da falsa philosophia. Dar-se ao *nascimento nobre* alguma decénte e regulada preeminencia, e alguma preferencia (não privilegio exclusivo ás honras do Estado) não he desnatural, nem injusto, nem impolitico.

Tem-se dito, que o interesse de milhões de pessoas, de que se compõe huma Nação, deve prevalecer ao de poucos milhares, que formão o numero de seus nobres e ricos. Isto seria verdade, se a Constituição dos Estados fosse hum problema de Arithmetica: mas tal discurso he ridiculo para pessoas que discorrem com acerto. A vontade de muitos, e o seu interesse, pôdem ser cousas mui distinctas. Hum governo politico, que não se funda principalmente no grande interesse da propriedade, está fóra da natureza das cousas. Como, pela nova Constituição, feita por escuros procuradores, e parochos de provincia, de envólta com huma duzia de nobres descontentes, e desertores da sua ordem, a propriedade não servio de governo ao paiz, a obvia consequencia foi ser destruida a propriedade, sem a qual todavia não pôde existir liberdade racional. Quando a Assembleia Nacional, composta daquella gente, deo por acabada a sua obra, completou a ruina do paiz.

Em vão se falla a ambiciosos e anarchistas sobre a pratica dos nossos antepassados, leis fundamentaes do paiz, e fixa fórma de Constituição, cujo merecimento aliás se confirma pelo solido criterio de longa experiencia e progressiva prosperidade publica. Elles desprezão a experiencia, como sabedoria de homens não letrados; e com suas visionarias theorias preparão a mina, que deve fazer estourar com huma grande explosão todos os exemplos de antiguidade, arestos, e diplomas publicos. Reconhecem que os tempos dessa explosão serão calamitosos. Mas dizem, que a convulsão no mundo politico não he objecto digno de lamentação, havendo de ser seguida por tão benefico effeito, qual he o de se estabelecer na terra o *Codigo dos Direitos do Homem*. Eis como esta casta de gente se prepara a ver com firmes olhos as maiores calamidades que possam sobrevir a seu paiz!

Devem-se distinguir os *reaes direitos do homem* dos *falsos direitos* que os entusiastas revolucionarios vagamente inculcárão. Estes *direitos esparios* só servem a destruir inteiramente aquelles *direitos genuinos*.

Como a Sociedade Civil he feita para vantagem do homem, todas as vantagens, para ter as quaes se estabelece a Sociedade, vem a ser o seu verdadeiro direito. A Sociedade he huma instituição de beneficencia, e a Lei Civil não he mais que a beneficencia publica, declarada em regra po-

sitiva. Os homens tem direito a viver por esta regra. Portanto tem direito a que se lhe faça justiça, como vivendo entre Concidadãos, quer obrem em função politica, quer em seus ordinarios negocios. Elles tem direito ao fructo da sua industria, e aos meios de fazer esta industria fructifera. Elles tem direito á herança dos bens de seus pais, á sustentação, e educação de seus filhos, á instrucção na vida, e consolação na morte. Tem direito de fazer para si separadamente tudo aquillo que lhes he possível fazer sem offensa do direito dos outros. Tem direito a huma equitativa partilha dos bens da Sociedade, que esta he capaz de fazer em favor de cada individuo com todas as suas combinações de sabedoria e força. Nesta companhia, todos os homens tem iguaes direitos, mas não a quaesquer cousas. O que só entrou com cinco shellings para huma companhia, tem tão igual direito á partilha dos lucros da sua entrada, como o que entrou com quinhentos shellings o tem para maior porção, proporcional á maioría de seu capital. Mas não tem direito a igual dividendo no producto do fundo unido da Sociedade. Quanto porém a terem todos tambem partilha de poder, authoridade, e direcção de cada individuo no governo do Estado, nego que jámais fossem esses os originaes direitos do homem em qualquer Sociedade civil, pois contemplo o homem social, e não o homem natural.

Hum dos primeiros motivos da Sociedade civil, e que pertence ás suas regras fundamentaes, he que nenhum homem seja Juiz na propria causa. Por esta regra, toda a pessoa se priva do primeiro fundamental direito de cada homem, antes que entrasse em Sociedade civil por contrato, isto he, do direito que tinha de julgar na propria causa, e ser por si mesmo o vingador do seu direito. Elle abdica inteiramente este direito á pessoa a quem se entregou o governo. Elle até em grande parte abandona o direito natural da defeza propria, que aliás se funda na primitiva lei da natureza.

Os homens não podem ao mesmo tempo gozar dos direitos do estado selvagem, e do civilisado. Para que possa cada individuo na Sociedade civil alcançar justiça, deve renunciar ao direito de decidir o que lhe he em certos pontos o mais essencial. Para segurar alguma liberdade racional, deve render á discrição o total dos direitos, que antes tinha, e nos quazs entrava tambem a liberdade de mal fazer, e de pôr em perigo a existencia, e commodidade dos outros.

O Governo não he feito em virtude de direitos naturaes, que possam existir com absoluta independencia do mesmo governo. Abstracta perfeição de taes direitos vem a ser o seu defeito pratico. Os homens no estado selvagem, por terem illimitado direito a todas as cousas, vem a ter falta de tudo. O Governo he huma especulação da sabedoria humana, para providenciar ás precisões dos homens. Os homens tem direito a que a sabedoria do Governo proveja a estas precisões. Entre estas precisões deve-se contar por huma principal, o haver huma forma de Sociedade civil, com sufficiente restricção sobre as paixões dos homens. A Sociedade requer, não só que as paixões dos individuos sejam sujeitas a alguma authoridade que as reprima; mas tambem, que, no corpo do povo, as incli-

nações dos homens sejam frequentemente encontradas , e que a sua vontade seja em justos termos restricta. Isto só se pôde fazer por hum poder que esteja fóra delles , e que , no exercicio de suas funcões , não seja sujeito á vontade , e ás paixões do povo ; visto que o officio do Governo consiste em impor-lhes o devido freio e jugo. Neste sentido , não só as liberdades dos homens , mas tambem as restricções dellas , se devem contar entre os seus direitos. Mas estas liberdades , e suas restricções , varião com os tempos e circumstancias , e admittem infinitas modificações. Portanto ellas não se pôdem estabelecer por *abstractas regras*.

Desde o momento que se rebate alguma cousa dos plenos direitos do homem do estado salvagem , isto he , desde que cedeo do direito , que tinha de se governar por si só , e soffreo alguma limitação desse direito , logo a *organização do governo* vem a ser *Consideração de Conveniencia*. Isto he o que fáz a Constituição do Estado , e a devida distribuição dos seus poderes , hum objecto da mais melindrosa , e complicada sabedoria. Ella requer profundo conhecimento da natureza humana , das necessidades sociaes , e das cousas que facilitão ou obstruem os varios fins que convém se procurem pelas instituições civis. O Estado deve ter sempre em si hum fundo de força , vida , e remedio , para as proprias enfermidades. Quando hum Estado fraco , e doente carece de mantença , e medicina , o methodo de lhe procurar , e administrar sustento , e curativo não he fazer abstractas discussões dos direitos do homem. Na deliberação dos melhores meios de lhe dar vida , e saude , deve-se antes consultar ao lavrador , do que ao professor de metafisica.

A sciencia de construir hum Estado , ou de reformallo , e renovallo , he como toda outra *Sciencia experimental* , que não se ensina *à priori*. (*) Nem huma limitada experiencia nos pôde instruir em cousas de sciencia prática ; pois que os reaes effeitos das causas moraes não são sempre immediatos. A's vezes o que na primeira instancia he prejudicial , pôde ser excellente em huma operação mais remota. Até a sua excellencia pôde originar-se dos máos effeitos que ao principio produzio. A's vezes acontece o contrario ; pois tem-se visto planos mui plausiveis , e com principios mui brilhantes , que depois tiverão mui vergonhosos , e lamentaveis exitos. Nos Estados ha muitas vezes algumas escuras , e quasi escondidas causas , de que depende grande parte das prosperidades , ou adversidades das Nações , que aliás consistem em cousas á primeira vista de pouco momento.

Sendo pois a sciencia do governo em si mesma huma sciencia prática , e destinada para cousas práticas , ella vem a ser materia que requer muita cautela , e experiencia , e mais experiencia do que huma pessoa pôde ganhar em longa vida. Homens de Estado de grande sagacidade jámais se aventurão a derribar hum Edificio Politico , que por seculos se sustentou , enchendo os ordinarios objectos da Sociedade ; nem a edificar hum de novo , sem ter ante os olhos modelos , e padrões de approvada utilidade.

(*) Isto he , só pelas causas originaes , e por abstractos principios de analyse metafisica , não combinados com observações práticas do modo de viverem os homens na sociedade.

Os direitos metafysicos dos homens, entrando na vida commum, são como os raios de luz, que, penetrando hum meio denso, logo, pelas leis da natureza, se refrangem de sua linha recta. Na verdade, na grossa, e complicada massa das paixões, e interesses dos homens, os seus primitivos direitos experimentão muita variedade de refrações, e reflexões; e seria absurdo fallar delles, como se continuassem na simplicidade da sua original direcção. A natureza do homem he intrincada: os objectos da Sociedade são da maior possível complicação; e portanto nenhuma disposição simples de poder politico pôde ser conforme á natureza do homem, ou á qualidade dos seus negocios.

Quando ouço fallar da jactanciosa ostentação de simplicidade da idéa na formatura de novas Constituições politicas, vejo logo quanto os presumidos artifices são grosseiramente ignorantes da sua arte, ou do seu dever.

Governos simpleses são fundamentalmente defeituosos, a não dizer peior cousa. Contemplando-se a Sociedade sómente em hum ponto de vista, os modos simpleses de regime encantão o espirito. Custa mais a perceber o todo de huma máquina que tem partes mui complexas. Porém he melhor que o todo della tenha huma ordem que satisfaça soffrivelmente ao seu fim, do que ter algumas partes muito exactas, quando aliás outras são desatendidas, ou substancialmente prejudicadas, só para se dar o principal cuidado a algum dos seus membros componentes.

Os pertendidos direitos dos homens dos theoristas visionarios são todos extremos; e, em proporção que são metafysicamente verdadeiros, vem a ser moral, e politicamente falsos. Os solidos direitos do homem estão em huma sorte de meio, incapaz de definição, mas não impossivel de se discernir.

Os direitos do homem no governo são *as suas vantagens*; e estas muitas vezes consistem nas balanças entre as differenças do bem; e algumas vezes nos compromissos entre o bem, e o mal; e outras vezes entre mal, e mal. *Razão politica* he hum *principio calculador*, que faz conta de sommar, diminuir, multiplicar, e repartir, pelos verdadeiros denominadores moraes, e não por analyses metafysicas, e mathematicas.

Os anarquistas confundem o direito do povo com o seu poder. E como o direito, e poder não são as mesmas cousas, em quanto elles se não unem, deve-se dizer, que o povo não tem direito que seja incompativel com a virtude, e com a primeira das virtudes, a *prudencia*. Mas, onde o povo he dirigido por cabeças de homens mal intencionados, que até ridiculisão a humanidade, e compaixão, como fructos da superstição, e ignorancia, e a ternura dos individuos se interpreta por traição ao publico, nada he mais contra o direito, do que dar ao povo, a quem se inspirão taes sentimentos, o poder de turbar a ordem civil.

Por isto na chamada Assembléa Nacional nunca houve côr de imperio, nem face alguma de Senado. O seu poder foi como o do *principio não* dos Maniquêos, só proprio a subverter, e destruir, e não para edificar, e compor, excepto máquinas infernaes, para inteira subversão, e destruição do Estado.

Influido por innatos sentimentos da minha Constituição, e não sendo

illuminado pelo menor raio da nova fonte de luzes da Revolução Franceza, a exaltada dignidade das Pessoas Reaes, que soffrêrão por ella, (considerando particularmente o Rei da França; hum Soberano tão bom, e a sua Rainha huma Senhora de tanta belleza, e amaveis qualidades, descendente de tantos Reis, e Imperadores) a tenra idade de seus Reaes Filhinhos, e os infortunios destas Augustas Pessoas, em lugar de me serem objectos de exultação, dão mortal agonia á minha sensibilidade, vendo impunes os triumphos do crime. Ha quasi 17 annos que vi aquella Princeza em Versailles. Por sua mimosa delicadeza, mal parecia tocar este Orbe na deliciosa visão, em que me pareceo como surgindo sobre o horisonte, aformoseando, e fazendo luzir a esfera sobre que principiava a mover-se, scintilando como a estrella da madrugada, cheia de vida, esplendor, e alegria. Oh que revolução! Que coração poderá contemplar sem estremecer aquella elevação, e esta queda! Não me podia então jámais vir ao pensamento, nem por sonho, que, ao mesmo tempo que ella accrescentava titulos de veneração aos do enthusiastico, distante, e respeitoso amor do povo, seria obrigada a trazer forte antidoto contra a desgraça occulta em suas entranhas; e que eu teria vivido para ver suas desventuras, sobrevividas a huma Belleza da parte de huma Nação de amantes, e de Nação de homens de honra, e Cavalleiros? Penso que em outro tempo dez mil espadas saltarião das bainhas, para vingar hum só golpe de vista que a ameaçasse de insulto. Mas já se foi a idade da cavalleria. (*), e succedeo em seu lugar a de sofistas, e calculadores: assim a gloria da Europa extinguiu-se para sempre. Nunca mais veremos a generosa lealdade de todas as ordens, e de todos os sexos, nem a briosa submissão ao Soberano, nem a obediencia cheia de dignidade, e a candida subordinação de coração, que tinha sempre vivo, ainda na mesma servidão, o espirito da exaltada liberdade. Acabou-se a inestimavel graça da vida, a *barata defeza das Nações*, a má de varonis sentimentos, e emprezas heroicas. Extinguiu-se a sensibilidade de principio, e a castidade de honra, que sente qualquer noçoa nella como huma mortal ferida, e que inspira coragem, ao mesmo tempo que miúga a ferocidade, ennobrecendo tudo que toca, e debaixo de cuja influencia aic o vicio perde a metade de seu mal, perdendo a sua grosseria.

Este systema mixto de opinião, e sentimento, teve origem na antiga cavalleria. Se fosse totalmente amortizado, seria mui grande perda para a civilisação. Elle foi o que deo caracter á moderna Europa, e que, de-

(*) Esta passagem foi das mais motejadas pelos partidistas Francezes, ainda em Inglaterra. Mas ella tem grande verdade de sentimento, e de prática. A veneração ás mulheres foi caracterisada pela pena do immortal Tacito, descrevendo os costumes dos antigos Allemães. Suppunhão estes, no tempo em que se adoravão as virtudes, e ninguem se ria dos vicios, que as mulheres tinham em si alguma cousa de santo, e divino. Fazendo ellas a doçura da vida social, e sendo o deposito da posteridade, o valor que dá aos homens o seu timbre de reverenciarem, e protegerem o bello sexo, he o maior baluarte dos Estados, e com razão, constitue o que Burke chama *barata defeza das Nações*.

baixo das suas diferentes fórmãs de governo, a distinguio, com muitas vantagens, dos Estados d'Asia, e talvez dos Estados que florecêrão nos mais brilhantes periodos do mundo. Elle foi o que, sem confundir as ordens do Estado, produziu huma nobre igualdade, que de mão a mão descia pelas varias gradações da vida social. Esta opinião foi a que adoptava os Reis, até o ponto de serem nossos companheiros; e elevava os homens particulares até serem amigos dos Reis. Sem força, nem opposição, ella subjugou a altivez do orgulho, e poder; ella obrigou os Soberanos a submeterem-se ao suave collar da estima civil, e compellio a sua dura authoridade a submeter-se á elegancia; e fez que a dominação, que vence as leis, fosse subjugada pelas boas maneiras.

Mas tudo agora está mudado. Todas as appraziveis illusões, que fazem o poder doce, e a obediencia liberal, que enlação as diferentes sombras da vida, e que, incorporão na politica os sentimentos que embellezão, e suavisão a sociedade particular, vão a ser dissolvidas pelo novo conquistador do imperio da luz, e da razão. Todas essas innocentes idéas associadas, que formavão a guarda-roupa da nossa imaginação moral, que o coração confessa, e o entendimento ratifica, e que são necessarias a cobrir os defeitos da nossa nua, e depravada natureza, e elevalla á dignidade em a nossa propria estimação, vão a ser exterminadas, como ridiculas, absurdas, e antiquadas modas.

No systema dos revolucionarios, hum Rei, ainda que legitimo, não he senão hum homem, e huma Rainha senão huma mulher; e huma mulher não he mais que hum animal, e não da mais alta ordem. Toda a homenagem prestada ao bello sexo he por elles havida como romance, e loucura. Regicidio, Parricidio, Sacrilegio, são para taes Juizes meras ficções da superstição, que corrompe a jurisprudencia destruindo a sua simplicidade. O assassinato de hum Rei, ou Rainha, de hum Bispo, ou Pai, não he para tal gente senão homicidio commum; e se o povo tem nisso ganho, vem a ser hum homicidio perdoavel, e para o qual se não deve tirar severa devassa.

No plano desta barbara filosofia, que he a filha de corações enregelados, e immundos entendimentos, tão vazios de solida sabedoria, como substituidos de todo o gosto, e elegancia, as leis devem ser unicamente sustentadas pelos seus proprios terrores, e pelo interesse que cada individuo pôde ter nellas. Nos Tribunaes sombrios de suas Academias, no fim de cada *vistos estes autos*, ninguém vê senão a força. Nada mais se deixa ver que empenhe as nossas affeições ao Estado. Nos principios dessa negra theoria, as nossas instituições, não se podem (por assim dizer) incorporar em pessoas, em modo que hajão de criar em nós amor, veneração, admiração, e affecto ao governo. Toda a sorte de razão, que extermina as boas inclinações, não he incapaz de encher o seu lugar. As affeições publicas, combinadas com as maneiras polidas, são humas vezes supplementos, outras vezes correctivos, e sempre os auxiliares das Leis. Deve haver em cada Nação hum systema de maneiras doces, que todo o espirito bem formado he disposto a gostar. Para fazer amar o nosso paiz, he preciso fázello amavel. He impossivel existir em huma Nação polidas maneiras, on-

de o insulto a seus Príncipes naturaes, e ao veneravel corpo de seus Nobres, não he olhado com horror, e antes vem a ser objecto de exultação, e triumpho.

Os Poetas Dramaticos, que tem no theatro espectadores não graduados na moderna escola Franceza dos *direitos do homem*, e que só estudarão a Constituição do coração humano, não farião representar a prizão, e condemnação de hum bom Rei, como objecto de alegria. Onde os homens seguem os naturaes impulsos, elles não pôdem supportar as odiosas máximas da Política Machiavellica, quer applicadas á tyrannia monarchica, quer á tyrannia democratica. Todo o mundo rejeitaria, na antiga ou moderna scena, ainda só a hypothetica proposição de taes sentimentos na boca de hum Actor, que quizesse desempenhar o caracter de hum tal Despota, ou demagogo despotico. Nos espectaculos de Athenas sería execrado o que pezasse na balança os crimes da democracia, contrapezando-os aos da monarchia, declarando que a vantagem estava da parte do governo do povo. Os politicos da revolução Franceza ainda achão que a democracia está em dívida, e que não pôde pagar o saldo da conta. Elles exultão no infortunio de Luiz XVI., a quem chamavão *Monarca arbitrario*, e isto (nem mais nem menos) senão porque teve a desgraça de nascer Rei da França, com as prerogativas que lhe forão transmitidas por huma linha de antepassados, e longa acceitação do povo, sem da sua parte ter feito algum acto para se apoderar da Dignidade Real. Mas o infortunio não he crime, e nem ainda a indiscrição he sempre culpa. Não merecia senão amor, e culto hum Principe, cujos actos em todo o seu Reino só forão huma serie de concessões a seus vassallos; que estava prompto a moderar a sua authoridade, e diminuir algumas prerogativas, dando ao povo liberdades, que seus antepassados não conhecerão, nem talvez desejárão. Elle foi apenas sujeito ás fragilidades annexas aos homens, e aos Príncipes; e só huma vez considerou necessario recorrer á força contra os desesperados designios de conspiradores contra a sua pessoa. Foi a maior malignidade julgar, e condemnar a hum tal Monarca, como se fosse Néro, ou Carlos XI.

Em fim algum poder de qualquer genero sobrevirá ao terremoto, em que as boas maneiras, e opiniões perecerão; e tal poder achará outros, e ainda peiores meios para seu sustento. A usurpação, que, em ordem a subverter as antigas instituições, destruiu os antigos principios, reterá o seu poder pelas mesmas artes com que o adquirio. Quando no espirito dos homens se extinguir o antigo cavalleiro espirito de lealdade, que, livrando os Reis do medo, livra os Soberanos, e vassallos das precauções da tyrannia, verse-ha a longa lista de cruas, e sanguinarias máximas, que fórmão o Codigo politico de todo o poder que não se funda na propria honra, e na honra dos que devem obedecer.

Quando as antigas boas opiniões, e regras da vida são destruidas, não se pôde calcular até onde irá essa perda. Desde este momento já não temos compasso para nos governar. Sem dúvida a Europa, considerada no todo, estava em condição florente antes da revolução. Este prospero estado tinha causas que o produzião, e sustentavão. Nada ha mais cer-

to do que o depender a nossa actual civilisação, e boas maneiras, principalmente de dous principios combinados, isto he, *espirito de religião*, e *espirito de nobreza*. O Corpo do Clero, por profissão, e o Corpo da Nobreza, por patriotismo, sustentavão a litteratura, ainda no meio das armas, e confusão. A litteratura pagava com usura o que recebia do Clero, e Nobreza, alargando-lhes as idéias, e illustrando-lhes os espiritos. Feliz seria se huns, e outros continuassem em sua indissolúvel união, e nos seus competentes lugares! Feliz seria, se a sciencia, não corrompida pela ambição, continuasse a ser a Mestra, sem aspirar a ser a dominadora!

Penso que a litteratura moderna deve o seu adiantamento áquelles dous principios, mais do que a quaesquer outras causas. Ainda o commercio, e as artes superiores, não são talvez senão as creaturas de taes principios. Sem dúvida cresceo a vasta correspondencia mercantil, e a perfeição das manufacturas, sob a mesma sombra em que as letras florecerão. Elles hão-de cahir com a queda daquelles seus principios protectores. Já com a sua falta estamos ameaçados de desaparecerem. Ainda que o commercio, e as manufacturas faltassem em hum paiz, permanecendo todavia nelle o espirito de religião, e nobreza, os naturaes sentimentos da humanidade suppririão o lugar, e nem sempre o suppririão mal. Porém, se se perderem o commercio, e as artes, entretanto que se quer experimentar se pôdem subsistir sem religião, e nobreza (que antes forão as suas antigas bases) que sorte de cousa se poderá achar para substituto a huma nação de grosseiros, estúpidos, ferozes, pobres, e sordidos barbaros; destituídos de principios de piedade, honra, timbre varonil, e, em fim, de gente que nada espera na vida futura?

Já vai apparecendo nos escritos, e actos do povo, e governo da França a maior grosseria de conceito, e vulgaridade de obra. A sua liberdade não he liberal: a sua sciencia he presumçosa ignorancia: a sua humanidade he selvagem, e brutal. Taes espectaculos nos dão melancolicos sentimentos sobre a incerta condição da prosperidade mortal, e tremenda inconstancia das grandezas humanas. Assim aprendemos grandes lições.

Em successos tão espantosos como temos visto, até as nossas paixões instruem a nossa razão; pois, quando os Reis são derribados de seus Thronos pelo Supremo director deste grande drama, e vem a ser objecto de insulto aos de vis sentimentos, e de piedade aos bons, olhamos para taes desastres no mundo moral, como se vissemos hum transtorno na ordem fisica. Somos logo assustados para fazer reflexão; e os nossos espiritos, com o nosso orgulhoso, e fraco entender, se humilhão debaixo das dispensações da mysteriosa Divina Sabedoria. Mas as lagrimas rebentão dos olhos, como aconteceria a cada espectador cheio de sensibilidade, se a scena se representase em hum theatro. Só espiritos pervertidos poderiam exultar nella.

Os Autores, e espectadores da Tragedia politica devião bem pezar os crimes da nova democracia com os do que appellidavão *antigo despotismo*. Elles verião, que, logo que se tolerão modos criminosos para atalhar este mal, esses meios são sempre os preferidos, com o mais curto caminho, e que não haverá mais parcimonia na despeza de tração, e san-

gue. Justificando-se perfidia, e assassinato para beneficio público, logo o beneficio público será o pretexto á perfidia, e assassinato; até que a rapacidade, malicia, vingança, e o medo, ainda mais mortifero que a vingança, cheguem a faltar os insaciaveis appetites dos malvados. As consequencias serão perder-se todo o senso natural do justo, e recto no esplendor dos triunfos dos falsos direitos do homem.

Tremo pela causa da verdadeira, e racionavel liberdade, á vista do exemplo da França. Tremo pela causa da humanidade, á vista dos ultrajes feitos a huma Familia Real, pelos mais scelerados do genero humano. Desertores de bons principios não verão bem algum na *virtude soffredora*, nem crime algum na *usurpação prospera*. Elles só olharão com terror, e admiração para os Soberanos que souberem suste-se nos Thronos, e reprimirem com *mão forte* a seus vassallos, para assegurarem as suas prerogativas, defendendo-se por huma vigilancia sempre álerete do mais sevêro Despotismo, ainda contra a menor aproximação de racionavel liberdade.

Somos inimigos generosos; somos alliados fiéis. Temos cadêas, quasi tão fortes como a Bastilha da França, para encarcerar os que não sabem fazer bom uso de sua liberdade, e divulgarem libellos contra as Pessoas Reaes, ainda estrangeiras. De cem pessoas entre nós talvez nem huma participou da alegria no triunfo da Revolução Franceza. Por huma duzia de capineiros do campo, que, com seus cestos de palhoça, fazem grande bulha na terra, ha milhares de bons lavradores, que meditaõ, trabalho, e comem em descanço, deixando bisourar os importunos, e volateis insectos do tempo. Já ha quatrocentos annos tivemos em nossas mãos, pela fortuna da guerra, hum Rei, e Rainha de França, e seus filhos. Elles forão bem tratados. O nosso caracter nacional ainda não mudou desde esse tempo; ainda temos a boa estampa dos nossos antepassados. Não temos perdido a generosidade, e dignidade do nosso pensar do seculo decimo quarto, nem, á força de subtilizarmos, nos tornamos salvagens. Não somos proselytos de *Rousseau*, nem discipulos de *Voltaire*. *Helvecio* não fez progresso entre nós. Atheos não são nossos prégadores, nem loucos os nossos Legisladores. Não temos feito descobertas na moral, (nem creio que se possão fazer) nem tambem temos achado muitas nos grandes principios do governo, nem nas idéias da liberdade, que erão já assaz bem entendidas antes que nascessemos. Ainda não se arrancãrão as naturaes entrannhas da nossa Nação. Ainda sentimos, amamos, e exercemos os inatos sentimentos de humanidade, e religião, que são os fiéis guardas, e activos mestres do nosso dever, e os verdadeiros apoios de toda a moralidade liberal, e varonil. Ainda não somos convertidos em estufados passaros de musêo, para enchermos a nossa pelle vazia, e secca, com papeladas dos falsos direitos do homem. Conservamos todos os nossos sentimentos nativos, e inteiros, sem terem sido illudidos com pedantaria, e infidelidade. Temos real coração de carne, e sangue, batendo em os nossos peitos. Tememos a Deos: olhamos com acatamento os Reis; com affecto ao Parlamento; com respeito aos Magistrados; com reverencia ao Clero; com veneração á Nobreza. Todos os outros sentimentos são falsos, e espurios, e tendem a corromper os nossos espiritos, viciar a sã moral primitiva,

é constituir-nos inháveis para a liberdade racional. Os Francezes revolucionarios só ensinão huma servil, licenciosa, desaforada, e insolente liberdade, que faz os homens perfeitamente proprios para terem bem recida escravidão por toda a vida.

Os letrados, e politicos Francezes, e toda a corja dos illuminados, não dão attenção á sabedoria dos nossos antepassados, e só tem a mais presumida confiança no seu proprio juizo. Para elles, basta ser qualquer cousa velha, para se julgarem com direito, e boa razão de destrui-la. Quanto ás suas obras novas, elles tambem não tem cuidado em que durem. O edificio foi feito á pressa; só a mudança, e não a duração, foi o seu objecto. Elles, por systema, pensão, que são prejudiciaes todas as cousas que trazem perpetuidade, e portanto estão em guerra eterna com todos os Estabelecimentos. Pensão que os governos podem variar como as modas de vestidos; e portanto não adoptão principio algum de affecto duravel, que nos vincule a Constituição do Estado, só applaudem as ideias de conveniencia do momento. Elles fallão de *Contrato Social*, suppondo que ha huma absurda especie de convenção entre elles, e os seus magistrados, que aliás só liga aos mesmos magistrados, mas que nada tem de reciproco no ajuste; pois que sempre a *magestade do povo* tem direito de dissolvella, sem outra razão mais que a sua vontade.

Já tivemos em tempos escuros alguns letrados, e politicos deste calibre, que fizeram algum ruido nos seus dias; mas hoje repousão em perpetuo esquecimento. Não haverá talvez ninguem entre nós, dos nascidos ha quarenta annos a esta parte, que leia huma palavra das obras de Collins, Toland, Tindal, Chubb, Morgan, e mais Escriitores da raça dos que se intitulavão *Livres-pensadores*. Quem agora lê a *Bolinbroke*? Quem nunca o pode ler todo? Pergunte-se aos Livreiros de Londres, que he feito dessas pretendidas luzes do mundo? A felicidade nacional consistio, em que taes Escriitores não eão então animaes gregarios, que obassem em Corpo; e por isso não tiverão influencia alguma na Constituição, e nos Estabelecimentos de Inglaterra. Se o nosso Estado tem recebido reparações, e melhoras, foi sempre debaixo dos auspicios da religião, e sempre a confirmarão com as suas sancções. Todo o bem emana da simplicidade do nosso character nacional, e de huma sorte de nativa candura, e rectidão de entendimento, que tem caracterizado os Estadistas do Paiz. Esta disposição ainda permanece no principal Corpo do povo.

Conhecemos, e (o que ainda he melhor) sentimos no íntimo d'alma; que a *religião he o alicerce da Sociedade Civil, e a fonte de todo o bem, e de toda a consolação*. Em Inglaterra estamos convencidos, que não ha ferrugem de superstição, (com que os accumulados erros do espirito humano tem deslustrado as Nações,) que o povo não preferisse antes, do que o abandonar-se á impiedade. Não somos tão estultos que chamemos o atheismo (inimigo da substancia de todo o systema religioso) para remover algumas corrupções do nosso Symbolo, ou supprir os seus defeitos, e aperfeiçoar a sua estrutura. Não queremos jámais que os nossos templos se allumiem com tão infernal fogo. Elles serão illustrados por outras luzes, e perfumados com outro incenso, mui distincto dos pestilentos fu-

mos dos Contrabandistas da adulterada metafísica do seculo presente. Se os nossos Estabelecimentos Ecclesiasticos precisão de revisão, não he á avareza, e rapacidade de gente sem religião alguma que haveriamos de encarregar o balanço da receita, e despeza. Não condemnando violentamente nem o Grego, nem o Armenio: se preferimos a Religião protestante ao Systema Romano, he só porque entendemos, que nella ha mais christianismo. Somos protestantes, não por indifferença da Religião Christá, mas por zelo de sua pureza (*).

Conhecemos, e he o nosso timbre confessar, que o homem he, pela sua constituição, hum *animal religioso*; e que o atheismo não só he contra a nossa razão, mas tambem contra os nossos instinctos. Se, em algum momento de delirio, rejeitassemos a Religião Christá, que até ô presente tem sido o nosso brazão, e conforto, e huma grande fonte de nossa civilisação, e de outras Nações, temos justo temor, de que o vazio se encha, e substitua pela mais perniciosa, incoherente, e vil de todas as superstições.

Para preservar a Religião Christá, com a augusta fabrica do Estado, temos feito os Estabelecimentos da Igreja, como hum Sabio Architecto, e providente Proprietario, faria a respeito de seu Edificio, e Patrimonio. Em ordem a livrar aquella nossa *Grande Propriedade* de profanação, e ruina, desejando purificalla, como hum Templo, de todas as immundicias da fraude, injustiça, violencia, e tyrannia, temos solememente consagrado a Commundade, com todas as pessoas que officião nella. Todos que entrão uu ministerio do Governo estão como em lugar de Deos, e devem ter altas, e dignas idéias de seu emprego, e destino: a sua esperança deve ser cheia de immortalidade, para, com os seus bons exemplos de virtude, deixarem huma rica, e perpétua herança ao mundo.

Taes principios sublimes se devem infundir nas pessoas de exaltadas situações, e se devem fazer Estabelecimentos religiosos, para que toda a sorte de instituições civis ajudem os naturaes, e racionaes vinculos, que ligão o entendimento, e affecto humano ás cousas divinas. Quanto hum homem he posto na ordem politica mais alto de outros homens, tanto deve fazer mais esforço de se aproximar á perfeição de seu Creador; estando certo, que *o seu poder he mero deposito*, de que deve dar conta ao grande Senhor, Author, Fundador, e Regedor da Sociedade.

Hum dos primeiros, e mais transcendentos principios, sobre que se tem consagrado o Estado, e as Leis, he, que os depositarios do poder politico se lembrem sempre do que recebêrão de seus antepassados, e do que devem á posteridade; e que não pensem jámais que tem direito de arruinar huma vasta herança, destruindo a seu arbitrio o original Edificio da Nação, e Sociedade, arriscando a deixar aos que vierem depois somente ruina, em lugar de habitação; e ensinando tambem a seus successores, a não respeitarem os novos regulamentos, bem como elles não respeitárão

(*) Os Leitores cordatos bem hão de ver, que *Burke* não reprova a Religião Catholica, mas só falla politicamente da opinião do seu paiz sobre a pertendida mas fantastica refôrma; porque os homens não pôdem reformar o que he Divino,

as instituições de seus maiores. Pela facilidade de mudanças no Estado; como nas flutuações das modas, rompe-se logo a Continuação do Bem Público. Assim nenhuma geração se vincula á outra, e os homens vem a ser de pouco melhor condição que os insectos do verão.

A Sciencia da Jurisprudencia, que he o timbre do entendimento humano; que, com todos os seus defeitos, redundancias, e erros, vem a ser a colligida razão dos seculos; que combina os princípios da justiça original com a infinita variedade dos negocios sociaes; não será daqui em diante estudada, sendo (como dizem os letrados, e politicos Francezes) hum montão de erros já abandonados. A presumpção, e arrogancia (que são os satellites inseparaveis dos que não experimentarão maior sabedoria que a sua propria) usurpará o tribunal do Direito; e consequentemente não haverão *leis constantes*, que estabeleção os invariaveis fundamentos de medo, e esperança, e dirijão as acções dos homens a hum certo curso, e fim estavel.

Ninguém com hum systema de Direito variavel poderia especular com segurança sobre a educação de seus filhos, e futuro estabelecimento no mundo. Nenhuns principios de conducta se formatão em habitos. Como se poderá segurar hum tenro, e delicado sentimento de honra, que sempre se excite aos correspondentes impulsos do coração, variando continuamente o padrão do seu cunho. Nenhuma parte da vida reterá as suas adquisições. Barbarismo a respeito da sciencia, e litteratura, impericia a respeito das artes, e manufacturas, infallivelmente se hão de seguir da falta de huma educação firme, e de bons *principios estabelecidos*; e assim a Sociedade civil em poucas gerações se dissolverá em solto pó de individuos sem communs laços sociaes, que a final se dissipará por todos os ventos do Ceo.

Para evitar pois os males da inconstancia, e versatilidade (dez mil vezes peor que os da obstinação de cegos prejuizos) temos consagrado o Estado, para que nenhuma pessoa se lhe avizinhe a olhar as suas chagas, e corrupções, senão com a devida circunspecção; e que não sonhe jámais de principiar a sua reforma pela subversão dos pilares do Edifício; que não se achegue a observar os defeitos do Soberano senão como as feridas de hum pai, com piedoso pavor, e sollicitude filial. Com este sábio prejuizo, temos recebido a doutrina de olhar com horror para os filhos, que estiverem promptos temerariamente a esquarterarem seus pais, na esperança de que, por antidotos vegetaes, e presumidas magicas dos salvagens, podorão regenerar a constituição, e renovar a vida daquelles a quem devem a existencia.

A Sociedade civil he na verdade hum contrato. Os contratos ordinarios sobre objectos de trivial interesse se pòdem dissolver á vontade dos contrahentes. Mas não se deve considerar a hum Estado como huma sociedade de navio, para commercio de Pimenta, Café, Tabaco, ou outras drogas, e fazendas, para temporario interesse, e que se possa distractar conforme a fantasia das partes. Elle deve ser olhado com outra reverencia; pois não he companhia em cousas que sirvão unicamente á grosseira existencia animal, de transitoria, e mortal natureza. Elle he huma Companhia em toda a sciencia; companhia em toda arte; companhia em toda

a virtude, e em toda a perfeição. Como os fins de tal Companhia só se pôdem alcançar em muitas gerações, vem a ser huma Companhia não só entre os actuaes contemporaneos, mas tambem entre os vivos, mortos, e vindouros. Cada contrato de cada particular Estado não he senão huma clausula no grande primitivo contrato da sociedade eterna, que liga as naturezas inferiores com as superiores, unindo o mundo visivel com o invisivel, conforme ao pacto fixo, e sancionado pelo inviolavel juramento do Eterno, que sustenta todas as naturezas fysicas, e moraes, cada huma no seu assignalado lugar. Esta lei não he sujeita ao arbitrio dos que devem submeter a ella a sua vontade por huma obrigação, que está acima delles, e que lhes he infinitamente superior.

As Corporações municipaes deste Reino universal de Deos não tem moralmente a liberdade de fazerem fantasticas especulações de hum melhoramento contingente, de que aliás possa resultar o separarem-se, e romperem-se os vinculos de sua communitade subordinada, e dissolvellos em anti-social, incivil, e desconnexo cáos dos principios elementares. Só a primeira, e suprema necessidade; necessidade que não he objecto de escolha, mas que faz tomar a força hum partido extremo, necessidade que não dá lugar á deliberação; he que pôde, alguma vez rarissima, justificar o recorrer-se a grandes mudanças no governo. Esta necessidade não he a excepção da regra, pois que esta mesma necessidade faz tambem parte da disposição fysica, e moral das cousas, a que o homem deve consentir por força. Porém, se o que só he submissão á necessidade, se fizer objecto de escolha, então logo a Lei do Creator he quebrada, a natureza he desobedecida, e os rebeldes são proscriptos, e degradados do mundo da razão, ordem, paz, virtude, e fructifera penitencia, para o antagonista mundo de loucura, discordia, vicio, confusão, e inutil arrendimento.

Estes são os sentimentos de toda a gente da maior instrução, e reflexão na Gram-Bretanha. Os das classes inferiores, a quem a Providencia tem decretado que vivão da authority dos entendimentos superiores, não se envergonhão de iguaes sentimentos, pela sua confiança nos mais sábios do paiz. Estas duas ordens de pessoas se movem na mesma direcção, ainda que em suas differentes orbitas; mas ambas se movem na ordem do Universo. Elles todos conhecem, ou sentem a grande antiga verdade, que ao Soberano, e Omnipotente Deos, que rege este mundo, nada he mais acceito na terra, do que as associações de homens que se chamão *Estados*, vivendo conforme ao que he direito. Elles recebem esta these tanto no entendimento como no coração; e esta prudente opinião não recebe a sua sancção do nome, e authority de ninguém, mas se deriva da natureza commum, e das communs relações da humanidade. Persuadidos que todas as cousas se devem fazer com reverencia, e resignação ao Ente Supremo, a quem todas as cousas se dirigem, elles justamente pensão, que são obrigados, não só como individuos no sanctuario de seus peitos, mas como partes integrantes da Grande Congregação Social, a renovarem a memoria de sua alta origem, e casta, e no caracter, e corpo de Confraria, a executarem a homenagem nacional ao Instituidor, Author, e Protector da Sociedade civil; sem o que nenhum Estado poderia chegar

ã perfeição de quẽ a sua natureza he capaz, e nem ainda remota, e francamente avisinhar-se a ella. Elles estão convencidos, que quem nos deo huma natureza capaz de se aperfeiçoar pela virtude, e tambem nos deo os necessarios meios para a sua possível perfeição nesta vida. Devia pois querer a existencia, e conservação dos Estados, e que estes tivessem conexão com a fonte, e archetypo de toda perfeição. Elles estão certos desta sua vontade (que he a Lei das Leis, e o Soberano dos Soberanos.) Por isso julgão necessario, que em Corpo social lhe prestemos fidelidade, e adoração, em reconhecimento do seu Imperio Omnipotente, e que lhe façamos oblação do proprio Estado, como digna offerta no altar do universal louvor, bem como usamos executar todos os actos solemnes em Templos com musica, ornato, falla, e dignidade de pessoas.

Para este fim entendem, que huma parte da riqueza do paiz deve ser empregada, o mais utilmente que possa ser, no Culto Divino, e que se obra nisso muito melhor, do que em fomentar o luxo dos individuos. A magestade do culto público vem a ser de consolação pública. Ainda os mais pobres achão a sua propria importancia, e dignidade nos Templos assim ornados, entretanto que a riqueza, e o orgulho dos individuos opulentos faz, que as pessoas das classes humildes sintão a sua inferioridade; o que abaixa, e humilha a sua condição. No esplendor modesto do culto público cessão os privilegios da opulencia: e mostrando-se por elle, que os homens são iguaes por natureza, e pôdem ser ainda superiores pela virtude, huma porção da geral riqueza do paiz, vem por este expediente a ser bem empregada, e santificada.

Estes principios transcendem por todo o systema da Policia Britanica: Elles n'õ considerão os estabelecimentos da Igreja só como convenientes, mas como essenciaes ao Estado, e os tem por fundamento de sua Constituição. *Igreja*, e *Estado* são cousas inseparaveis nos seus espiritos. A sua educação he formada para confirmar, e fixar esta impressão. Por isso ella he, quasi totalmente, entregue ás mãos dos Ecclesiasticos. Temos achado pela experiencia, que as antigas instituições (no total) são favoraveis á moralidade, e disciplina; e que são susceptiveis de maior pureza, e perfeição, sem se abalarem os alicerces; e que por este modo a mocidade pôde receber todos os accrescimos, e melhoramentos das sciencias, e artes, que a Ordem da Providencia for successivamente produzindo. Com esta que alguns chamão *gotica*, e *monachal educação*, podemos reclamar mais ampla partilha de Sciencias, e Artes, que as outras Nações da Europa.

A nossa providente Constituição tem tido cuidado, de que os Ecclesiasticos (a quem desde a infancia até a adolescencia, he confiada a liberal educação, e que são destinados por seu alto officio a instruir a presumptuosa ignorancia, e serem os censores do vicio insolente) não incorrão no desprezo do povo, nem vivão de esmolas dos ricos, que serião tentados a desprezar a medicina de seus espiritos. Por essas razões, ao mesmo tempo que o Estado por Lei provê á mantença dos pobres com sollicitude paternal, não abandona a religião, e a subsistencia decente dos que vivem do seu ministerio, a escuras contribuições, e fallivel caridade das *Cameras das Villas, Não*: elle exalta as mitradas cabeças dos seus Pre-

lados nas suas Côrtes, e Parlammentos. Elle ordenou (e o povo vê com gosto) que hum Arcebispo preceda a hum Duque; e olha sem pena, e antes com toda a confiança, que os Bispos de *Durham*, e *Winchester*, tenham dez mil libras esterlinas de renda annual, na certeza de que servirá para sustento dos filhos pobres do povo. He verdade que todas as rendas da Igreja não são sempre empregadas em caridade até a ultima moeda, mas o público está certo, que, no geral, esse he o seu uso. He melhor, para fomentar virtude, e humanidade, deixar nessa parte muito ao livre arbitrio do esmoler, ainda com alguma perda do objecto, do que tentar fazer os homens meras máquinas, e instrumentos de benevolencia politica. O mundo, quanto ao todo, ganha na liberdade das boas obras; pois, sem livre arbitrio, nenhuma virtude pôde existir.

São desprezíveis, pela fraqueza da razão, e só dotados de mortifera força, os argumentos da tyrannia, que na França confiscou os bens da Igreja, e os do Soberano, e deo miseravel estipendio ao Clero, com dependencia absoluta do Governo usurpador. Os sofisticos tyrannos de Paris, depois de tantos ultrajes a todos os direitos da propriedade, palliáráo o seu systema de rapina com o mais estranho de todos os pretextos, a *Fé Nacional*.

Os inimigos da propriedade no principio affectárão a mais tenra, delicada, e escrupulosa anciedade de sustentar os empenhos, que o Rei havia contrahido com os Crédores do Governo. Estes professores dos Direitos do homem só são azafamados em ensinar taes direitos aos outros, e não tem descanço para elles mesmos aprenderem, em que taes genuinos direitos consistão. Se assim não fosse, terião conhecido, que a original fé da sociedade está empenhada, primeiro que tudo, á propriedade do cidadão, e não ao crédor do Estado. A demanda do cidadão he primeira em tempo, fundamental em titulo, e superior em equidade. As fortunas dos individuos, quer possuidas pelos ganhos de sua industria, quer por herança, ou em virtude de participasão nos bens de alguma corporação religiosa de *mão morta*, não fazem parte da segurança do crédor público, expressa ou implicita. Tal segurança jámais entrou nas cabeças dos contrahentes, quando fizerão o contrato com o Estado. Os que emprestão dinheiro ao Soberano, bem sabem, que o público, representado pelo Monarca ou Senado, não pôde tambem empenhar senão os bens públicos; e não he licito considerar bens desta natureza, senão os de que se faz a collecta, por justos, e proporcionados impostos, sobre a massa geral dos cidadãos. Portanto só a renda dos impostos he que se pôde empenhar ao crédor público. Nenhuma pessoa pôde hypothecar a sua injustiça como penhor de sua fidelidade. Se algumas pessoas deverião soffrer na revolução, serião só os proprios crédores públicos, visto que forão os unicos que contratarão com o Estado, e não os Ecclesiasticos. He absurdo achar razão para se confiscarem os bens destes, por não sei que nova, e cerebrina equidade, quando aliás não havião sido hypothecados no tempo dos empenhos contrahidos.

Esta laxidão de fé pública, he a que se propoz na França como boa regra de *filosofia, luz, liberdade, e direitos do homem*.

A Dívida Pública, e a falta na Renda Pública, forão só pretextos para a Revolução, e não causa que a podesse justificar; pois o seu Ministro de Finanças *Necker*, na Conta Geral que apresentou em Maio de 1787, fez ver, que a França tinha huma Renda de Erario fixa de mais de 475 milhões de libras nomezas; e que todos os encargos do Estado (incluindo o interesse de hum novo empréstimo de quatrocentos milhões,) não excedião de 531 milhões; vindo portanto, na balança da Receita, e Despesa, a ser o *deficit* unicamente de *dous milhões esterlinos*. Elle indicou certos artigos de economia, e melhora na Renda presente, que, sem mais algum novo imposto, poderião fazer desaparecer tal *deficit*, que (segundo diz com ironia) *tinha feito tão grande estrondo na Europa*.

Quando todo o trem de fraudes, imposturas, rapinas, incendios, assassínios, confiscos, moeda-papel forçada, empréstimos forçados, e todas as mais especies de tyrannias, e cruezas, que se empregarão para sustentar a revolução, produzio o seu natural effeito, o mal irreparavel que da-hi resultou causou horror, não só a todos os espiritos virtuosos, mas tambem a todos que tinham ainda algum resto de sentimento moral. Então os authores, e fautores de tão salvagem systema, se esganarão em declamações contra o velho governo Monarquico da França, e contra toda a casta de Monarquia. Depois de fazerem odioso com as mais negras côres o poder deposto, forão igualmente declamadores contra os que não pensavão tão negramente como elles; como se os que desapprovão os seus *novos abusos*, fossem partidistas dos *abusos velhos*; e como se os que execravão os seus crus, e violentos planos de liberdade, devessem ser tratados como os advogados da escravidão.

Não podem os partidistas Francezes capacitar-se, de que haja hum justo meio, e terceiro objecto de escolha, entre as desordens antigas, e os horrores da sua Revolução, de que não ha exemplo nos monumentos da historia, e que nem ainda forão excogitadas pela imaginação dos poetas. As suas arengas, nem merecem o nome de sofismas, mas sim de desaforos. Não ouvirão esses Senhores, que, em todo o circulo dos mundos de theoria, e prática, havia alguma cousa de differença entre o despotismo de hum Monarca, e o despotismo da gentalha? Nunca ouvirão fallar de huma monarchia dirigida por Leis, moderada, e balanceada por grande riqueza hereditaria, e grande nobreza hereditaria da Nação, e sendo tambem estas ordens do Estado, reguladas por judiciosa restricção da razão, e do senso do povo, obrando sempre por devido, e permanente órgão do poder politico? Deve-se qualificar de má intenção, e de miseravel absurdo, o preferir-se hum governo temperado, igualmente longe de dous extremos de tyrannia, e anarquia; e não pôde pessoa alguma hesitar sobre os meritos da democracia, sem cair em suspeita de ser amigo do despotismo, e inimigo do genero humano?

Aristoteles, o grande Mestre de Politica, observa, que *democracia*, e *tyrannia* são mui semelhantes: o demagogo que adula o povo he do mesmo pessimo character, que o cortezão que lisonjeia o Despota: hum, e outro vem a ser os validos do poder arbitrario, para o auçar ás maiores enormidades. O certo he que, se ha differença entre aquellas duas es-

pecies de despotismos, he para peor da parte do *governo popular*. Porque; na democracia, a parte maior dos cidadãos he capaz de exercer as mais cruéis oppressões sobre a parte menor, e mais sábia. Em tal governo, quando os partidos adquirem força, a oppressão se pôde estender a muito maior número de pessoas, e com muito maior furia, do que se pôde temer do dominio absoluto de hum só Despota. Nas perseguições plebeias, os individuos que soffrem, se reduzem á condição mais lamentavel, do que no estado de hum unico tyranno. No governo de hum Príncipe Cruel, ao menos o que padece innocentemente, tem por si a compaixão do genero humano, a qual vem a ser hum balsamo que conforta, e mitiga a dor das feridas, e os applausos do povo animo a sua generosa constancia em seus padecimentos: mas os que estão sujeitos ás vilanias do governo da canalha, são privados de todas as consolações, e perecem abandonados pelo genero humano, e esmagados pela conspiração de toda a sua especie.

He facil, e lugar commum dos ambiciosos, e descontentes, fazer longo catalogo dos erros, e defeitos dos Soberanos, e das grandezas decahidas. Pela revolução Franceza, os que antes erão vis lisonjeiros dos grandes, se convertêrão em austeros criticos das suas irregularidades. Mas os espiritos firmes, e independentes, que tem em seu entendimento hum objecto tão serio de meditação ao genero humano, como he o *governo*, desdenhão o tomar a fôrça de satyricos, e diffamadores. Elles julgão as instituições humanas, e os Administradores públicos, com a indulgencia que costumão prestar aos individuos. Elles reconhecem, que, nas cousas mortaes, sempre ha huma sorte de mistura de bem, e mal.

Havião abusos na Monarquia da França, accumulados pelo curso dos seculos. Não sou por natureza inclinado a fazer o panegyrico de cousa alguma, que seja natural, e justo objecto de censura. Mas a questão não he dos vicios da Monarquia, mas de sua existencia. Era por ventura a Monarquia da França incapaz de reforma? Estava-se em a necessidade de abater toda a fabrica della, e alimpar a área para a creação de hum Edificio theoretico em seu lugar?

Ao ouvir fallar algumas pessoas, imaginar-se-hia que a Monarquia da França estava nas mesmas circumstancias que a da Persia debaixo da espada do sanguinario, e feroz *Tahmas Kouli Kam*; ou era igual ao barbaro, e anarquico despotismo da Turquia, em que os mais bellos, e mais vividouros paizes do mundo são devastados pela paz, ainda peor que outros o são pela guerra, onde as artes são desconhecidas, onde a sciencia he extincta, onde a agricultura he decadente, onde a raça humana definha, e amortece aos olhos do observador. Era por ventura esse o caso da França? A sua Monarquia, temperada pelas varias ordens de Estado, era em si mesma hum bem, que muito emendava o mal que nella havia. Outros correctivos provinhão da religião, e das maneiras do paiz, que, supposto o não constituíssem de boa constituição, todavia fazião que ahi o despotismo fosse mais na apparencia, do que na realidade.

Hum dos criterios mais seguros para se julgar da bondade do governo de huma Nação, he a sua *população*. Pelos bons effeitos, se conclue

sólidamente sobre a bondade das causas. De nenhum paiz, em que a sua população floresce, e está em progressivo adiantamento, se pôde dizer que está sob muito mau governo. No fim do seculo decimo setimo, se computava ter a França 18 milhões de habitantes. No meado do seculo decimo oitavo se dizia ter subido a sua população a 22 milhões: e o Financeiro *Necker* (boa autoridade na statistica do paiz) poucos annos antes da revolução, dava á França quasi 25 milhões de habitantes. Todavia a França não he em toda a parte hum paiz fértil, e tem além disto muitos naturaes descontos. O meio termo da sua população he quasi de novecentos homens por legoa quadrada. Não attribuo a grande população Franceza aos cuidados do seu antigo governo; pois não gosto de attribuir ás determinações dos homens o que, no maior gráo, se deve á bondade da Divina Providencia. Porém, se o antigo desacreditado governo da França obstruisse, e não favorecesse as causas naturaes, que promovem a propagação da especie, e que se derivão da natureza do terreno, e habitos de industria dos habitantes, era impossivel verem-se no paiz os prodigios de população, que se observa em muitos lugares. Não se pôde suppor que fosse totalmente má a fabrica de hum Estado, e de suas instituições politicas, que, pela experiencia, se acha conter em si hum principio favoravel ao augmento do genero humano.

A riqueza do paiz he outro criterio para se julgar, se, no geral, o governo he protector, ou destructivo. Sem duvida a riqueza da França não tinha tão igual distribuição, nem tão facil circulação, como a da Inglaterra. A differente forma dos governos fazia, que este paiz tivesse essencial vantagem sobre aquelle. Mas o citado *Necker*, muito habil financeiro, em 1784 affirmou, que na França circulava *numerario*, isto he, *dinheiro*, ou *moeda metallica*, que montava a *centa e oito milhões de libras esterlinas*. Causas externas, e internas deverião haver para attracção de tão prodigiosa somma pecuniaria. Eu vi com os proprios olhos a magnificencia de suas cidades, e de seus canaes artificiaes, para navegação interior, e conveniencia das communicações maritimas; as estupendas obras dos seus portos, e todos os apparatus de sua Marinha para commercio, e guerra; as suas fortificações de atrevida grandeza, e magistral pericia, que apresentavão huma frente armada, e huma barreira impenetravel a seus inimigos: Vi as suas florentes culturas, e manufacturas, que só erão inferiores ás nossas: Vi em fim a multidão de seus Sabios, Estadistas, e Escritores sagrados, e profanos. Tudo annunciava huma Administração, que fomentava opulencia, artes, commercio, e litteratura. Não se pôde condemnar temerariamente, no todo, hum governo, que he capaz de manter tão bellas cousas, ainda que tivesse alguns occultos defeitos, que todavia não o constituíão incapaz de reforma, que exaltasse as suas excellencias, e corrigisse as suas faltas. Os Revolucionarios, em lugar de tudo isto, só assoalhárão violencia, ruina, e miseria aos olhos do observador; e para encubrirem ao povo a immensa desgraça, que lhe sobreveio com a revolução, e taparem a boca aos gritos da sua actual indigencia, acclamárão a França *Grande Nação*, que com os seus trapos affecta soberano desprezo do resto do mundo.

Os gritos contra a nobreza são meras obras da cabala. O ser honrado, e ainda privilegiado pelas leis, opiniões, e antigos usos do nosso paiz, (o que já vem do prejuizo de todas as idades) nada tem que provoque horror, e indignação em qualquer pessoa. A pertinacia em manter qualquer os seus privilégios, não he absolutamente hum crime. O esforço de cada individuo em preservar a posse, do que entende ser a sua propriedade, e merecida distincção, he huma das seguranças contra a injustiça, e o despotismo; e tal expediente se vê em todo o paiz, e está plantado em a nossa natureza. Isto opéra como hum instinto, que fixa as propriedades, e perpetúa as Nações em hum estado firme.

A Nobreza he o ornamento e a graça da Ordem Civil. Cicero, que foi Consul de Roma pela sua eloquencia, e virtude, sendo aliás da classe plebéa, dizia, que *todos os bons favorecião a Nobreza*. (*) Ella he o capitel Corinthio da Sociedade polida. He na verdade hum signal de espirito liberal, e benevolo o inclinar-se decididamente qualquer pessoa civil á fidalguia. Não sente em seu coração nobres estimulos, o que deseja nivellar todas as instituições artificiaes, que tem sido adoptadas para dar corpo á opinião, e permanencia á estima fugitiva. He de huma disposição perversa, acre, e invejosa, inimigo da verdadeira virtude, e até da sua propria imagem, e representação, o que sente alegria na queda, do que floreceo por longos tempos com honra, e esplendor. Não deseo ver destruida a nobreza: isso produziria hum vazio moral na Sociedade, e dahi viria ruina á face da terra. Merece em alguma parte reforma quanto aos abusos, mas não abolição.

A respeito do Clero da França, eu suspeito que o mal, que se disse contra elle, fôra fingido, ou exaggerado; pois os que fizeram a accusação, e condemnação, unhão em vista aproveitarem-se do confisco dos seus bens. O inimigo sempre foi má testemunha, e o ladrão ainda he peor. Vícios, e abusos havião de haver nesta ordem do Estado, bem como em outras ordens. Isto era inevitavel em Estabelecimentos velhos, e não revistos frequentemente. Mas não vejo que se provassem contra o Clero crimes, que merecessem o espolio de toda a sua substancia; e menos ainda se mostrou, que os crueis insultos, e deshumanas perseguições a todo o Corpo, erão bons substitutos em lugar de regulamentos, que o melhorassem.

Os atheisticos diffamadores do Clero, que obrarão com os trombeteiros para animarem a canalha a roubarem os Ecclesiasticos, (seculares, e regulares) em nenhuma cousa insistirão com maior complacencia, do que na devassa, que tirarão dos vícios da gente consagrada ao Culto Divino. Com a mais vil industria revolvêrão, e esquadrinharão toda a historia das antigas idades, para assoalharem os factos de oppressão, e perseguição, que fizerão os que abusarão da religião, e de seus preceitos, para favorecerem ao seu Corpo; a fim de com isso justificarem as actuaes perseguições, e crueldades, praticadas na revolução contra os Clerigos, e Frades, usando de iniquos, e anti-filosoficos principios da *Lei de talizão*. Depois

(*) Omnes boni naturaliter favemus nobilitati.

de destruirer todas as outras genealogias, e distincções de familia, e inventarão huma sorte de linhagem de crimes. Mas nunca foi justo castigar os homens pelos delictos de seus antepassados; e muito menos quando os descendentes não são de linha natural, e que só tem o nome commum da Corporação, que praticou a offensa. Este refinamento de injustiça só pertence á *barbara philosophia* deste, que se disse, *seculo illustrado*.

Os *Corpos de mão morta*, e, em geral, as *Associações incorporadas* são immortaes para o bem de seus membros, mas não para o castigo de todos. As Nações são Corporações desta natureza. Se o principio revolucionario fosse boa regra, Inglaterra poderia fazer guerra implacavel, e de exterminio, contra a França, e França contra Inglaterra, com o pretexto das innumeravies, e mutuas hostilidades dos dous paizes, em varios periodos da historia.

A lição da historia não deve servir para corromper os nossos espiritos, e destruir a nossa felicidade. A historia abre hum grande volume para nossa instrução, contendo os materiaes de futura sabedoria, pelo util exame dos nossos passados erros, e enfermidades do genero humano. Se se perverte o seu ensino, ella só serve de armazem de punhaes, para os partidistas contra a Igreja, e o Estado supprirer com os máos exemplos os meios de terem sempre vivas, ou de fazerem reviver as nossas dissensões, e animosidades, accrescentando maior fomento de incendio para a furia civil.

A historia, na maior parte, consiste na collecção das miserias, que tem vindo ao mundo pela soberba, ambição, avareza, vingança, lascivia, sedição, fanatismo, e por todo o mais trem de paixões desordenadas. Estes vícios são as causas das tempestades politicas. Religião, moral, leis, prerogativas, privilegios, liberdades, direitos do homem, são meros pretextos de dell's: e sempre forão pretextos com apparencia de bem real. Os grandes actores, e instrumentos nos grandes males publicos são Reis, Padres, Magistrados, Senados, Juizes, Capitães. Porém não se cura o mal tomando-se a resolução politica de que não hajão Soberanos, Ecclesiasticos, Ministros de Estado, Conselhos, Tribunaes, e Generaes. Só podemos mudar os nomes, mas as cousas permanecerão sempre as mesmas, e unicamente em figura diversa.

Sempre algum poder se deve confiar á algumas mãos, dê-se-lhe o titulo que se quizer. Os verdadeiros Sabios só applicão os seus remedios aos vícios, e não aos nomes; ás causas que os occasionão, e não aos modos transitorios, em que elles apparecem. Pelo contrario, os pertendidos reformadores só se mostrão intelligentes em theoría, e fatuos na pratica. A malícia he mais inventora do que a sciencia humana. O mesmo vicio muda de modo, e toma novo corpo: mas o seu máo espirito transmigra; e longe de perder, pela mudança da apparencia, o seu malefico principio de vida, antes renova os seus novos orgãos com fresco vigor, e actividade juvenil.

Aterrano-nos com forjadas aparições de máos espiritos, e não advertimos, que a nossa casa está assaltada de verdadeiros ladrões. Attendendo só a casca da historia, pensa-se fazer guerra á intolerancia, soberba, e

trueldade; entretanto que, com o pretexto de se aborrecerem os máos principios dos violentos partidos (que aliás já não existião) das antigas perseguições por causa de religião, se authorizão, e alimentão os mesmos odiosos vícios, e talvez peiores, nas differentes actuaes ficções perseguidoras.

Os cidadãos de París se prestarão em outro tempo como instrumentos á matança dos sectarios de Calvino, e á infame carnificaria do celebre dia de S. Bartholomeu. Podem-se por ventura justificar os mesmos Parisienses, porque agora, em despique, representão as abominações, e horrores desses tempos, levando a sua extravagancia até o ponto de fazer em pantomina tragica, vir á scena o Cardeal de Lorena em vestimentas sagradas, dando ordem para geral assassinao? Avivando-se com tal espectáculo a salvagem disposição dos Parisienses, podia-se fazellos execrar a perseguição religiosa, ou desgostallos da effusão de sangue? Antes isso servio de mais estimular-lhes o seu appetite Cannibal, que tão brutaemente cevarão, até beberem o sangue das victimas de seus furores. Porque o antigo Cardeal de Lorena foi hum rebelde, e assassino, pôde-se agora lêr sem horror a perseguição feita a tantos Arcebispos, e Bispos da França assassinados, ou fugitivos, que só erão conhecidos pelo povo pelas suas orações, bençãos, esmolas, e nobre uso das riquezas, e que procurárão asylo em Inglaterra, e entre os quaes não sería difficil achar hum Fenelon?

Os que lerem a historia com elevados sentimentos da razão, e pondo osculos diante dos olhos, e trazendo as cousas ao verdadeiro ponto da comparação, para ver-se o espirito, e a qualidade moral das acções humanas, só podem dizer aos presumidos *Mestres do Palais Royal* — o Cardeal Lorena foi hum assassino do seculo decimo sexto; e vós tendes a gloria de serdes iguaes assassinos no seculo decimo oitavo. — Esta he a unica differença, que ha entre ambos.

Mas a historia no seculo decimo nono deve ser mais bem entendida, e melhor empregada. Confio que ella ensinará á posteridade civilisada aborrecer os attentados desses seculos barbaros. Ella ensinará aos fuuros Ecclesiasticos, e magistrados o não se despiciarem, por vingança, contra os especulativos quietos athãos dos futuros tempos, pela representação das enormidades commettidas pelos athãos praticos, e furiosos entusiastas dos nossos dias. Ella ensinará á posteridade a não fazer guerra contra a religião, e *philosophia*, pelo abuso, que hypocritas tenham feito destes dous preciosos donativos, que nos são conferidos pelo Pai Universal.

Talvez alguns Ecclesiasticos, pelos seus partidos, e alguns excessos, se terião mostrado viciosos além dos limites, em que se deve ter indulgencia com as fraquezas humanas. Concedo tudo isto: mas sou homem; e tenho a tratar com homens; e provando a falta da racionavel tolerancia de opiniões religiosas, não desejo cahir no extremo da maior de todas as intolerancias. Supporto as fragilidades, em quanto não degenerão em crimes. Sem duvida o natural progresso das paixões, pela inclinação dos homens aos vícios, deve ser prevenida por olhos vigilantes, e máos firmes. Os revolucionarios pintão o Clero da França como se fossem monstros. Mas ha nisso verdade? He crível que o lapso de tempo, a cessação dos

interesses rivaes, a lastimosa experiencia dos males, que resultarão da raivã dos partidos, não hajão tido influencia alguma em melhorar os seus espiritos? Tem os Ecclesiasticos opprimido os Seculares com mão de algozes, e accendido em todos os lugares as ardentes fachas de selvagem perseguição? Erão por ventura inflammados, como antigamente, com violentas dissensões, e contendas, por fogoso espirito de controversia? Levados de ambição de soberania intellectual, procuravão pôr fogo ás Igrejas heterodoxas, e assassinar as pessoas de diverso Credo, para sobre as ruinas das outras seitas, e dos governos subvertidos, firmarem o imperio da sua doutrina, forçando as consciencias dos homens pela sua pessoal authority, reclamando ao principio liberdade para si em opiniões religiosas, e rematando em abuso de poder? Certamente não.

Tanto na França, como nos outros paizes civilizados, era visivel o grande abatimento desses vicios, e excessos, que fazião odioso o caracter dos tempos passados. Antes, considerando-se as cousas na equidade commum, o Clero era digno de louvor, respeito, e patrocinio; por ter abandonado o espirito violento, que deshonorou em outras idades a alguns dos seus predecessores, que perseguirão os povos, em lugar de mostrarem a moderação de animo, e doçura de maneiras, que erão proprias de suas funções sagradas.

Os revolucionarios preferirão o atheismo a qualquer fórma de religião; e o *atheismo triumphante os destruiu*. Ainda os fanaticos de qualquer seita não se esquecem de todo, que justiça, e misericórdia fazem partes substanciaes da religião. Os impios, para fazerem proselytos, jámais se recomendarão pelas iniquidades, e cruzas, que praticarão no fim do seculo decimo oitavo com os seus semelhantes, affectando chamallos livres, e iguaes, para os tratar como escravos, e brutos.

He cousa espantosa vêr aos novos *Mestres da razão* continuamente jactando-se de seu espirito de tolerancia. Não ha nisso materia de merecimento para as pessoas, que tolerão todas as opiniões religiosas, em razão de pensarem, que nenhuma he digna de estimação. Hum desprezo igual de todas as opiniões, e seitas não vem a ser huma candura imparcial. A especie de benevolencia, que nasce do desprezo, não he verdadeira caridade. Em Inglaterra ha muita gente, que tolera as differentes seitas, e fórmas religiosas, no *verdadero espirito da tolerancia*. Elles pensão, que todos os dogmas da religião são de momento, ainda que em differentes grãos; e que entre elles ha alguns (como em todas as cousas de valor) que tem justo fundamento de preferencia. Os Inglezes pois favorecem a es-es, e tolerão a todos. Elles os tolerão, não por desprezarem as opiniões differentes, mas por terem o devido respeito á justiça. Elles com reverencia, e affeição protegem todas as religiões, porque venerão, e amão o *Grande Principio*, em que todas concordão, e o *Grande Objecto* a que todas se dirigem. Elles, na maior parte, cada vez melhor, e mais claramente conhecem, que nós todos temos huma *Causa Commum*. Por isso não são arrebatados por espirito de facção. Para elles, o sacrilegio não faz parte da *doutrina das boas obras*; e detestão a pratica de proscriver homens innocentes, e não restituir os bens roubados aos Ecclesiasticos.

Os novos Legisladores da França, (que se valerão das circunstâncias para se apoderarem do poder do Estado) reprovão a doutrina da *prescripção*, que aliás he huma das melhores de seus antigos Jurisconsultos. *Domiat* disse a grande verdade, que *tal doutrina faz parte da Lei da natureza*. Elle nos ensina, que a positiva demarcação de seus limites, e a segurança de não se fazer invasão contra tal direito, he huma das causas para que se instituo a sociedade civil. Se a *Lei da prescripção* (*) for huma vez abalada, não fica segura especie alguma de propriedade, e se franqueia huma grande porta a insaciavel cobiça do povo indigente. Vemos na França a pratica perfeitamente corresponder ao desprezo desta grande fundamental parte da Lei Natural. Vimos os seus Confiscadores principiarem por sequestrar a Propriedade dos Bispos, Cabidos, Mosteiros, Principes de sangue, Nobres; e desde então não houve mais fim a confiscos de toda a sorte de Proprietarios. Infatuados com a insolencia das proscriptções, e infames victorias, sempre apertados de miserias, causadas pelo seu lascivo, e execravel appetite do ganho, a final se aventurárão a subverter toda a propriedade de todos os estados, e classes de gente por todo o Reino; e forçarão a todos os homens, em todas as transacções do commercio, e tratos da vida civil, a aceitar em pagamento papel sem credito de hum governo fallido, e fattu, fazendo circular seus infinitos *Assignados*, que erão meros hieroglyphicos ridiculos, e nullos de suas especulações de rapinas.

Que vestigio restou de liberdade, e propriedade em tão grande Paiz? Sem cerimonia, ou menor escrupulo os levantados Legisladores violárão os Direitos da Propriedade, da Prescripção, da Moeda, da Fé Publica, e estabelecerão o mais inaudito despotismo. Assim o Corpo Legislativo da Nação, que dizia querer ser livre, assenhoreou-se, não para segurança, mas para destruição, da Propriedade Nacional, e não só da propriedade, mas tambem de toda a regra e maxima que lhe pôde dar estabilidade, e de todos os solidos instrumentos que lhe podem dar circulação. Os seus projectos forão ainda ávante, até o ponto de quererem, com o mais violento fanatismo, fazer proselytos de taes horrores em todos os paizes, que recebião, por cabalas insidiosas, os signaes de confraternidade, e as senhas de revolução, consagradas entre seus nefandos ritos, e mysterios, com ligas federativas de perpetua amizade.

Os presumidos Politicos, e Economistas da França nem ao menos, advertirão, que, confiscando-se tão immensa propriedade, e vindo ella de subito para a cruel Hasta Publica, a sua violenta, e repentina entrada no mercado faria logo abater immenso o seu valor, resultando dahi permanecer sempre o Estado sem os recursos, que se haviam especulado, e venderem-se os mais inestimaveis bens por vil preço, e a vis pessoas, que as adquirirão com lesão enormíssima dos donos legitimos, tirando-se dos melhores, e immemoriaes possuidores? Que equidade (disse o Consul de Roma) se pôde considerar em se tirarem as terras aos senhorios de muitos

(*) Esta Lei he, a que dá estabilidade aos dominios das Propriedades possuidas trinta annos pacificamente, por titulo legitimo.

annos, e ainda de seculos, para se traspassarem a injustos compradoses ? Valem por ventura estes mais que os outros ? Melhorou a Nação ? Cessarão as discordias civis ? Pelo contrario, as desordens se propagarão até huma extensão incalculavel.

A segurança das Dividas Publicas foi hum dos pretextos, e estímulos para taes desordens. As Nações estão a submergir-se cada vez mais no fundo do Oceano de sua Divida Publica sem limites. As Dividas Publicas, que ao principio erão seguranças para o Governo, fazendo, por meio dellas, interessar a muita gente na tranquillidade publica, vão, pelo excesso, a ser os meios de sua subversão. Se os Governos providencião ao pagamento destas dividas impondo pezados tributos, hão de perecer, fazendo-se assim odiosos ao povo. Se não providencião ao seu desempenho, serão destruidos pelos esforços dos mais perigosos de todos os partidos, isto he, do partido dos capitalistas prejudicados, e não extinctos. Os homens desta classe ao principio olhão, (como segurança do seu capital emprestado,) para a fidelidade do Governo, e depois para o seu poder. Se vem o seu Governo velho, caçado, esteril, com as molas frouxas, e sem o sufficiente vigor para satisfazer os seus empenhos, procurarão novo governo que possua mais energia, e energia tal, que lhes possa pagar não por novos recursos legitimos, mas pelo desprezo da justiça. Revoluções são favoraveis aos confiscos. Estes principios que predominão na França vão-se disseminando por todos os paizes, e por todas as classes de pessoas, que estão olhando para a propriedade, e indolencia dos ricos, como para a sua segurança. A indolencia dos grandes proprietarios se arguirá de inutilidade, e esta inutilidade logo se representará como nociva ao Estado. Muitas partes da Europa estão em desordem clara: sente-se já confuso movimento, que ameaça geral terremoto no Mundo Politico.

Alguns dizem, que os confiscos da França não devem assustar as mais Nações; pois que não se fizerão por extravagante rapacidade, mas por grande medida de Política Nacional, a fim de se removerem extensas, e inveteradas desordens. Por isso muita gente approvou o confisco feito dos bens dos Mosteiros, e a abolição das chamadas *Corporações de mão morta etc.*

Jámais separarei a Justiça da Política. A Justiça deve ser sempre a Estrella Polar de todos os actos do Governo na Sociedade civil. Toda a grande aberração della, em quaesquer circumstancias, faz suspeitar que não he a Política que obra, mas a cubiça de dominação.

Quando os homens são animados a entrar em certo modo de vida pelas leis existentes, e são protegidos nesse modo de vida como emprego legitimo de sua industria; quando elles accommodão todas as suas idéas, e todos os seus habitos ás occupações respectivas; quando a policia publica tem feito, que a conformidade a essas regras seja o fundamento de reputação, e o desvio dellas o fundamento de deshonra, e pena; certamente he injusto o fazer qualquer Legislador violencia aos espiritos, e sentimentos de seus subditos, e o derrallos do seu estado, e condição, e ainda demais accrescentar vergonha, e infamia ao caracter dos individuos, e aos costumes do paiz, que antes tinhão sido a medida de sua felicidade, e hon-

ra. Não he preciso ser mui sagaz para descobrir , que este brinco despotico , feito com os sentimentos , consciencias , prejuizos , e propriedades dos homens , não se pôde distinguir da mais atroz tyrannia.

O homem encarregado de saudaveis reformas , que não obra debaixo do influxo das paixões , que em seus projectos não tem em vista senão o bem publico , vendo que ainda as instituições originalmente viciosas , depois de tomarem raizes profundas , se misturão e entrelação com muitas cousas boas , e que por isso não se podem desarraigat , sem ao mesmo tempo notavelmente se destruirem essas boas cousas , não deve estar disposto a abolillas de repente. Ha em tudo justo meio. Recebendo alguém o governo de hum Estado , deve compollo , e ornallo , corrigindo , e não destruindo. *Spartam accepisti , hanc exorna.*

Esta regra de profundo senso jámais deve estar fóra do espirito de hum reformador honesto. Não posso conceber como hum homem chegue a subir a tal presumpção , que considere o seu paiz como nada mais que huma *Carta branca* , para escrever nella , o que lhe der na vontade. Hum homem cheio de benevolencia especulativa pôde desejar , que a Sociedade fosse constituida do modo differente do que a acha ; mas o bom patriota , e o verdadeiro politico sempre considerarão o como se poderão melhor aproveitar das materias , que achão no proprio paiz , para as reformas indispensaveis. Disposição a conservar , e habilidade a melhorar serão sempre os padrões do Estadista. Tudo que he fóra disto , he vulgar no conceito , e perigoso na execução.

Ha momentos na fortuna dos Estados , em que certos homens são chamados a fazer melhoramentos , por grandes esforços mentaes. Nesses momentos , ainda quando gozem da confidencia de seu Principe e paiz , e se-jão revestidos de plena authority , nem sempre achão instrumentos idoneos para a obra. O verdadeiro politico , para fazer grandes cousas , deve então procurar descobrir a grande mola do mechanismo da benevolencia civil , para saber extrahir o bem ainda do mal.

Tem-se declamado muito contra as Corporações religiosas. Mas as suas rendas tinhão direcção publica. Os seus membros erão dedicados a objectos publicos , e por principios publicos. Ainda que as suas instituições ao principio fossem obras de entusiasmo , todavia forão depois os instrumentos da sabedoria. Não mereceria ser havido por Homem de Estado de alta ordem , quem destruisse temerariamente a riqueza , disciplina , e os habitos de taes Corporações , e não achasse expedientes de as converter em grande , e permanente beneficio de seu paiz. Só politicos destituídos de fundamentos , e que não entendem do officio , podião achar utilidade em extinguillas.

Estas instituições (dizem) favorecem a superstição pelos seus mesmos principios , e a alimentão pela sua constante , e inextinguivel má influencia. Não entro nesta questão. Mas não he menos certo , que derivamos solidos beneficios de muitas disposições , e de muitas paixões , que , aos olhos da moral , são , pelo menos , de cór tão druidosa como a superstição. A superstição he a religião dos espiritos fracos. Se inteiramente se lhes arranca , sem se darem logo melhores substitutos aos que não concebem as cou-

sas melhor, tambem arrancamos os recursos necessarios a soste'r as cousas mais essenciaes.

A base da verdadeira religião consiste, em estar o Corpo do povo sempre seguro na idéa, e pratica da obediencia á Vontade do Eterno Soberano do Mundo, ter confiança nas suas revelações, e aspirar á imitação de suas perfeições. Os homens sabios não são violentos em condemnar a fraqueza do entender humano. A Sabedoria não he o mais severo censor da ignorancia. As loucuras rivaes são as que se fazem mutuamente implacavel guerra; e a que chega a predominar, logo se prevalece de suas vantagens para pôr no partido de suas censuras os espiritos vulgares. Pelo contrario, a prudencia he hum mediador neutro. Se na contenda entre o afferro imoderado a certas instituições, e a orgulhosa antipathia a causas, que, por sua natureza, não são proprias a produzir effervescencias de indignação, o homem prudente he obrigado a fazer escolha, comparando erros, excessos, e enthusiasmos, pelo menos, julgará mais toleravel a superstição, que edifica, do que aquella, que destroe; e a que orna o paiz, do que a que o deforma; e a que o dota, do que a que espolia; e a que dispõe das riquezas para benevolencia, ainda que aliás menos bem entendida, do que a que estimula os homens á real injustiça; e a que recusa a si propria ainda os prazeres legitimos, do que a que rouba dos outros até a modica subsistencia. Certamente este se achará ser o estado da questão entre os fundadores das Ordens Monasticas, e os pertendidos reformadores da superstitiosa philosophia do seculo presente.

Em toda a Nação prospera, alguma parte do producto da terra e industria sempre excede as necessidades do consumo do productor respectivo. Este excedente fôrma o redito do senhor da terra, e dos capitalistas, que adiantão o fundo para a producção. Este excedente será despendido por estas duas sortes de proprietarios, que aliás não trabalhão directamente para a producção. Mas a sua arguida pinguença, (que he mera isenção de obra mecnica) vem a ser o estímulo do trabalho dos que não tem terra capital, e o seu descanso he o incitamento á industria do principal corpo do povo. O interesse do Estado só he que os capitaes empregados para fazer render a terra, tornem outra vez para as mãos industriosas, donde elles vierão, e que a despeza dos fundos da natureza, e arte seja dirigida com o menor possivel detrimento da moral, tanto daquelles, que a fazem, como dos obreiros, para quem os capitaes tornão, a fim da renovação dos trabalhos, e constante reproducção dos fructos da terra, e industria.

Em todas as considerações de receita, despeza, e emprego pessoal, hum Legislador prudente deve cuidadosamente comparar os caracteres do possuidor dos fundos, a quem se aconselha expellir, e do estrangeiro, que se prepõem para substituir o seu lugar. Além dos inconvenientes que resultão das violentas revoluções da propriedade por extensos confiscos, deve-se estar certo, que o novo possuidor será mais trabalhador, mais virtuoso, mais sóbrio, e menos disposto a extorquir irrational proporção dos ganhos do lavrador, ou a consumir consigo mais quantidade do que a ordinaria medida do consumo de qualquer individuo, ou a despender de modo mais

firme, e igual, que melhor corresponda á util despeza politica, que os antigos instituidores havião destinado. Quem demonstrou que estas vantagens estão da parte dos que adquirirão os bens da Igreja, e das Ordens religiosas?

Os frades (dizem) são inertes. Sejão. Supponha-se que não se occupão senão em cantar no côro. Pelo menos são tão utilmente empregados como os que cantão no theatro. Incomparavelmente peor he a occupação de milhares de individuos de condição servil, empregados pelos grandes ricos seculares em vis, e pestiferos ministerios. A humanidade, e a politica antes justificarão o livrar a estes de seus mãos, e inuteis empregos, do que o perturbar o tranquillo repouso da morada monastica. Ora quando as vantagens da posse estão *ao par*, não ha motivo para mudança de possuidores.

Compare-se porém a vá, e pernicioso despeza, que os grandes proprietarios seculares frequentemente fazem, com a que a maior parte dos Prelados, Cabidos, e Mosteiros fazia em accumulção de vastas livrarias, que contêm a historia da força, e fraqueza do espirito humano; de grandes collecções de manuscritos, medalhas, moedas, que attestão, e explanão as leis, e costumes da antiguidade; de nobres pinturas, e estatuas, que, imitando a natureza, parecem estender os limites da creação; dos grandes monumentos dos mortos, que fazem continuar as lembranças, e connexões da vida àinda além do sepulchro; dos variados musêos, que assoalhão as maravilhosas amostras da opulencia da natureza, e que são a assemblea representativa de todas as classes, e familias do mundo, que, pela sua disposição scientifica, e excitando a geral curiosidade, abrem as estradas da Sciencia. Se por grandes estabelecimentos permanentes todos estes objectos de despeza estão mais seguros do inconstante jogo do capricho, e da extravagancia pessoal, pôde-se crer que estarião peor nas mãos dos que tnhão feito, e accumulado tão uteis trabalhos, do que nas de individuos separados, e sem o espirito preservativo das Communidades, ainda que nelles prevalecesse hum gosto igual ao dellas?

Por ventura o suor do pedreiro, e carpinteiro não corre tão aprazivel, e salutarmente na construcção, e reparo dos majestosos edificios da religião, como na fabrica de casas de opera, officinas de jogo, e obras de phantasia, para nutrir o luxo, e o orgulho, como v. g. obeliscos no Campo de Marte etc? O producto superfluo de vinho, e azeite do paiz será peor empregado na frugal sustentação de pessoas, a quem as ficções de piedosa phantasia derão a dignidade de estarem sempre em louvor, e serviço de Deos, do que em innumeravel multidão de criados, que são mantidos com desperdicios, só para nutrirem a soberba de seus amos? Os ornatos dos templos serão despezas menos dignas de hum homem sabio, do que as festas com laços nacionaes, e innumeraveis fofices, com que a opulencia dos seculares alardêa a enorme carga de suas superfluidades? Toleramos estas cousas, não por amor dellas, mas pelo receio de que em seu lugar entre ainda cousa peor. Toleramo-las, porque a propriedade, e a liberdade, até certo grão, requerem a tolerancia de taes usos nas sociedades. Como se poderia logo com razão proscrever os estabelecimentos, e dispendios, que em todos os pontos de vista, são do mais louvavel uso

dos Estados? Pode ser justo fazer violação de toda a propriedade, e, por ultraje de todo o principio de liberdade, muda-los á força do melhor para o peor? As corporações da Igreja no uso de sua propriedade são os objectos mais susceptíveis de direcção publica da parte do poder do Estado: o regulamento dos modos, e hábitos de vida dos seus membros vem a ser mais facil do que he, ou deve ser, a respeito da economia dos cidadãos particulares. Esta consideração he muito essencial para se tentar alguma cousa, que mereça o nome de *empreza politica*.

Nenhum excesso he bom. Assim como não convém, que desproporcionada quantidade de terras esteja em poder dos Corpos de mão morta, e dos grandes Prelados, tambem não se mostra razão, porque a posse de algumas se traspasse violentamente do poder de alguns, que muitas vezes, de facto, tem feito bom uso de antigas propriedades, que passarão successivamente a pessoas de eminente virtude, e sabedoria; que dão ás mais nobres familias renovação, e mantença, e ainda ás das classes infimas os meios de dignidade, e ellevação; propriedades, a cuja posse he annexa a obrigação de executar algum dever moral, e que, posto os seus possuidores não cumprão perfeitamente os seus encargos, que se exigem delles, com tudo lhes fazem ter hum caracter de, ao menos, exterior decoro e gravidade, e que, de ordinario, são applicadas á hospitalidade generosa, considerando-as habitualmente os possuidores como hum deposito confidencial para exercicio da caridade. As pessoas, cujo destino, e onus publico no uso de taes propriedades he ostentar virtudes, naturalmente as administrarão melhor, e serão mais comedidos, e regulados na sua economia, do que os seculares, que não tem regra, e direcção de suas despezas senão as suas vontades.

Sempre olharei com piedade, e reverencia para os erros daquelles reformadores, que são timoratos nos pontos, que implicão com a felicidade do genero humano. Sõ Politicos máos, e ignorantes são nisso ousados, assemelhando-se aos Cavalleiros de industria, que nada tem a perder, e não sentem paternal sollicitude do bem publico; que não temem fazer a amputação n'huma creança, só para tentarem huma experiencia perigosa. Estes taes, na vastidão de suas promessas, e na confiança de seus prognosticos, excedem todas as jactancias dos charlatães.

Estou convencido que na Assembleia Nacional da França entrarão homens de muita habilidade, e alguns desenvolverão eloquencia em suas falas e escritos, o que se não podia executar sem grandes, e cultivados talentos. Mas a eloquencia pôde existir sem proporcional grão de sabedoria. Com-tudo, no systema que propozirão para segurança, e prosperidade dos cidadãos, e para se promover a força, e grandeza do Estado, confesso não ter achado huma só cousa, que denotasse obra de espirito comprehensor, e providente, e nem ainda de entendimentos capazes das providões de prudencia vulgar.

A gloria de todos os grandes Mestres em todas as artes consiste em confrontar, e vencer as difficuldades; e quando tem vencido a primeira, a convertem em instrumento para vencer novas difficuldades; e assim adquirem a possibilidade de estender o imperio da sua sciencia, e ainda trans-

pollo além do alcance de seus originaes pensamentos , transcendendo até fóra dos marcos da intelligencia humana. A difficuldade he hum instrume-nto severo , estabelecido por suprema ordenança do Pai , e Legislador Om-niscio , que nos conhece melhor do que nós nos conhecemos. O que luta com nosco , fortifica os nossos nervos , e aguça a nossa perspicacia. O nosso antagonista vem a ser o nosso auxiliar. O amigavel conflicto com a diffi-culdade nos obriga a adquirir mais intimo conhecimento do objecto propos-to , e nos impelle a considerallo em todas as suas relações , não soffrendo que sejamos superficiaes. O que foge de tal luta mostra não ter nervos do entendimento para a sua tarefa.

O degenerado appetite de fazer tudo em pouco tempo com enganosas facilidades , e (como dizem os francezes) *golpes de mão* , tem sido em muitas partes a causa de se crear no mundo governos de poder arbitrario. Então as faltas de sabedoria são suppridas pela plenitude de força , e os povos nada ganhão na mudança. Começando taes reformadores os seus tra-balhos por principio de preguiça (que não medita , nem combina) tem a fortuna commum da gente preguiçosa. As difficuldades , que elles mais il-ludirão , do que resolvêrão , tornão a apparecer no curso do edificio , e são envolvidos n'hum labyrintho de confuso manejo , e n'hum industria estouvada , e sem direcção. Assim fazem a sua obra viciosa , e sem segu-rança.

A Assemblea Nacional só ladeou pelas difficuldades , sem as resolver , nem evitar ; e por isso , começou os planos de reforma com a *abolição* e *destruição*. Em demolir a picarête , e arrazar hum edificio , mostra-se habi-lidade ? O mais rude entendimento , e a mão mais selvagem he capaz de tal obra : raiva , e phrenesi pôde derrubar em huma hora mais , do que prudencia , deliberação , e pericia podem edificar em cem annos.

Os erros , e defeitos dos estabelecimentos velhos são visiveis , e pal-paveis : não he precisa muita sagacidade para apontallos : e onde se estabe-lece poder arbitrario , basta huma palavra para destruir vicios , e juntamen-te os estabelecimentos uteis. A mesma preguiçosa , e inquieta disposição , que ama a inercia , e aborrece o socego , dirigio os politicos da França para abater a sua Monarchia , com tudo o que tambem havia de bom nella , sem aliás supprir devidamente o lugar das cousas destruidas. Hum dos do Corpo Legislativo , que ali tinha ascendente , exprimio assim o seu *Grande Principio destructivo* : nada he mais simples. ,, Os estabelecimentos ,, da França corôão a infelicidade do povo. Para o fazer feliz , he necessa-,, rio renovallo : mudar suas ideas ; mudar suas leis ; mudar seus costumes ; ,, mudar os homens ; mudar as cousas ; mudar as palavras... destruir tu-,, do... sim tudo destruir , pois que tudo se deve tornar a crear. ,, Se este arengueiro fosse escolhido para Presidente da casa dos orátes , poderia ser havido por ente racional ?

Preservar e reformar he cousa mui diversa desta Proposta. Quando se pretende concertar , e accrescentar hum grande edificio , sem destruir as par-tes uteis , deve-se ter hum espirito vigoroso , de perseverante attenção , do-tado de talentos para comparar , e combinar , e hum entendimento fertil em expedientes vigorosos , que entre em conflicto com a confederada força

dos vícios oppostos, a saber, da obstinação, que rejeita todo o melhora-mento, e da leveza, que se fatiga, e desgosta até com o bem, de que está de posse. Mas este processo he lento, e não he proprio para phantasticos Legisladores, que se glorião de executar em poucos mezes a obra, que requer seculos. Huma das prorogativas, que deve acompanhar o methodo de reformar com prudencia, he, que hum dos seus assistentes seja o tempo, que faz a sua operação, quazi imperceptível.

Se a circunspecção, e cautela são partes da sabedoria, ainda quando a obra he só de materia desanimada, sem duvida mais constituem parte do nosso dever, quando o objecto da demolição, ou construcção não he obra de pedra, e pão, mas de racionaes sensíveis, que se podem fazer misera-veis em grande multidão, pela repentina alteração de seu estado, condi-ção, e habitos de vida. Com tudo em París a predominante opinião he, que hum coração insensível, e huma presumpção illimitada são as unicas qualificações para hum perfeito Legislador. Porém mui differentes devem ser as idéas deste alto officio.

O verdadeiro Legislador deve ter hum coração cheio de sensibilidade: deve amar, e respeitar a sua especie, e tremer de seu amor proprio. Regulamento politico he obra para entes sociaes. Nelle o espirito deve cons-pirar com os outros espiritos. A nossa paciencia pôde melhor acabar a obra, do que a nossa força. A experiencia tem mostrado, que não ha plano, que não tenha sido melhorado pelas observações dos que aliás em entendi-mento erão mui inferiores ás pessoas, que havião dirigido o negocio. Pelo lento, e bem sustentado progresso do exame o effeito de cada passo he observado; o bom ou máo successo do primeiro dá-nos luz ao segundo; e assim de luz em luz somos conduzidos com segurança por toda a série das operações. Por este modo attendemos a que as partes do systema não com-batão entre si. Os males escondidos nas mais especiosas apparencias são remediados logo que se divisão. Cada vantagem he assim menos sacrificada á outra. Compensamos, conciliamos, balanceamos. Deste modo somos ha-bilitados a unir em hum todo coerente as varias anomalias, e principios contradictorios, que se achão nos espiritos, e regulamentos dos homens. Dahi se origina não a excellencia na simplicidade, mas (o que lhe he su-perior) a excellencia na composição. Como os interesses do genero humano se transmittem por longa successão de gerações, tambem a successão de re-formas se deve transmittir por meditadas resoluções, que profundamente combinem seus interesses.

Por isso os melhores Legisladores tem muitas vezes achado mais con-veniente conservar o estabelecimento de algum seguro, e selido principio de governo, que reja a Policia publica, do que adoptar Planos de perfeição ideal, que podem ser falliveis na pratica. Proceder assim, he proceder com principio providente, e energia prolifica, que he o criterio da verdadeira sabedoria. O que os politicos francezes pensão ser os signaes de hum ge-nio activo, e transcendente, são só provas de deploravel falta de habilida-de. Pelos seus violentos processos, com desvio dos processos da natureza, vierão a abandonar-se cegamente a qualquer projectista, e aventureiro, em-pirico, e alchymista. Elles na sua medicina do Estado affectarão não em-

pregar ingrediente , que fosse commum. Diéta não lhes he nada no systema dos remedios. A sua desesperação de curar por methodos regulares procedeo ainda menos de falta de comprehensão , do que de malignidade de temperamento. Taes legisladores formárão suas opiniões a respeito das profissões , e ordens , e officios dos homens , pelas declamações , e chocarrices dos satyricos. Olhárão para as cousas unicamente da parte dos defeitos , e vicios , e ainda a estes debaixo da côr da exaggeração.

Em geral he huma verdade , que os habituados a não verem senão as faltas dos outros , são incapazes da obra da reforma ; pois que os seus espiritos não estão bastantemente suppridos com padrões do bom e bello , e só se deleitão na contemplação da malicia ; e por isso aborrecem os homens. Dahi nasce a maliciosa propensão , que taes reformadores tem para destruir tudo com a sua acuidade quadrimania. Elles intentarão reformar tudo pelos paradoxos de entusiastas eloquentes , e loucos , como *Rousseau* , o qual todavia , ainda , nos seus lucidos intervallos , se espantaria da rematada loucura dos seus estudantes , e servís imitadores , que se lembrárão de applicar á Sociedade extravagancias , que só forão escritas para excitar as phantasias com idéas maravilhosas , em lugar dos antigos romances de magicos , e fadas ; descobrindo taes discipulos assim fé implicita , ainda na sua incredulidade.

As pessoas , que emprehem cousas de importancia , ainda por methodos regulares , devem dar fundamento para se presumir nellas habilidade superior. Com maior razão o medico do Estado , que , não satisfeito de pertender curar enfermidades parciaes , emprehende regenerar constituições , deve mostrar talentos extraordinarios , principalmente quando se jacta de não reorrer á pratica dos outros , nem ter modêlos , que imite. Os antigos estabelecimentos são experimentados pelos seus effeitos. Se com elles os povos são felizes , unidos , opulentos , guerreiros , e poderosos , bem podemos daqui presumir o resto. Com razão concluímos , que he boa a causa ; donde se deriva bom effeito. Nos estabelecimentos antigos , tem-se achado varios correctivos para as suas aberrações da theoria. Elles são resultado de varias necessidades , e conveniencias : não são construidos em consequencia de theorias ; antes as theorias se tem formado em virtude das experiencias de seculos no governo humano. Os meios ensinados por estas são melhor accomodados aos fins politicos , ainda que ás vezes não pareção perfeitamente consiliaveis com o Plano original. Isto se pôde curiosamente exemplificar na Consttuição Britannica.

Mas os edificadores Francezes não se embarazarão com isso , nem fizeram esforços de adaptar o novo edificio ao velho , quer nos alicerces , quer nas muralhas. Praticarão como os jardineiros vulgares , que formão tudo em hum exacto nivel , propondo levantar a architectura do Estado sobre tres bases , *geometrica* , *arithmetica* , e *finanças* , a que chamárão 1.^a *base do Territorio* , 2.^a *base da População* , 3.^a *base do Imposto*.

Na *base geometrica* , dividirão a area de seu paiz em 88 quadrados regulares , que chamárão *Departamentos* , tendo cada hum 720 districtos , que chamárão *Communs* , e subdividindo estes em medidas quadradas , a que dêrão o titulo de *Cantões*. Nesta vista geometrica não se achão grandes ta-

lentos legislativos. Com olho , cordel , e theodolito , qualquer trivial medidor desempenharia a tarefa. Neste novo pavimento de quadrados , feita a organização pelo systema de *Empedocles* , e *Buffon* , e não sobre principio politico , he impossivel , que dahi não resultassem innumeraveis inconvenientes locais , a que os homens não estavam habituados. A bondade do terreno , numero de gente , sua riqueza , mais ou menos facilidades de contribuição , e infinitas outras circunstancias , fazem a medida do quadro hum ridiculo padrão do poder de qualquer Estado. A igualdade em geometria he a mais desigual de todas as medidas na distribuição dos homens.

A sublime sciencia Franceza , que assim se introduzio pelo campo da geometria , manifestou a sua ignorante methaphysica juridica na arithmetica da População. Dizendo , que os homens são inteiramente iguaes , e que por isso têm iguaes direitos ao governo , decretarão , que todo o homem podesse votar em pessoa , que o representasse no Corpo Legislativo , com tanto que pagasse ao Estado o valor de tres dias de trabalho. Como ha innumeraveis pessoas das infimas classes , que podem viver de seu escaço jornal , que apenas lhes dá minguada subsistencia de cada dia , ficarão excluidos de votar os que tinham mais necessidade de protecção , e defeza. Também excluirão de voto os criados. Eis logo de hum golpe subvertido o inculcado principio da igualdade dos Direitos , que dizião ter a natureza dado gratuitamente em o nascimento a cada individuo , e de que nenhuma autoridade legitima o podia privar.

Na base do *Imposto* perdêrão inteiramente de vista os direitos do homem. Esta base he inteiramente estabelecida na propriedade. Ora esta he incompativel com a pretendida igualdade. Os novos legisladores , vendo-se embaraçados com suas idéas contradictorias , dizião que , destruindo-se a igualdade pessoal , se estabeleceria a *aristocracia dos ricos* ; e todavia dizião , que os ricos devem ser respeitados , e que tem titulo a mais larga partilha na administração dos negocios publicos. Sem duvida , elles são sujeitos á inveja , e a inveja conduz ao ataque da propriedade. Por isso , dando-se-lhes o direito de terem mais votos , e de escolherem mais membros para a Representação Nacional , também sujeitárão a maiores *impostos directos* as que chamarão *massas aristocraticas*.

Mas nada he mais desigual que os *impostos directos*. A *contribuição indirecta* , que provém dos Direitos exigidos sobre os *artigos de consumo* , he na verdade a melhor medida dos impostos : ella descobre e segue a riqueza mais naturalmente , do que a contribuição directa. Na verdade he difficil fixar a medida da preferencia local ; pois que algumas provincias podem pagar mais , não por causas intrinsecas , mas pelas que se originão dos mesmos districtos , sobre que tem alcançado preferencia. Huma grande Cidade , como Paris , deve pagar incomparavelmente mais direitos , que as Cidades das provincias interiores ; visto que attrahe os productos , que vem destas , e que dalli se exportão. Os Proprietarios ricos das provincias , que gastão na Córte as suas rendas , e que são os creadores das Cidades respectivas , contribuem para Paris com parte dos productos das suas provincias , na proporção das rendas , que dellas lhes vem. A contribuição directa he assentada sobre a riqueza real , ou presumida , e a riqueza local pôde

provir de causas não locais; e por tanto, em regra de equidade, não devem produzir preferencia local.

O espirito de distribuição geometrica, e de regulamento arithmetico induzio aos reformadores Francezes a tratarem o seu paiz como a hum paiz de conquista, subjugado pelos mais salvagens conquistadores, que desprezarão o povo submetido, insultando os seus sentimentos, e destruindo todos os vestígios de sua religião, policia, leis, e maneiras, produzindo geral pobreza. Fizerão a França livre, da maneira que os outros (tão sinceros como elles) amigos dos direitos do homem, os Romanos, fizeram livre a Grecia, e as mais Nações, desruindo os vinculos da sua união, com o pretexto de segurar a independencia de seus governos.

Taes Legisladores se arrogarão a ardua tarefa da reforma, sem mais preparativo, e apparatus do que a methaphysica de Graduados, e a mathematica, e arithmetica de Dizimeiros, Doutores de Taboada. Elles não considerarão, em cousa alguma, a natureza do homem, e do cidadão, nem estudarão os effeitos dos habitos, que são communicados pelas circumstancias da vida civil, que constitue outra natureza, e produzem huma artificial combinação, donde nascem muitas diversidades entre os homens conforme a seu nascimento, sua educação, suas profissões, suas diferentes idades, suas residencias em cidade ou no campo, seus vários modos de adquirir, e fixar a propriedade, e conforme a qualidade das mesmas propriedades; e que tudo os fórma artificialmente como diferentes especies de creaturas. Dahi resulta a necessidade, que tem o Legislador de dispor os cidadãos em taes classes, e situações do Estado, para que os seus particulares habitos melhor os qualifiquem, e de lhes conceder privilegios apropriados, que lhes dem segurança, protecção, e força, no conflicto e contenda, que se occasiona pela diversidade dos respectivos interesses, que sempre existem, e não podem deixar de existir em toda a sociedade complexa.

Será cuberto de vergonha o Lavrador, que fosse tão grosseiro, e tão destituido de senso commum, que, tendo variedade de carneiros, bois, e cavallos, pertendesse igualar todos, como pertencendo á especie geral de animaes, sem provêr a cada hum delles com o respectivo apropriado sustento, curral, e emprego. Mas os Economistas da França, dispondo a arbitrio da sua propria especie em methaphysica aérea, não se cançarão em considerar particularidades de classes, e calcularão sómente a *grége civil*, como só composta de homens em geral. Estes Legisladores methaphysicos, mathematicos, e chimicos, tentarão confundir todas as sortes de cidadãos em huma massa homogenea, e dividirão o seu montão, assim amalgamado, em incoherentes republicas. Nem ao menos attendêrão ás melhores lições da *Methaphysica racional*, que justamente estabeleceu varias Categorias, e diversos predicamentos das cousas, bem distinguindo substancias, e quantidades, ordenando, que, em complexas deliberações, se attendesse á qualidade, relação, acção, paixão, lugar, tempo, circumstancias, e habitos. Quizerão estabelecer huma liberdade compulsoria; e corrompêrão o exercicio para desertar, e trahir a seu Soberano: depois ordenarão que esse exercicio fizesse fogo contra o povo: o seu máo exemplo induzio a insurreição das colonias, e a dos negros contra os colonistas. Quizerão contradictoria-

mente, e com força armada continuar o systema Colonial. Em que capitulo do Collegio dos Direitos do homem se lê, que he parte dos Direitos do homem poder huma parte da Nação monopolisar, e restringir o commercio da outra parte, para beneficio da que faz essa violencia? Ha opposição: a resposta he tortura, violencia, tropa, matança.

Eis os fructos de declarações metaphysicas, extravagantemente feitas, e vergonhosamente retractadas! Como podia haver liberdade sem sabedoria, sem virtude, sem inviolavel guarda do direito da propriedade? Sem isso, ella he o maior de todos os males possíveis; e vem a ser sandice, vicio, e demencia sem tutela, nem restricção.

As reformas em Finanças acabarão de mostrar a incapacidade das cabeças Francezas; ellas destruirão completamente o seu paiz. Os revolucionarios, presumidos de Financeiros, não virão nada mais no Redito publico senão Assignados, Mandados Territoriaes, Annuidades, Ordenadas &c., sem perceberem que prudentes operações de credito são boas cousas, quando são effeitos da boa ordem civil. Elles affectarão copiar nesses expedientes a pratica de Inglaterra; mas contradictoriamente tentarão estabelecer o credito publico com exemplos de rapina, e estrago de toda a fé humana. Quizerão forçar a receber o seu papel do governo, sem saberem, que a liberdade de aceitar taes cedulas he a que as constitue moeda corrente. O papel francez não foi (como devia ser) o representante da opulencia Nacional, mas sim da penuria publica; elle não foi a creatura do credito publico, mas só do poder revolucionario. Imaginarão que o florente Estado de Inglaterra era devido ao papel do Banco, e não que o credito do papel do Banco fosse o effeito da florente condição do Commercio Nacional. Não advertirão, que na circulação não se recebe hum só shellin, senão por livre escolha das partes contrahentes, e que por isso facilmente se converte em dinheiro. O nosso papel tem muito valor no Commercio, porque a lei não lhe dá algum no foro. He poderoso na Praça, e impotente na Côrte. Cada credor de dez shellins pôde recusar o seu pagamento em todo o papel do Banco de Inglaterra. Por isso ahi a riqueza em papel de credito facilita a entrada, sahida, e circulação do ouro, e prata, e tende a augmentalla na quantidade.

Os objectos do Financeiro são: segurar amplo credito ao Estado; estabelecer impostos com discrição e igualdade; empregallos economicamente, e, quando a necessidade o obriga a fazer uso do credito, segurar os fundamentos do mesmo credito, logo no primeiro emprestimo publico, e sempre sos-tello pela clareza, e candura nos seus procedimentos, exacção do seus calculos, e solidez dos seus fundos. Grandes expectações se excitirão em toda a Europa a este respeito da França-pela sua Revolução; porém mallograrão-se.

A dignidade de cada emprego depende da quantidade, e especie de virtude, que se pôde exercer nelle. Todas as grandes qualidades do espirito, que operão no publico, e que não são meramente passivas, e soffredoras, requerem força para o seu desenvolvimento. Como a Renda do Estado he o movel de todo o seu poder, a sna administração vem a ser huma esphera de toda a virtude acuiya. Sem tal virtude, he impossivel boa administra-

ção. A virtude publica, sendo de natureza activa e esplendida, e destinada a grandes cousas, e exercida sobre grandes interesses, requer grande espaço para as suas operações, e não se pôde desenvolver, e diffundir achando-se apertada em circumstancias estreitas, e sordidas. O Corpo politico só pôde por meio de justa Renda do Estado obrar conforme o seu genio, e caracter, desenvolver a sua virtude collectiva, e caracterisar bem os que movem, e que são, por assim dizer, a sua vida, e principio director. Dahi he que, não só a magnanimidade, liberdade, beneficencia, fortaleza, providencia, e a tutelar protecção das boas artes, derivão o seu sustento, e a força de seus órgãos; mas tambem o trabalho, vigilancia, frugalidade, continencia tem o seu proprio elemento na provisáo, e distribuição da riqueza publica.

Por isso com razão a Sciencia das Finanças especulativa, e prática (que se ajudão por muitos ramos auxiliares dos conhecimentos humanos) he tida em alta estima pelos mais sabios, e melhores homens: e como esta sciencia cresce com o augmento do seu objecto, tambem a prosperidade, e melhora das Nações tem geralmente crescido com o augmento de sua justa Renda Publica, quando a balança dos esforços dos individuos, e do Estado em fazer adiantar tem proporção reciproca, e se achão em harmonia e correspondencia. Mas os sophistas francezes, só declamando vagamente contra Estancos Reaes, em lugar de algumas justas reformas nos objectos, e modo da collecta das Rendas do Estado, em breve tempo fizerão desapparecer, a que antes existia, e destruirão a força do Reino, perdendo juntamente a sua phantastica Republica. Os seus Financeiros forão cruéis, e não economicos. Ao principio pertendêrão supprir o Estado só com voluntarias contribuições do povo: e logo depois recorrêrão á empréstimos forçados, confiscos, assignados; mandados territoriaes, e á todos os mais absurdos, e horrores, que são notorios, com infernal confiança na omnipotencia do roubo, e assassinato; descompondo a natureza das cousas, convertendo a indigencia em recurso, pagando o interesse com trapos, e provido o Credor publico á ponta da baioneta.

Os Revolucionarios da França, por incomprehensivel espirito de delirio e engano, jogarão o mais desesperado jogo. Tendo destruido todas as seguranças de huma liberdade moderada, e as indirectas restricções do despotismo absoluto, se a Monarchia for estabelecida outra vez na França, na mesma ou n'outra dynastia, provavelmente, se não for voluntariamente regulada pelos sabios, e virtuosos conselhos do Principe, firmar-se-ha o mais completo poder arbitrario que jámais appareceu na Terra. Tal será o fim do Monstro da Revolução. Os enganosos sonhos da regeneração, com as visões da igualdade, liberdade, e direitos do homem, se submergirão no sorvedouro *Serbonio*, (*) com profundo abyssmo de miseria, e escravidão, para sempre.

Humanos olhos não se podem levantar para ver os grandes peccados, que bradarão da França ao Ceo, o qual a castigou com tão vil cativoiro,

(*) Este he o celebrado horrivel pantano d'Asia, onde o Imperador Romano Decio se atolou, e submergio com todo o seu exercito.

e tão infame dominação, em que não se encontra conforto, nem ainda a compensação, que ás vezes se acha nos falsos esplendores de algum doce despotismo estabelecido, que, fazendo a sua brilhante pantomina theatral sobre as outras mais escuras tyrannias, obsta que o genero humano se sinta deshonrado; ainda quando he opprimido.

Boa ordem he o fundamento de todas as boas-coisas. O verdadeiro politico, na reforma dos Estados; deve sempre ter em vista fazer, que o povo, sem ser servil, seja sempre tractavel, e obediente. Jámais se deve por arte desarraigat dos seus espiritos os essenciaes principios da subordinação civil. Deve-se habitualla a respeitar as propriedades, de que não pôdem participar. Deve-se-lhe permittir, que alcancem, por meio de seu trabalho, tudo que se pôde obter pela energia da industria honesta; mas deve-se-lhe sempre ensinar o religioso sentimento, de que achando (como he mais commum) os seus esforços desproporcionados a conseguir melhor sorte, esperem para consolação de suas fadigas o obterem na vida futura as proporções compensatorias da Divina justiça. Os que privão o povo destas consolações não fazem senão amortecer a sua industria, e cortão pela raiz os meios legitimos de toda a aquisição, e de toda a conservação. O que assim pratica, he o mais cruel oppressor, e implacavel inimigo dos pobres, e miseraveis; e ao mesmo tempo expõe os fructos da industria feliz, e as accumulações da fortuna aos ataques dos individuos indigentes, e desditosos, que mallegirão os seus projectos de melhorarem de condição.

Embõra se escrevã lances generosos, e illustres sentimentos de virtuosa liberdade, que servem a dar calor ao coração, alargar os espiritos com liberdade de pensamentos, e animar o valor em tempos de conflicto. Eu mesmo leio com prazer os sublimes extases dos Poetas Lucano, e Corneille sobre esse assumpto. O bom politico deve sacrificar ás Graças, e com-prazer com a razão.

Fazer governos he cousa que não requer grande sciencia: estabelecendo-se o poder em hum lugar, e forçando-se á obediencia, a Obra está feita: mas, para fazer o que se diz *governo livre*, requer-se espirito reflexivo, combinador, e poderoso, para conciliar os oppostos elementos de liberdade, e restricção em huma Obra coherente.

Os aduladores do povo jámais pôdem ser seus Legisladores, e guias. Se algum mais intelligente dell'es propõe hum systema prudente de liberdade, contida nos justos limites, immediatamente os rivales lanção maior prego na Praça, e promettem licenças, e felicidades maiores. Immediatamente se levanta suspeita de infidelidade á sua causa contra os mais sabios; a moderação hé sentenciada por virtude de cobardes; e a concordata se julga prudencia de traidores. Assim ou os bons são sacrificados á ignorancia do povo, e á rivalidade dos competidores; ou, com vilania, e tortura das proprias idéas seguem a torrente do partido mais iniquo, e consumão pelos proprios talentos a ruina da Nação.

Eis os naturaes resultados das Revoluções, principiadas com falsos pretextos, ou zelos indiscretos de subitas reformas. Não nego que entre o infinito numero de actos de violencia, e loucura dos Reformadores F aceses não fizessem estes algum bem, e não removessem algum abuso. Os que fi-

zerão tudo de novo, não he marávilha que tambem fizessem alguma cousa benefica. Porém os seus melhoramentos forão superficiaes, e os seus erros forão fundamentaes.

Não obremos jámais como os Francezes, que, presumindo-se superiormente illuminados, procedêrão a fazer reparações do Estado, sem ter por principios rectores a cautela politica, a circumspecção philosophica, e a timidez moral, procedendo sem a devida, e forte convicção da ignorancia, e fallibilidade do Genero Humano. Accrescentemos novos bens, se for possível; mas conservemos o sólido, que gozamos, sobre a constante, e firme base da Constituição Nacional, e não, siguamos os desesperados vãos dos aeronautas da França. Do contrario passaremos (como diz hum dos nossos Poetas) por grandes variedades de cousas não experimentadas, as quaes, em todas as suas transmigrações, só serão depois purificadas por fogo e sangue.

OBSERVAÇÕES

Sobre o genio e caracter da revolução Franceza, e sobre a necessidade da guerra contra a Facção Usurpadora.

As minhas idéas, e os meus principios me conduzem a considerar a França, não como Estado, mas como huma Facção. A vasta extensão territorial deste Paiz, a sua immensa população, as suas riquezas naturaes, e industriaes, e os seus bens de Commencio, e de Convenção, todo o aggregado desta grande massa de cousas, que, nos casos ordinarios, constituem a força dos Estados, são para mim objectos de consideração secundaria. Elles tem sido muitas vezes balanceados pela Gram Bretanha, e soberbamente contrapezados. Ainda que sejão grandes aquelles meios de ataque, com tudo não fazem a Facção formidável. O que a constitue tal, he o máo espirito que possui o Corpo da França; que informa a sua alma politica; que dá a estampa á sua ambição; que disingue os seus habitantes dos outros homens, e dos outros povos. Aquelle espirito he o que lhe sopra huma nova, pernicioza, e destructiva actividade. Segura destruição está imminente sobre os infatuados Principes no conflicto, em que se achão, se se deixão illudir pelos Facciosos. Seguir a estrada batida, he ir direito ao precipicio.

A Facção não he local, ou territorial, he hum mal geral. Onde parece estar menos em acção, sempre está em vigor de vida. O seu espirito está na corrupção da nossa natureza. Ella existe em todos os paizes da Europa, e entre todas as ordens de homens de qualquer paiz, que olhão para a França como a *Cabeça commum*. O centro ahi está. A circumferencia abrange qualquer região onde exista Europeo. Em toda a parte a Facção he militante; na França he triumphante. A França he o Banco do depô

sito, e o Banco da circulação de todos os perniciosos princípios, que estão fermentando em cada Estado.

A verdadeira natureza da guerra jacobina foi, no tempo da declaração, bem sentida, reconhecida, e declarada pelos Príncipes Confederados de huma maneira a mais exacta. No Manifesto publicado juntamente pelo Imperador da Allemanha, e Rei da Prussia, estes Monarchas expressarão pelos mais claros termos os seus princípios. Se tivessem sido bem seguidos, e executados, elles não deixariam de elevar a taes Soberanos a par dos primeiros beneficeiros do Genero Humano. Aquelle Manifesto foi (dizem) publicado para fazer certos á presente geração, como tambem á posteridade, os seus motivos, e intenções, e o seu desinteresse de quaesquer designios pessoais; declarando, que tomarão as armas para o fim unico de preservar a Ordem social, e politica entre todas as Nações civilizadas, e assegurar a cada Estado a sua religião, felicidade, independencia, territorio, e legal constituição. Com este fundamento esperavão, que todos os Imperios, e Estados fossem unanimes na Confederação, e viessem a ser os firmes Guardas da felicidade do Genero Humano, unindo seus esforços para livrar a huma tão populosa Nação, como a França, da sua propria furia, e salvar a Europa do retorno ao barbarismo, e o Universo da anarchia, e subversão, com que estava ameaçado. Esta declaração foi tão generosa, e heroica, como era sabia, e politica a empreza da guerra, pela total renuncia de todos os projectos de engrandecimento. Por estes princípios, e não por outros, desejava, que o nosso Soberano, e Paiz accedesse á Communidade da Europa. Assim pensei, que se faria a guerra entre os partidistas da antiga, civil, e moral ordem da Sociedade, contra huma seita de fanaticos, ambiciosos, e infieis, que aspiravão ao Imperio Universal, começando pela conquista da França.

Infelizmente os Confederados recusarão tomar o passo, que podia fazer o assalto logo no coração dos negocios. Parecião não querer ferir o inimigo em parte alguma vital. No todo obrarão, como se realmente desajassem a conservação do Governo Revolucionario. Só tiverão em vista pequenos objectos. Sempre estiverão na circumferencia; e quanto mais largo, e remoto era o circulo da Confederação, mais anciosamente o escolherão para esfêra da acção nesta guerra centrifuga. Elles deixarão ao inimigo todos os meios de destruir a sua extensa linha de fraqueza. Neste plano, ainda com melhor fortuna, enfraquecendo-se sempre o vencedor, se punha longe de alcançar o seu objecto. Logo que houve alguma apparencia de felicidade, o espirito de engrandecimento, e consequentemente o espirito de mutuo ciume, se apoderou das Potencias Alliadas. Algumas procurarão augmento de territorio á custa da França; varias á custa de algum Alliado; e diversas á custa de terceiro Estado; e quando desandou a roda da fortuna, e sobrevierão desastres, julgarão, que o infortunio commum procedia dos vinculos da fé, e amizade. Foi só em nome, guerra de alliança. Não pôde haver verdadeira companhia em sociedade de pilhagem. Não pôde haver commum interesse, onde cada Socio não espera huma tal parúlha, que lhes dê forte ardor para os ganhos respectivos. Desde que a guerra se considera meramente guerra de proveito, não vem mais a ser guerra de alliança.

Que equivalente poderião dar, ou esperar os Principes da Confederação fazendo paz separada? Que obteve com isso a Hespanha? Ah! Hespanha, já está fóra da questão: ella he agora provincia do Imperio jacobino: ella fará paz ou guerra, segundo a ordem dos assassinos francezes. Quanto ao effeito, e a substancia, a sua Coroa he *fendo dos regicidas* (*).

Ou devemos entregar a Europa com pés e mãos ligadas á França, ou devemos resgatalla do seu poder, mudando o plano da guerra. Se, em lugar de atacalla no cemiterio das Indias Occidentaes, desembarcássemos hum *exercito de cem mil homens* de Infanteria, Cavallaria, e Artelharía no proprio territorio da sua usurpaça na Europa, a nossa gente, animada por principio, por enthusiasmo, e por vingança, achando cooeração proporcional d'Austria, teria feito prodigios para desconcertar o systema atheistico dos Revolucionarios da França, levando logo as nossas armas á *Capital da Injustiça*. Se fôssemos desfeitos, tomando-se antes as precauções, seria segura a retirada. Ficando estacionarios, e só sustentando os Realistas, impenetravel barreira, e inexpugnavel baluarte se formaria entre o inimigo, e o seu poder naval. Então a guerra teria systema correspondente, e direcção certa. Porém por desgraça, as duas Corôas, Británnica, e Austriaca não mostrarão ter relação, e harmonia. O terror dos Cannibaes foi mais poderoso, que a influencia. Austria, e Hespanha, com tantos vinculos de sangue, apostatarão da causa commum, e tudo foi perdido. Guerras duvidosas sempre terminárão em pazes humilhantes.

Na Revolução da França, duas sortes de homens derão principalmente impulso, e caracter ás suas determinações, a saber, os que presunção de *philosophos*, e *politicos*. Elles tomarão diversas verédas, mas todas forão convergentes ao mesmo alvo. Os philosophos tiveram o predominante objecto (que proseguirão com a mais fanatica furia) da total exurpação da religião. A questão do Imperio lhes era subalterna. Elles antes quererão dominar em huma aldêa de atheos, do que ser os regedores do mundo christão. A sua ambição temporal era subordinada ao seu espirito de proselitismo, em que nem Mahomet os excedeo.

Os que mal tem feito superficiaes estudos na historia natural do espirito humano, considerão as opiniões religiosas como as unicas causas do zelo enthusiastico dos propagadores de qualquer seita. Não tem advertido, que não ha doutrina, que os homens queirão espalhar com ardor, que não tenha o mesmo effeito. *A natureza social do homem o impelle a propagar os seus principios com igual força, que os impulsos physicos o estimulam a propagar a sua especie.* O entendimento para designio, e systema, e as paixões dão zelo, e vehemencia. Todos os homens se movem sob a disciplina de suas opiniões.

A religião, sem duvida, he huma das causas mais poderosas do enthusiasmo. Quando alguma materia sobre este ponto vem a ser objecto de muita meditação, ella não pôde ser indiffente ao espirito. Os que não amão a religião, tem-lhe odio. Os rebeldes á Deos tem perfeito odio ao Author

(*) Que espirito presago de Mr. Burke em 1795! Que diria hoje se vivo fosse, vendo a sua prophécia tão fatalmente completa?

do seu ser. Elles o aborrecem de todo o seu coração, de todo o seu espirito, de toda a sua alma, e com todas as suas forças. Deos não se lhes apresenta aos seus pensamentos senão com ameaça, e terror. Elles não podem tirar o Sol do Ceo, mas forcejão, quanto podem, para fazer na terra fumaças, com que o obscureção, e apartem dos proprios olhos. Não tendo a possibilidade de se vingarem de Deos, deleitão-se em arrancar do coração dos homens sua imagem, ou ao menos em a offuscar, confundir, e desfigurar. Não se julgue do que farião os Atheos pelo que não fizerão em quanto não estavão incorporados, e com Chefe. Então não tinham esperanças de dar hum universal curso ás suas opiniões, e erão levados na orbita geral da religião, e da sociedade, sem o sentirem. Mas logo que tiveram possibilidade de dominação, e de poderem propagar as suas impiedades sem resistencia, tirada a mascara da hypocrisia, e tendo mais a ganhar que perder na atrevida confissão de seus principios, então a natureza deste espirito infernal, que tem o mal por seu bem, appareceu em toda a perfeição. Então fallarão com todo o rancor, e malicia de suas linguas, e de seus corações, e osentarão verdadeiro frenesi contra a religião, e contra todos os que a professavão. O seu atheismo foi fanatico, e homicida.

A outra sorte de homens que promoverão a Revolução Franceza, forão os *políticos*. Para os que tinham meditado pouco sobre a religião, esta não lhes era objecto de amor, ou odio. Elles não crião em nenhuma, e isto era todo o seu fundo de saber. Sendo neutraes sobre esta parte, considerarão o aspecto dos negocios politicos pelo lado que melhor poderia corresponder á sua combinaçáo. Logo virão, que nada podião obrar sem os philosophos; e estes assentirão, que a destruição da religião era o grande supridor de tudo. O curso dos successos produziu entre os philosophos, e politicos renhidas contendas, mas todos concordarão no fundo dos objectos dos seus destinos, isto he, *irreligião, e ambição*.

Nesta estupenda obra não se deixou de empregar principio algum de acção, com que ao mesmo tempo se vigorasse, e corrompesse o espirito humano; mas o seu pensamento transcendente foi o *engrandecimento exterior do poder Francez*. Já antes de Revolução todo o systema Official da parte Diplomatica do Governo, desde os Ministros d'Estado até aos Amanuenses das Secretarias, cooperava para esse fim. Todos os intrigantes nas Côrtes Estrangeiras, todos os espíões assalariados, e todos os candidatos para empregos, obravão por este principio. Isto se patenteou sem a menor replica nos livros publicados da Correspondencia secreta de *Mr. Favier*, intitulados *Conjecturas Raciocinadas sobre a situação da França no systema politico da Europa*, cuja copia se achou no Gabinete de Luiz XVI., e que na França se proclamou ser *Novo Beneficio da Revolução*. Inextricavel cabala se tinha formado de pessoas das altas ordens, e das classes inferiores, que de dia a dia augmentou hum corpo de politicos, activo, aventureiro, ambicioso, e descontente, cujos membros desprezavão a Côrte, que os empregava, e as em que erão empregados. Aquelle bom Soberano veio a ser a victima da falsa politica de seu Antecessor, que foi a causa da negra, e tortuosa intriga, que preparou tamanha desgraça á Europa, pondo em movimento as paixões da Nação Franceza, a mais energica, e acua de todas as Nações, ainda antes da sua Revolução,

O Governo da França agora differe essencialmente de todos os Governos, que estão formados. Ainda que o seu designio seja immoral, impio, e oppressivo, he com tudo espirituoso, audaz, intolerante, e systematico; he simples no seu principio, e tem unidade, e coherencia. O systema de engrandecimento se desenvolve em todos os espiritos; as paixões violentas só disputarão nos meios. Pertenderão atacar a Inglaterra no seu elemento, isto he, no seu Commercio, e Marinha. Para obter isto, não lhes custa o menor momento de antiedade cortar hum inteiro ramo de seu proprio Commercio, extinguir huma manufacturá, destruir a circulação da moeda, violar o credito publico, suspender o curso da agricultura, ainda queimar huma Cidade, e até devastar huma sua provincia inteira. A esta casta de gente, as necessidades, desejos, liberdade, trabalho, industria, e sangue dos seus semelhantes, são nada. Cada cousa he referida ao *systema de força*. Tal systema de guerra he militar nos seus principios, nas suas maximas, e em todos os seus movimentos. O Estado tem a dominação, e conquista por unicos objectos da sua Política; imperio sobre os espiritos pelo proselytismo, e imperio sobre os corpos pelas armas. Com immenso reservatorio de meios naturaes de fazer mal a França tem plena unidade na sua direcção. Assim destruiu no Estado todo o recurso, que depende da opinião, e boa vontade dos individuos. Na falta de moeda metallica, se fizeram assignados, e outras especies de falso *papel-moeda*. Estas imposturas expirarão, ficando sem menor credito, e valor, e nós nos rimos.

Mas que significa o fado destes bilhetes de loterias, e papeladas do despotismo? O despotismo logo achou outros meios despoticos de supprir o seu lugar. Elles achão sempre com seus *golpes de mão* as produções da natureza, que os outros povos são obrigados a adquirir pelo labyrintho do intrincado estudo, e da complexa industria da sociedade. Não se contentão com roubar o fructo do trabalho alheio, mas tambem dispoem á seu arbitrio da pessoa do trabalhador.

Nunca faltarão recursos a Conquistadores taes como *Gengiskam* e *Mahomet*, tendo unidade de designio, e perseverança. Os Regedores da França acharão os seus recursos nos crimes, e na tremenda energia, com que o Governo não respeita sorte alguma de propriedade. Quando o Estado tem a propriedade particular, e publica em completa sujeição, não ha mais regras para os espiritos de homens desesperados. Esta descoberta he horriavel, e vem a ser para malfeteiros huma mina inexgotavel: elles tem tudo a ganhar, e nada a perder. *Tem huma herdade infinita em esperança*: não ha meio para elles entre a mais alta elevação, e a morte com infamia.

Ou o novo systema da França deve ser destruido, ou elle destruirá a Europa. He geral loucura, e perdição deixallo estabelecer no meio da Europa, e em hum posto, onde a França commandando a todos os outros Estados, eminentemente confronta, e ameaça a todos os Reinos, com a sua *central geographia*, e sua *fronteira de ferro*. (*).

(*) Expressão do celebre Frederico o Grande, Rei da Prussia, o qual dizia, que era vão esperar debellar a França, em quanto tivesse a *fronteira de ferro* de tantas linhas de Praças fortes.

Na França todas as cousas estão postas em hum universal fermento; e na decomposição da sociedade. Se nos não animarmos a arrostar a portentosa energia Gallica, que se não embaraça com as cousas de Deos, ou dos homens; que está sempre vigilante, e sempre em ataque, que não permite a si mesma repouzo, e que não soffre, que pessoa alguma fique impune; se intentarmos resistir a esta energia com pobres maximas vulgares, e lugares communs da Política velha, sempre com medos, duvidas, suspeitas, com languida, e inerte hesitação, e meramente com espirito official, e carregado de formalidades, que abandona o proposito a cada obstaculo, e que não vê as difficuldades senão para ceder a ellas, até se precitar no profundo abyssmo, só a Omnipotencia nos pôde salvar.

Temos a combater com hum inimigo de viciosa, e destemperada actividade: a virtude he limitada nos seus recursos: somos obrigados a obrar dentro do circulo da nossa Moral. Como somos os principaes no perigo, devemos ser os principaes nos esforços. A Europa não pôde ser salva sem a nossa intervenção.

P E N S A M E N T O S

Sobre a Proposta de Paz entre a Inglaterra e França, que Burke intitidou Paz Regicida em 1796.

OS desgraçados successos, que se tem seguido huns apoz d'outros, em longo e não interrompido trém funeral, movendo-se em procissão, que parece não ter fim, não são as principaes causas do nosso descorçoamento. Mais devemos temer o que nos ameaça no interior da Nação, do que os desastres exteriores, que se receão nos hajão de opprimir. A hum povo, que chegou a ser altivo e grande, e grande porque he altivo, a mudança no espirito nacional he a mais terrivel de todas as revoluções.

Já não vivirei para ver o desenvolvimento da intrincada conspiração, que faz escuro, e perplexo o pavoroso drama, que agora se está representando no theatro moral do mundo. Estou no fim da minha carreira, e mal posso discorrer, e trabalhar. Em que parte da sua orbita a Nação actualmente se mova, não he facil conjecturar. Talvez tenha chegado ao seu *aphelion* (*).

Sem nos perdermos no infinito vacuo do mundo conjectural, pode-se dizer, que os nossos negocios irão a peor, ou melhor, conforme a sabedoria, ou fraqueza dos nossos planos.

Em todas as especulações sobre homens, e negocios humanos, he de

(*) Na Astronomia se chama *aphelion* o ponto mais remoto do Sol, a que chegam a terra na sua orbita.

não pequeno momento distinguir as causas de accidente das suas causas constantes, e dos effeitos, que não podem ser alterados. Alguma irregularidade em os nossos movimentos não he total desvio da nossa carreira. Não sou do espirito desses especuladores, que parecem estar seguros, que necessariamente, e pela constituição das cousas, todos os Estados tem os mesmos periodos de infancia, adolescencia, e velhice, que se achão nos individuos, que os compõe. Parallelos desta sorte apenas fornecem semelhanças para illustrar, e ornar conjecturas, mas não para nos supprir com argumentos de solido raciocinio. Os objectos, que se tem tentado forçar por analogia, não se achão nas mesmas classes de existencia. Os individuos são entes physicos, sujeitos ás Leis universaes, e invariaveis. A immediata causa, que obra por estas Leis pôde ser escura, mas os resultados geraes são objectos de calculo certo. As Nações porém não são entes physicos, mas essencias moraes. Ellas são combinações artificiaes; e, na sua proxima efficiente causa, vem a ser as arbitrarías produções do espirito humano. Não estamos ainda instruidos das Leis, que necessariamente influem na estabilidade deste genero de obra, feita por esta especie de agente. Não ha na Ordem physica huma causa, pela qual algumas destas fabricas hajão de necessariamente brotar, florecer, e decahir. Duvido se a historia do Genero Humano he, ou jámais foi, assás completa, para dar fundamentos a huma theoria segura sobre as causas internas, que necessariamente alterão a fortuna dos Estados. Estou longe de negar a operação destas causas; porém ellas são infinitamente mais incertas, e muito mais escuras, e difficeis de se investigarem, do que as causas externas, que tendem a levantar, deprimir, e ás vezes subverter a huma Nação.

He muitas vezes impossivel nestas investigações politicas achar alguma proporção entre a força apparente de algumas causas moraes, que possamos assignar, e a sua conhecida operação. Somos pois obrigados a attribuir a sua operação ao mero acaso, ou, fallando mais piedosamente (talvez mais racionalmente) á intervenção, e irresistivel mão do *Grande Regente*, que dispõe de todas as causas. Temos visto Estados, que durarão por seculos quasi estacionarios, sem fluxo, nem refluxo de prosperidade. Alguns parecêrão exhaurir o seu vigor logo no seu começo. Varios brilhãrão em gloria pouco antes da sua extinção. O meridiano de alguns tem sido o mais esplendido. Outros, em maior numero, tem fluctuado, e experimentado, em differentes periodos de sua existencia, grande variedade de fortuna. No mesmo momento, em que alguns parecião submergir-se em insondaveis abysmos de desgraça, tem de subito exaltado a cabeça sobre o pelago do infortunio, e principiando nova carreira, parecem abrir nova conta, e, ainda nas ultimas ruinas de seu paiz, tem posto os fundamentos de huma firme, e duravel grandeza. Tudo isto tem acontecido sem alguma apparente prévia mudança nas geraes circumstancias, que occasionarão a sua infelicidade. A morte de hum homem em conjunctura critica, seu desgosto, sua retirada, sua desgraça, tem feito sobrevir innumeraveis calamidades á sua Nação (*). A's vezes hum soldado razo tem de repente mudado a face da sua fortuna, e quasi da sua natureza.

(*) Ainda que a historia faça menção de grandes guerras, e até de ruinas de

Por estas causas algumas Monarchias de longa duração tem commummente experimentado este fado. Assim aconteezo á França. Poucas tem apparecido com maior gloria. Algumas vezes muito elevada, outras vezes abatida, teve sempre mais crescimento, que diminuição, e continuou não só a ser poderosa, mas formidavel, até a hora da sua total ruina. A queda desta Monarchia esteve mui longe de ser precedida por alguns symptomas exteriores de declinação. Mui pouco tempo antes da sua mortifera catastrophe havia hum género de esplendor extrinseco na situação da Corôa, que de ordinario dá força á authoridade do Governo no interior da Nação. Elle parecia ter alcançado alguns dos mais esplendidos objectos de ambição dos Estados. Nenhuma das Potencias do Continente da Europa era inimiga da França. Todas ellas tacitamente se achavão dispostas em seu favor, ou publicamente se lhe tinhão confederado. A Nação Britannica, que era a sua preponderante rival, tinha sido por ella humilhada; e, quanto ás apparencias, se tinha enfraquecido; e certamente foi assás posta em perigo pelo grande côrte, que soffreo, de huma parte do seu Imperio na America do Norte, a qual de dia em dia cada vez mais se augmentava em gente, e riquezas.

Deste auge de prosperidade, e grandeza humana a Monarchia da França cahio por terra sem resistencia. Ella cahio sem algum daquelles vicios do Monarcha, que tem sido ás vezes as causas das quedas dos Reinos. Elle apenas tinha leves nodoas no seu character. As faltas no Thesouro Publico forão só os pretextos, e instrumentos dos que maquinárão a ruina desta Monarchia, mas não as suas reaes causas. A França, privada de seu antigo Governo se mostrou aos especuladores vulgares mais objecto de dô, ou insulto, conforme a disposição das Potencias vizinhas, do que o flagello e terror de todas.

Porém do Sêpulchro da assassinada Monarchia surgio hum vasto, tremendo, e informe Espectro, na mais terrivel fórma, que jámais tão pavorosamente assustou a imaginação, ou subjugou a fortaleza do homem. Avançando em linha recta ao seu fim, não amedrontado por qualquer perigo, não retido por algum remorso, desprezando todas as maximas ordinarias, e todos os meios communs, este horrendo Fantasma aterrou a todos, que não crião que elle fosse possivel, ou que jámais existisse. O veneno dos-outros Estados he o alimento deste novo governo. *A bancarrota*, cujo receio foi huma das causas, que se assignou para a queda da Monarchia,

Nações, que procederão de causas insignificantes, com tudo não se pôde contestar que ha causas regulares, e constantes, que minão a constituição dos Corpos politicos, e preparão a sua ruina, como no corpo humano, que também, por unanime reconhecimento dos Medicos, tem causas predisponentes de molestias, que de repente arebentão em symptomas mortaes. A França estava nestas circumstancias: tres grandes causas se pôdem assignar: I. corrupção da moral publica, pelos devassos escritos impios, e costumes sobremaneira licenciosos, que já não se olhavão ali com a divida detestação, mas antes erão objecto de riso, e passatempo: II. a guerra em favor dos Anglo-Americanos, impolitica, deshumaça, e dispendiosa, que occasionou arrazos no Redito, e Credito Publico: III. contagio de vagas idéas republicanas da enthusiasmas vindos dos paizes transatlanticos.

veio a ser o *fundo capital*, com que ella abriu o seu trafico com o mundo.

O Governo dos regicidas, depois de aniquillar a Renda Publica, destruir manufacturas, arruinar o Commercio, deixar sem cultura os campos, despovoar ametade do paiz, descontentar, empobrecer, reduzir á escravidão, e esfumar o povo, passando com rapida, excentrica, e incalculavel carreira, desde a mais salvagem anarchia até o despotismo o mais feroz, tem actualmente conquistado as mais bellas partes da Europa, e ao mesmo tempo afficto, desunido, desconcertado, e feito em postas todo o resto da Europa; havendo de tal modo subjugado os espiritos dos Regedores de cada Nação, que já não descobrem presentemente outro recurso em si mesmos, mais do que o ficarem com titulos pela insultante mercê daquelle Monstro, ostentando a sua propria franqueza, e humilhação. A unica ambição destes consiste em serem admittidos á mais favorecida classe na *Ordem da escravidão á Potencia Dominante*. Parece que os Soberanos só são emulos em Hasta Publica, dando lanços á porfia contra a sua propria estima. Parecem ter reconhecido a preeminencia dos regicidas, e que de bom animo tacitamente descem abaixo da cathegoria dos seus assassinos sacrilégios, como se fossem os seus naturaes Magistrados, e Juizes. A dignidade agora só he a prerogativa do crime. He porém do interesse do Genero Humano, que a *destruição da Ordem civil não seja o titulo da Realteza, nem o crime a base da honra*.

Aquelle parece agora ser o modo de pensar do dia. No principio da Revolução, a força da França foi muito desprezada; agora he em extremo temida. Como huma coragem inconsiderada foi seguida de hum medo irracional, deve-se esperar, que, por meio de huma deliberação prudente, chegemos á huma fortaleza solida. Quem sabe, se a indignação não succederá ao terror, e a reprodução de altos sentimentos, desvanecendo a illusão de huma segurança comprada á custa de gloria, não arrojará á desesperação generosa, que muitas vezes tem obstado á dissolução dos Imperios, a que antes se não achava remedio em conselhos sabios? Não devemos abandonar a Nação ao seu fado, ou proceder, e aconselhar, como se não tivesse remedio. Não ha razão de temer, que, por faltarem os meios ordinarios, não se possão apresentar outros, que sustentem o espirito publico, e a fortuna publica. Quando o coração está inteiro, acharemos, ou faremos taes meios. O coração do Cidadão he a perenne fonte da energia do Estado. Porque o pulso ás vezes parece intermittente em enfermidade perigosa, não se deve concluir, que terminará logo a vida. O Publico não se deve considerar incuravel.

No principio da que se chama a *guerra de sete annos*, succedendo alguns revezes, parecemos abandonar a nós mesmos, e até fazer directa confissão de nossa inferioridade á França; e quando já muitas pessoas estavam promptas a proceder na Carreira da Administração conforme ao senso desta inferioridade, poucos mezes bastarão para effectuar mudança nos espiritos; pois, dos gritos do descorçoamento especulativo, a Nação se elevou ao mais alto cume de vigor pratico. Jámais, como então, se manifestou com maior energia o espirito masculino de Inglaterra, nem o Genio Nacional voou com mais altiva preeminencia sobre a França,

Não desespero da fortuna publica, nem do espirito publico. Devemos caminhar por novas estradas : sem isso, não encontraremos o nosso inimigo na sua carreira extraviada. Não nos enganemos a nós mesmos. Estamos no principio de grandes desordens. Reconheço, que o actual estado dos negocios publicos he infinitamente menos esperançoso do que o mencionado, e que a salvação de todas as Potencias da Europa he mais intrincada, e critica, e acima de toda a comparação. Ha porém huma sabedoria animosa, como tambem ha huma falsa, e reptil prudencia, que he o resultado, não da cautela, mas do medo sob o pezo de infortunios. Então os nervos do entendimento são tão relaxados, e o perigo tão urgente, que absolutamente confunde todas as faculdades racionais, e não deixa providenciar devidamente aos riscos futuros, nem justamente avaliá-los, ou cabalmente vê-los. Como os olhos do espirito são deslumbrados, e amortecidos com abjecta desconfiança de nós mesmos, e extravagante admiração do inimigo, não se nos apresenta outra esperança senão a de hum compromisso com o seu orgulho, e inteira submissão á sua vontade. Submergimo-nos em o negro fundo do desmaio com toda a temeraria precipitação do terror. A natureza da coragem he (sem duvida) o familiarizar-se com o perigo; e, por seguro instincto, ainda em a palpavel noite dos seus terrores, os homens chamão a sua coragem a resistir-lhe. Os fracos procurão o refugio dos proprios medos nos mesmos medos, e considerão a cobardia, que contemporiza, como o unico recurso de segurança.

As regras da prudencia raras vezes podem ser exactas, e universaes. Não nego, que pequenos Estados devão fazer voluntario compromisso com a Potencia, que tem os meios de fazer desaparecer a sua insignificante existencia; porém hum grande Estado, sendo muito invejado, e muito temido, não pôde achar segurança na humilhação. Poder, eminencia, e consideração não são cousas que se peção por esmolla. Ellas devem ser impetuosamente sustentadas; e os que supplicão mercê de outros, não podem esperar justiça. A Justiça, que se pôde obter da caridade do inimigo, depende do caracter deste, e o devem conhecer bem, os que confião nelle com fé implicita.

Temos vastos interesses a salvar, e grandes meios para os manter; porém devemos lembrar-nos, que tambem o artifice pôde ser mui sobrecarregado com os proprios instrumentos, e que os nossos recursos nos podem servir de embaraços.

Quando a riqueza he o obediente e laborioso escravo da *virtude*, e da *honra publica*, então a riqueza está no seu lugar, e tem o seu devido uso; mas se esta ordem he mudada, e a honra he sacrificada á conservação das riquezas, as riquezas que não tem olhos, nem mãos, nem alguma cousa verdadeiramente vital em si mesmas, não podem muito sobreviver á existencia daquellas duas potencias vivificantes, que são os seus legitimos Senhores, e os seus poderosos protectores. Se temos imperio sobre a nossa riqueza, seremos ricos, e livres; se a nossa riqueza tem imperio sobre nós, seremos verdadeiramente pobres. Seremos comprados pelo inimigo com os thesouros dos nossos proprios cofres. Grande juizo do valor de hum interesse subordinado pôde ser realmente a fonte do nosso real perigo, e igual-

mente a ruina certa dos interesses de huma ordem superior: muitas vezes os homens tem perdido todos esses interesses, por não quererem arriscar tudo por defendellos.

A ostentação de nossas riquezas diante de Ladrões não he o meio de restringir a sua ousadia, ou de minorar a sua rapacidade. Temos a tratar com hum inimigo, que não olha para a contenda como negocio de medir, e pezar bolsas. He o *Gallo*, que põe a espada na balança. Elle he mais tentado com a nossa riqueza, como despojo, do que amedrontado com ella, como poder. Onde a essencial força publica (de que o dinheiro faz parte) está em algum grão ao par na contenda entre as Nações, o Estado que se tem resolvido antes a arriscar a sua existencia, que abandonar os seus grandes objectos, tem infinita vantagem sobre o que está decidido a ceder, antes do que levar a sua resistencia além de certo ponto. Humanamente falando, o povo que regula os seus esforços até os limites da propria existencia, deve dar a Lei á Nação, que não leva a sua opposição ávante da sua conveniencia.

Se não olharmos mais do que á nossa condição interior o estado da Nação está vigoroso, e ainda cheio; mas, se imaginarmos, que o nosso paiz pôde por muito tempo manter o seu sangue, e alimento, separando-se da Communidade do Genero Humano, tal opinião não merece refutação, por absurda, não menos que insana. Tão improvidente, e estúpido egoismo não *vale* a menor discussão. Nós não podemos na presente conjunctura fazer paz com o inimigo, sem abandonarmos os interesses do Genero Humano.

Se olharmos sómente para o nosso tenue peculio adquirido na guerra, sem duvida já obtivemos algumas pequenas vantagens, mas ambiguas em sua natureza, e a muito custo compradas. Não temos porém, ainda no mais leve grão, diminuido a força do inimigo commum em alguns dos pontos, em que a sua particular força consiste; e ao mesmo tempo se levantarão contra nós novos inimigos, e alliados dos regicidas, por estranha Confederação formada dos fragmentos da antecedente nossa geral Alliança. Quanto a nós, considerados como partes da Communidade da Europa, e interessados no seu fado, o estado das cousas não pôde ser mais duvidoso, e perplexo.

Quando Luiz XIV. se fez Senhor das mais extensas, e importantes provincias da Hespanha, correu a Lombardia, bateo ás portas de Turim, e invadio os territorios d'Alemanha, o estado da Europa era verdadeiramente pavoroso. Então o grande recurso da Europa foi Inglaterra; não a Inglaterra destacada do resto do Mundo, e divertindo-se com a ostentação theatral de sua Marinha (que não pôde ser de gloria, quando são precarias as fontes deste poder, e de toda a outra especie de poder) mas a Inglaterra incorporada á Europa, que sympathizava com a sua adversidade, e com a felicidade do Genero Humano, reconhecendo, que nada nos negocios humanos lhe he estrangeiro.

Devemos considerar como seguro axioma, que nenhuma Confederação pôde existir contra a França, com effeito, ou duração, de que Inglaterra não só seja parte, mas tambem a cabeça; e nem Inglaterra pôde pertenc-

der debellar a França, senão confederando-se com o *Corpo da Christandade*.

Em a nossa conta de guerra com a França, como *Guerra de Communhão*, no instante em que principiarmos a fazer acções, e insinuações de paz, vem a ser *guerra de desgraça*. As vantagens independentes, que temos obtido á custa da causa commum, se ellas nos enganão sobre os nossos mais importantes, e seguros interesses, devem-se contar entre as nossas maiores perdas.

Os Alliados da Gram-Bretanha tem sido miseravelmente illudidos, por hum grande erro fundamental, isto he, que está em nosso poder fazer paz com hum *Monstro*, cujos designios o fazem formidavel. Muitos Estadistas imaginão, que o cessar de resistir-lhe, he o certo expediente de segurar os Governos. Este pallido pensamento tem enfraquecido todas as suas empresas, e desconcertado todas as suas tortuosas politicas. Não poderão, ou antes não quizerão, ver nas mais explicitas declarações do inimigo, e no seu uniforme procedimento, que maior segurança se pôde achar na mais ardua guerra, do que na amizade desta casta de gente. A sua amizade hostile não pôde ser alcançada em outros termos, que não involvão a impossibilidade de resistir-se depois a seus designios. Este grande prolífico erro foi a causa de fazer os nossos Alliados indifferentes na direcção da guerra. Os reveses, que o Estado dos assassínios soffrêrão, tem uniformemente occasionado novos esforços, com que não só repararão as suas perdas, mas tambem os prepararão a novas conquistas. Os reveses dos Alliados, pelo contrario, só forão seguidos por deserção, desmaio, desintelligencia, abandono da sua politica, desvio de principios, admiração do inimigo, mutuas accusações, e reciproca desconfiança da propria causa, e de seu poder, e valor.

Grandes difficuldades nos apertão de toda a parte em consequencia desta erronea politica. Longe de palliar o mal na sua representação, desejo para meu fundamento firmar a verdade, de que *nunca existio maior mal do que o que temos a combater*. No momento, em que se receia algum subito terror panico, pôde ser prudente occultar por algum tempo algum grande desastre publico, e ir revelando-o por grãos, até que o espirito do povo tenha intervallo para resurgir, e o seu entendimento tenha descanso para se reanimar, e tambem para que mais firmes conselhos possão prevenir algum acto desesperado, estando-se debaixo das primeiras impressões de raiva, e terror. Mas a respeito do geral estado das cousas, que procedem dos successos, e causas já conhecidas em grosso, não ha piedade nessa especie de fraude, que encobre a verdadeira natureza de taes successos, e de suas causas; pois só resoluções erroneas podem resultar de representações falsas. As providencias, que nos desastres ordinarios são proveitosas, não são, nas grandes desgraças nacionaes, outra cousa senão entrar em farça com o mal. O peor phenomeno he vêr-se, que tudo he seguro, excepto o que as Leis tem feito sagrado; tudo he vilania, e languidez, onde não ha mais que furia, e facção.

He impossivel não observar que, á proporção que nos avizinhamos ás peçonhentas garras da anarchia, o encanto parece irresistivel. A' proporção que somos attrahidos para o frio o mais enregelado da irreligião, e immoralidade, logo todos os venenosos, e phosphoricos insectos do Esta-

do se levantão para ostentar a sua vida. Está em a natureza destas enfermidades eruptivas do Estado o apparecerem, e desaparecerem taes excrescencias; mas o fermento da molestia remanece, e não mitiga a sua malignidade; e só se espera por mais livre communição com a fonte do regicidio, para desenvolver, e augmentar a sua força.

Estamos em guerra de particular natureza. Não se trata com huma Nação ordinaria, que he inimiga, ou amiga, que, segundo a paixão, ou o interesse, possa dictar as hostilidades; nem ainda com hum Estado, que faz guerra por extravagancia, e que a abandona depois de caçado. *Temos guerra com hum systema*, que, pela sua essencia, he inimigo de todos os Governos, e que faz guerra ou paz, conforme a guerra, ou a paz pôde melhor contribuir á subversão dos mesmos Governos.

Temos guerra com Doutrina armada. Ella vem a ser, por sua natureza, huma facção de opinião, de interesse, de enthusiasmo, em todos os paizes. Para nós he como o Colosso de Rhodes, que aspira a cavalgar o nosso canal. Elle tem hum pé na praia do Continente, e outro no Solo Britanico. Nada pôde tão completamente arruinar a qualquer dos antigos Governos, e o nosso em particular, do que o mostrarmos reconhecimento (claro ou implicito) de algum genero de superioridade deste novo poder.

Isto funda-se na inalteravel Constituição das cousas. Ninguem pôde esperar cousas grandes, senão o que tem força de soffrer grandes perdas. Os que fazem seus ajustes logo no principio da desventura, põem o sello ás proprias calamidades. Huma sorte de coragem pertence ás Negociações dos Gabinetes, como ás operações do Campo. Hum Negociador Politico deve muitas vezes mostrar, que arrisca todo o exito do Tratado, se elle o deseja segurar em algum ponto principal.

Aos que não podem contemplar com prazer a quêda das grandezas humanas não conheço mais mortificante spectaculo, do que o verem a reunida Magestade das Testas Coroadas da Europa esperando, como criados na antecâmara de regicidas, que, quando lhe apraza, abráo as portas aos seus altos, e poderosos Clientes, repartindo favores de etiquetas aos Plenipotenciarios da Real Impotencia, concedendo-lhes precedencias conforme a antiguidade de sua degradação, apresentando os murchos restos das graças da antiga Côrte com insultante, feroz, e sardonico rizo de hum sanguinario amoinador, que talvez ainda lhes esteja medindo com os olhos a estatura proporcionada para a guilhotina. Estes Embaixadores poderão voltar como bons Cortezãos; porém nunca tornarão com verdadeira affeição a seu Soberano, e á Constituição, Religião, e Legislação do seu paiz. Ha grande perigo, que elles entrem rindo-se nesta cova de Throphonio. Elles virão a ser os verdadeiros conductores do contagio a todos os paizes, que tiverem o infortunio de enviallos á matriz de tal electricidade. Pelo menos, se farão indifferentes á huma Constituição, ou á outra, e não se poderão elevar ao nivel da verdadeira dignidade, e da casta estimação das proprias pessoas, contaminando-se pelo contacto, obsequio, e affabilidade com tanta gente nefaria.

Os regicidas forão os que primeiro nos declararão a guerra. Nós agora somos os primeiros a solicitar a paz. Em proporção da humildade, e

perseverança, que mostrámos em as nossas propostas, cresceu a obstinação de sua arrogancia em rejeitallas. A paciencia do seu orgulho se cançou com a importunidade da nossa cortezia, e redobrou os insultos. Muitas vezes acontece, que por timbres dos Governos se rejeitão offerecimentos publicos do inimigo, quando aliás o interesse bem entendido secretamente dicta a acceitação da vantagem. He o caracter da humanidade submeter-se á força das cousas. Ha consanguinidade entre benevolencia, e condescendencia em justos termos. São virtudes do mesmo fundo. A dignidade he de boa pro-sapia; mas pertence á familia da fortaleza. No espirito desta benevolencia procurámos obter paz do Directorio dos regicidas, para poupar as vidas de infelizes pessoas da primeira distincção, e que estando sob a protecção, e no serviço da Gram-Bretanha, por desastres do mar forão lançados sobre a praia Franceza, mais barbara, e deshumana, do que o inclemente Oceano na mais cruel de todas as tempestades. Deo-se então a oppor-tunidade de exprimir as miserias da guerra, quando a fortuna da guerra se declarou pelos regicidas.

Não digo que os procedimentos diplomaticos devão ser como os processos parlamentarios, ou judiciaes, exactamente conformes aos Arestos precedentes. Mas hum grande Estado deve sempre ter em vista as *antigas maximas*, principalmente onde he necessario mostrar toda a dignidade nacional, e aliás concorrendo tambem aos bons propositos as regras da prudencia; e sobre tudo quando as circumstancias do tempo requerem, que se resista ao espirito de innovação, que tende a humilhar as Potencias Soberanas.

A proposta da paz foi da parte da Gram Bretanha hum acto voluntario, procedido do desejo de accommodação, e da geral pacificação da Europa. A repulsa dos regicidas em não quererem tratar com a Gram Bretanha em Congresso das Potencias Alliadas, dá materia para a mais seria reflexão. Desunindo-se assim cada Estado huns dos outros, como a Côrsa ferida separando-se das companheiras, toda a Potencia he tratada conforme ao grão de seu merecimento, em qualidade de desertora da causa commum. Nesta Diplomacia de traição, os regicidas, achando a cada Soberano solitario, e desprotegido, vem a dar-lhe a Lei com a maior facilidade. Por tal systema, irremediavel desconfiança se disseminou entre os Conferados; e, para o futuro, toda a Alliança se faz impraticavel. Assim tratarão com a Prussia, Hespanha, Sardenha, Estados Ecclesiasticos, e outros; e estes Estados recusarão tratar de outro modo, apostatando da Gram Bretanha. Peiores que cegos, não virão, que, desviando-se da regularidade do systema, neste caso, e em todos os outros, elles adoptarão o mais terrivel plano para total destruição da propria independencia; não advertindo, que não poderião achar refugio senão ligando-se immovelmente á causa commum.

Os regicidas responderão cathegoricamente affectando sinceridade, e dizendo que „o Acto Constitucional não lhes permitia consentir em alienação alguma dos paizes conquistados, que, conforme as Leis existentes, constituem o territorio da Republica; que sobre outros interesses politicos, e commerciaes, estarião promptos a receber as proposições que fossem justas, racionaveis, e compatíveis com a dignidade da Republica. „

Nos Annaes do orgulho não existio jamais tão insultante declaração.

Ella he insultante nas palavras , nas maneiras , na substancia , e he , em cima disso , pavorosa. He huma amostra do que se póde esperar dos Senhores , que estamos preparando para o nosso humilhado paiz. A sua affectada candura consiste em directo Manifesto do seu Despotismo , e Ambição. Na sua unidade , e indivisibilidade da posse do que roubarão , e se apropriarão dos Estados de seus vizinhos , elles amalganião , e submergem immensas , e ricas provincias , cheias de praças fortes , e de populosas , florentes , e opulentas Cidades. Tudo isso não he já materia de discussão diplomatica. E porque Lei ? He a Lei das Nações ? He alguma reconhecida publica Lei da Europa ? Ha alguma prescripção de posse immemorial de sua parte ? Não. He huma declaração feita *pendendo a lide* , e no meio de huma guerra , cujo principal objecto foi , na origem , a *defensão natural das Nações* contra huma Nação , que adoptou furiosos principios anarchicos , para destruição de todas , e desorganização da Ordem civil.

A estranha Lei dos anarchistas não foi feita para hum objecto trivial ; nem para hum porto , ou para huma fortaleza ; mas para hum grande reino , e para a religião , moral , leis , liberdade , vida , e fortuna de milhões de creaturas humanas , que , sem consentimento proprio , ou do seu legitimo Governo , sem cerimonia , e sem mais cumprimento , só por Actos arbitrarios de hum Governo , á que humicidas , e regicidas chamão Lei , são incorporadas na sua tyrannia. Elles com hum feixe de Leis , e Legisladores de seu molde dissiparão todas as Constituições , e Leis reconhecidas , e até não escrupulizarão em profanar os *fundamentales sagrados direitos do homem* , reduzindo a nada , e com ignominia , o Santo Codigo da Lei da Natureza , pertendendo , que só a sua forjada Lei despotica , e revolucionaria seja invulneravel , impreterivel , e immortal. Arrogando-se o Magisterio , e o Senhorio de todas as cousas divinas , e humanas , só na sua omnipotente legislatura se achão sem o poder de fazer paz compativel com a tranquillidade , e honra de seus vizinhos. Sô são poderosos em usurpar , mas impotentes em restituir. Pela sua potencia , e impotencia igualmente se engrandecem , enfraquecendo , e empobrecendo todas as outras Nações.

Com razão pois o Governo Britannico respondeo , que , em quanto persistissem estas disposições no Governo Francez , nada restava ao Rei , senão proseguir em huma guerra igualmente justa , e necessaria.

Depois desta resposta , os Regicidas devastarão toda a Europa , e até *Portugal se curvou ao seu jugo*. Toda a demonstração de implacavel rancor , redobrada animosidade , e inoomito orgulho , forão os unicos estímulos , que recebemos das nossas supplicas. Quando a guerra se fez dez vezes mais necessaria , a nossa resolução de proseguir nella se amolgoou com o calor da estação.

Se a humilhação he o elemento , em que devemos viver , confesso , que não me enamoro da idéa de expor as nossas chagas lazaras á porta de cada soberbão servidor da França. O caliz d'amargura não tem ainda sido bebido a tão grandes tragos , como em se propor paz á França. Procuráramos Mediador em hum Ministro de Dinamarca , em cuja pessoa a dignidade Real tinha sido insultada , e envilecida a Séde do orgulho plebeo , com o atrevimento o mais insolente de levantados proclamadores , e missiona-

rios de geral Rebellião. Experimentámos outra repulsa, com a sua ordinaria invectiva contra o Ministro Inglez, arguindo-o da proverbial *perfidia punica*, e affirmando-se, que não podia ser de boa fé o desejo de paz da parte do Governó Britannico; visto que esta lhe arrancaria a sua Preponderancia Maritima, restabeleceria a Liberdade dos Mares, e daria novo impulso ás Marinhas de França, Hespanha, e Hollanda, e elevaria ao mais alto gráo de prosperidade a industria, e o Commercio destas Nações, em que aliás sempre Inglaterra tinha encontrado rivaes, considerando-as como inimigas do seu Commercio. Acrescentavão o insulto dizendo „ He preciso, que o Governo Britannico abjure o injusto odio que nos tem, e que a final abra os ouvidos á voz da humanidade. „

Jámais em Diplomacia appareceo papel tão incendiario, como Preliminar de negociação de paz. Poucas declarações de guerra tem manifestado mais atroz malevolencia. Omitto a afronta dessa rhapsodia. Não fallo mais de dignidade nacional: o timbre Inglez está a expirar. Só farei observações politicas sobre este negocio baixo, com que os algozes regicidas quizerão lançar o barão á garganta da Gram Bretanha.

A idéa de Negociação de paz suppõe sempre alguma confiança na fé das propostas do Negociador: deve-se-lhe dar credito nesse tempo, e acto. Aliás os homens recalitrão com triplicada força contra o estímulo, que os fere. Suppor traição por base do trato de paz, he excluir toda a esperança, e seguridade da transacção amigavel. Isto he o mais fatal agoiro de eterna hostilidade. Insistir em novas propostas, quando o inimigo attribue perfidia até nas Credenciaes, he dar fraqueza aos plenos poderes concedidos ao character do Embaixador.

A França requer, que se ouça a voz da humanidade. He extraordinaria demanda: he pôr-nos cêra nos ouvidos, como o astuto Ulysses ordenou a seus marinheiros contra as Sereias do Oceano. Que terno, afinado, e affectuoso canto he este da *douce humanité* (doce humanidade) do Chôro dos confiscadores, e assassinos, que estabelecêrão hum systema destructivo de toda a ordem publica, e o mantiverão por meio de proscricções, extermínios, sacrilegios, matadouros, e huma rebellião, que se não pôde recordar sem horror, e pavor, pelo execravel parricidio do mais justo, e benefico Soberano da propria Nação, e de huma illustre Princeza, que com immovel animo tinha participado dos mesmos infortúnios, e soffrimentos de seu Real Consorte; que abertamente confessárão o proposito de subverter todas as instituições da Sociedade, e porfião em espalhar sobre todas as Nações a mesma confusão, que produziu a miseria da França!

Com toda a justiça pois o Governo Britannico pela ainda restante energia do Governo proclamou á Europa, que, não podendo existir o presente estado das cousas, sem arrastar a hum perigo commum todas as Potencias circumvizinhas, a justa prevenção de tal desastre lhe dava o direito, e impunha o dever, de fazer parar o progresso deste mal, que existia sómente pela successiva violação de toda a Lei, e de toda a Propriedade, e que atacava os fundamentaes princípios, pelos quaes o Genero Humano he unido em os laços da Sociedade Civil. Com toda a razão o Ministerio Inglez declarou á face do Mundo, que Sua Magestade Britannica nada dese-

java mais sinceramente do que terminar huma guerra, que em vão se esforçou evitar, e que todas as calamidades, que se tem seguido, se devião unicamente attribuir á ambição, perfidia, e violencia daquelles, cujos crimes involverão o seu paiz em miseria, e descompozirão todas as Nações civilizadas.

Esta Declaração fez valer os sentimentos da *verdadeira humanidade*. Taes sentimentos não se podem extrahir da Cirurgia da morte, em que he eminente a Diplomacia regicida, nem as ulceras, que ella fez arrebentar com seus cauterios, se podem adoçar por cataplasmas emollientes dos seus roubos, e confiscos, que constituem a quinta essencia dos amores, e curativos republicanos.

Por estranhas revoluções, que tem sobrevindo pelo modo de pensar dos homens, tem-se suggerido, que, por bons termos de huma capitulação, se pôde ceder em hum tempo, para depois fazer-se em melhores dias reviver o espirito nacional com duplicado ardor. He ás vezes necessario *recuar para melhor saltar* conforme o adagio francez.

Porém forçar á dieta a hum doente até o ultimo grão de fraqueza, e langôr, he mais de hum Medico empirico, e charlatão, que de hum Medico racional. Essa não he a melhor disciplina para formar homens destinadas á luta heroica, delicado senso de honra, e vivo resentimento das injurias (*). Longo habito de humilhação não he bom preparatorio para se conservar varonil, e vigoroso sentimento; e muito menos quando se ensina a considerar o poder do inimigo como irresistivel, e o povo de Inglaterra se agrada das mercês de hum systematico inimigo estrangeiro, combinado com perigosa facção no interior do Estado, sem pôr o fundo de sua segurança no proprio patriotismo, e valor.

He absurdo confiar a garantia do Imperio Britannico da compaixão dos regicidas; empeñar a sua religião á impiedade de athãos; implorar a clemencia de calejados assassinos; e entregar a sua propriedade á salva-guarda de ladrões por inclinação, por interesse, por habito, e por systema. Se o nosso animo assim está deliberado, verdadeiramente merecemos perder o que, com tal abatimento, he impossivel conservar, o *Nome de Nação*.

Não pôde haver unanime zêlo na causa da salvação geral, e resistencia ao inimigo commum, onde se tem de combater no interior do Paiz com huma continua desdita, repugnancia, e trapaça.

França, a Mãe de monstros, e mais prolifica em prodigios monstruosos que o antigo fabuloso paiz chamado *Ferax Monstrorum*, manifesta já os symptomas de estar exaurida em todo o genero de maldades, se a paz não renova a sua infernal fertilidade. Para que por nossa leveza (não por nossa depravação) lhe deixaremos recrutar os seus brutaes restos de vida monstruosa, que ainda não estão destruidos? Os homens bons não suspeitão, que haja gente atraçoada, que attente á ruina da Nação por meio das virtudes da mesma Nação. Os turbulentos não escrupulizão em abalar a tranquillidade do seu paiz até o centro, levantando continuo clamor de paz com a França, assemelhando-se ás importunas gallinhas de Guiné, que gritão

(*) Ut lethargicus hic, cum fit pugil, et medicum urget — Horat.

em huma só aspera e continua altisona até nóta, dia e noite. O seu mote he *paz com os regicidas*, pensando que vem a ser paz com todo o mundo.

Os Jacobinos são mui habilidosos : nas convulsões politicas, as paixões fortes exaltão as facultades : elles gritão por paz, porque, conseguido este ponto, estão certos, que o resto virá por si mesmo. Como pôde ser bom, e fundado em a natureza, que os homens se rejão pelos conselhos de seus inimigos? Não se deve antes tremer, quando se quer persuadir, que se deve viajar pela mesma estrada, e pousar no mesmo lugar, que elles dictão?

Em 1739 o Governo Inglez foi forçado pelo povo, e pelos politicos, e até pelos poetas do tempo, a declarar guerra á Hespanha : e pôde-se dizer, que envião essa guerra foi *guerra de roubo*. No presente conflicto com regicidas, he forçado por gritos vulgares a fazer huma paz dez vezes mais ruínosa que a mais desastrada guerra, e quando allás ha todos os motivos de appellar para a nossa Magnanimidade, e Razão. Os Ministros, que cederem por fraqueza, devem ser condemnados pela Historia. Então a contenda era sobre *Guardas-costas*, e a *Convenção de Madrid*. Agora trata-se da nossa existencia politica, e da causa da civilização, em que se precisa de espirito forte, e perseverante, o qual só he capaz de supportar as vicissitudes da fortuna, e os encargos de huma longa guerra: digo emphaticamente *longa guerra*; pois, sem tal guerra, nenhuma experiencia historica nos diz, que huma Potencia perigosa podesse ser reduzida á razão, e justa medida de poder. Não he preciso subir á antiguidade, e trazer á memoria a guerra do Poloponeso de 27 annos; nem as duas guerras Punicas, a primeira de 24, e a segunda de 18 annos; nem a mais recente dos tempos modernos concluida pelo Tratado de Westphalia, que continuou por 30 annos. Só fallo da que toca mais immediatamente ao nosso paiz desde 1689 até 1713; nesse intervallo quasi que não houverão 5 annos de paz.

Neste periodo, nas pazes de *Ryswich*, *Gertrudemberg*, e *Usrecht*, sempre as proposições de accommodação vierão da parte do inimigo. Em taes guerras a Revolução do povo fez sempre a sua força. Então os nossos recursos erão incomparavelmente menores que hoje. Não tinhamos exercito consideravel. As nossas Finanças achavão-se, se he possivel, em peor estado. O nosso credito publico, na verdade já então grande, ambiguo na opinião de muitos, que nos prognosticavão muitas vezes que elle seria a causa da nossa ruina (o qual todavia já por hum seculo tem sido o constante companheiro, e, ás vezes, o meio da nossa prosperidade, e grandeza) teve a sua origem, por assim dizer, na pobreza, e quasi na bancarrota.

Presentemente, Capitalistas offerrecerão, á porfia, adiantar ao Governo o fundo de 18 milhões esterlinos, á juro moderado. Mas naquelle tempo, ao Ministro *Montagu*, o pai do nosso Credito Publico, para alcançar incomparavelmente menores sommas, afiançando elle o Estado, em companhia do Lord Mayor de Londres, foi necessario andar, como o Mor-domo do Hospital, solicitando, com o chapéo na mão, de loja em loja, o emprestimo de cem libras, e ainda de menos, a interesse de doze por cento. Até o *Papel do Banco* (hoje ao pár do dinheiro corrente, e geral;

mente preferido á elle) soffria o desconto de vinte por cento. Por isto só, bem se pôde julgar sobre a fraqueza dos nossos meios de guerra naquella epocha. As nossas exportações, que ora sobem além de 46 milhões esterlinos, não montavão então a dez. Quanto ao credito particular, não havia nesse tempo em Londres 12 Bancos de Capitalistas; mas *estas machinas de credito nacional* são vistas agora em quasi todas as cidades e mercados; o que demonstra o assombroso augmento da confiança particular, da geral circulação, da concorrência interna, e o proporcional accrescimento do Commercio estrangeiro. Não obstante as expostas desvantagens do Estado ha hum seculo, nunca o Espirito Nacional desmaiou com a fortuna adversa; e resistindo ás imperiosas propostas do inimigo, veio a concluir paz honrosa. A Política, destreza, e perseverança do Rei, fizeram consolidar a independencia, e gloria da Nação: elle propoz ao Parlamento o conservar á Gram Bretanha a preponderancia, e influencia, que gozava nos Conselhos, e Negocios estrangeiros, para que visse a Europa, que os *Inglezes não faltarião a si proprios*.

O Equilibrio dos Estados da Europa então se fixou com hum grão, antes desconhecido, de coherencia, firmeza, e fidelidade. O Architecto desta immensa e complicada machina morreo logo depois de a fabricar. A obra foi formada sobre os verdadeiros principios da *Mechanica Politica*: ella continuou em movimento pelo impulso recebido do primeiro Motor, que bem mostrou ser a *Nação Britannica* hum *Povo Grande*. Elle apontou como, e porque meios, devia ser exaltado sobre o seu nivel, e proseguir no ascendente, que já tinha tomado na ordem dos Estados independentes.

Nesta guerra, continuada 14 annos contra Luiz XIV., o Governo não poupou trabalho algum para satisfazer á Nação; a qual, ainda que animada com desejo de gloria, todavia não tinha a gloria por seu ultimo objecto, mas sim o que lhe era mais caro, isto he, a sua *religião, lei, liberdade*, e tudo o que está no coração dos Inglezes, como homens livres, e como Cidadãos da grande *Republica da Christandade*, sempre circumspectos, e animosos para prevenir perigos, e proverem ao futuro. Isto era conhecer a verdadeira arte de ganhar os affectos do povo, isto era entender a natureza humana.

As paixões das ordens inferiores são famintas, e impacientes; só aspirão á guerra mercenaria. O calculo do proveito em taes guerras he falso. Balanceando-se as contas de taes guerras, mostra-se, que mil caixas de açúcar são compradas a preço dez vezes maior do que ellas valem. O sangue do homem não deve ser derramado senão para remir o sangue injustamente desparzido. Convem que só o dêmos por nosso Deos, nosso Paiz, nossa familia, nossos amigos, nossa Especie: só isto he virtude; tudo o mais he crime.

Guerra para prevenir que assassinos de Luiz XVI. nos imponhão a sua irreligião, he guerra justa. Guerra para prevenir a operação de hum systema, que faz a vida sem dignidade, e a morte sem esperança, he guerra justa. Guerra para preservar a independencia politica, e a liberdade civil das Nações, he justa guerra. Guerra para defender propriedade, vida, honra, da certa e universal carnificina, a que Francezes condemnão o mun-

do, he guerra justa, necessaria, piedosa, varonil, e somos obrigados a persistir nella por todo o principio divino, e humano; pois que se trata da existencia de todos contemporaneos, e vindouros.

A França he a unica Potencia da Europa, pela qual he possivel que sejamos conquistados. Viver em continuo medo de tal mal (que he sem medida) he a mais tormentosa calamidade. Viver sem medo, he converter o perigo em desastre. A influencia da França he igual á guerra; e o seu exemplo he mais devastador, que huma irrupção hosil. Ella está em essencial, e habitual hostilidade connosco, e com todo o Povo civilizado.

Governo de huma natureza tal como existe na França, não foi já-mais visto, ou imaginado na Europa. He cousa mui séria ter connexão com hum povo, que só vive de instituições positivas, arbitrarias, mudaveis, e não sostidas, nem explanadas por alguma reconhecida regra da sciencia moral. Elle destruiu os elementos, e principios da Lei das Nações, que he o grande ligamento do Genero Humano. Com ella destruíráo todos os Seminarios, em que se ensinava a Jurisprudencia, e igualmente todas as Corporações estabelecidas para a sua conservação. Elles tem posto fóra da Lei a si mesmos, e tem igualmente proscripto do fóro das Leis Naturaes a todas as Nações.

Jacobinismo he rebellião dos talentos ousados, emprehendedores de hum paiz contra toda a Propriedade. Quando os homens fazem revoluções para destruir todas as antecedentes leis, e instituições do seu paiz; quando elles segurão para si hum exercito, dividindo entre o povo, que não tem propriedade, as herdades de seus antigos, e legitimos proprietarios; quando o Estado reconhece, e ratifica taes actos; quando o Governo não faz confiscos para os crimes, mas os crimes para confiscos; quando os seus principaes recursos são *offensas da propriedade, e assassinatos de todos*, que resistem, e combatem pelo seu anigo legal governo, e suas legaes, hereditarias, e adquiridas possessões, eu chamo isto *Jacobinismo por estabelecimento*.

Os que estabelecerão tal lei viciaráo, e inflammaráo a imaginação, e pervertêráo o senso moral dos homens, e levárão o delirio a ponto de fazer vir aos seus Tribunaes a alguns scelerados, que se dizião Pais, a pedirerem o assassinato de seus filhos, jactando-se de que Roma teve hum Bruto, o qual poz á morte ao proprio filho, mas que os Francezes poderião mostrar centenares de Brutos. Foi-igual, e reciproca a maldade dos filhos contra os pais. O fundamento de tal Estado fôo estabelecido em paradoxos; o seu patrimonio he prodigio. Todos os exemplos, que se achão na historia, reaes, ou fabulosos, de duvidoso espirito publico, em que a moralidade fica perplexa, e a razão se assombra, e a natureza estremece, são os seus escolhidos, e quasi os unicos modelos para instrucção da mocidade.

Todo o trem das instituições dos Francezes he contrario aos dos mais Sabios Legisladores de todos os paizes, que destinárão a perfeioar os instinctos, para constituir a moral pura, e enxertar as virtudes sobre o tronco das affeições naturaes. Elles não omittiráo trabalho algum para extirpar todas as benevolas, e nobres propensões do espirito dos homens. Elles pensão, que he indigno do nome de virtude publica tudo o que não indica violencia nos particulares. As suas novas Leis cortão pela raiz a nossa natureza social.

Todos os Legisladores, conhecendo ser o casamento a origem de todas as relações, e em consequencia o elemento de todos os deveres, esforçarão se, por todos os meios, em fazello sagrado. A Religião Christá, limitando o matrimonio aos pares, e constituindo-o indissolúvel, tem, só por isso, feito mais para a paz, felicidade, firmeza dos Estados, e civilização do mundo, do que talvez por todos os outros preceitos da Sabedoria Divina. Porém a Synagoga do anti-Christo da França tomou o curso contrario; e forjou na manufactura de todo o mal, a *Assemblea Constituinte* de 1789, a obra (por assim dizer) de profanar, e deshonorar o estado do matrimonio, (que todos os Legisladores tem constituído sancto, e honorífico) fazendo a mais estranha declaração, de não ser o casamento senão hum contrato civil, e hum trafico commum; permitindo ás filhas-familias as uniões mais licenciosas, e ás mulheres casadas o divorcio arbitrario, sob pretexto de libertallas da tyrannia dos pais, e maridos. Por taes infames actos, de tão horribéis consequencias, pôz-se o sexo feminino fóra da tutela, e protecção do sexo masculino, com evidente transgressão da ordem da natureza.

A pratica do divorcio, ainda que permittida em alguns paizes, foi sempre mal vista, e de-acreditada em todos. Felizmente hoje em as Nações civilizadas o divorcio não he frequente artigo de registo publico. Mas na França não só he artigo regular, mas até já se acha posto em honra. Em Inglaterra, por Exame decretado pelo Parlamento, mostrou-se, que, em cem annos, apenas se contão cincoenta divorcios (que aliás são mais *separações de thoro*, do que absolutas dissoluções dos vinculos do matrimonio.) Em París, só em tres mezes, em 1793; houverão 562 divorcios.

A esta pratica se accrescentou a do *cannibalismo*, com que os Jacobinos até bebião o sangue das victimas da sua ferocidade, e commetião os mais atrozes, infames, e nunca ouvidos actos de obscena salvajaria sobre os cadaveres. A muitas victimas não concedêrão ao menos o gozarem das ultimas consolações do Genero Humano, e dos direitos da sepultura, que indicão a esperanza da vida eterna, e com que a natureza ensina em todos os paizes a allivar as afflicções, e soffrer, com resignação á Providencia, as enfermidades da nossa sorte mortal. Procurando persuadir ao povo, que os homens não são melhores que as bestas; todo o corpo de suas instituições tende a fazellos tigres furiosos. Para esse fim forão disciplinados a ostentar huma ferocidade sem paralelo (*).

A certa, e tremenda operação destes perigosos, e seductores principios, e exemplos, nos obriga a recorrer aos verdadeiros Canones Sociaes. Não obramos com sabedoria, quando nos fiamos nos interesses dos homens, como unicos e seguros penhores dos seus negocios. Os interesses muitas vezes quebrantão as justas convenções, e as paixões pizão frequentemente quaesquer interesses, e convenções. Entregarmo-nos inteiramente a huma, e outra cousa, he não conhecer o Genero Humano.

(*) Ainda peor de tudo, ostentavão a mais feroz alegria no meio de suas matanças, e horribilidades, divertindo-se em theatros, e até fazendo ao mesmo tempo pantomimas nas praças das execuções, para tornar mais cruéis, sensiveis, e dolorosas as angustias das victimas da guilhotina.

Os homens não se ligão huns aos outros por papeis , e sellos. Elles são insensivelmente conduzidos a se associarem por semelhanças , conformidades, e sympathias. As Nações obrão como os individuos. Não ha tão forte vinculo de amizade entre Nação , e Nação , como o da correspondencia em leis , costumes , maneiras , e habitos de vida. Estas causas tem mais força , do que quantos Tratados haja. São obrigações escritas no coração. Ellas aproximão o homem ao homem , sem hum conhecer a outro , e sem terem a intenção de se unirem. O secreto , invisivel , mas firme laço do trato habitual os tem em harmonia , ainda que a sua perversa , e lirigiosa natureza os incite a contender , esgrimir , e guerrear sobre os termos das obrigações escritas.

Quanto á guerra, ella he o unico meio de sustentar a justiça entre as Nações contra a injuria , e violencia reciproca. Nada pôde banilla do mundo. Os que dizem o contrario , mentem a si , e aos outros. He hum dos maiores objectos da sabedoria humana mitigar os males , que ella não tem a potencia de remover. A conformidade , ou a analogia da religião , leis , e maneiras , de que tenho fallado , ainda que seja impotente para preservar perfeita confiança , e tranquillidade entre os homens , tem com tudo a tendencia mui forte de facilitar a accommodação , e produzir geral esquecimento do rancor em seus queixumes. Pela diversidade de leis , religião , e maneiras , muitas Nações , que estão apparentemente em paz , estão na realidade mais separadas humas das outras , do que as Nações da Europa , ainda no curso das mais longas , e sanguinosas guerras. A causa disso se deve procurar na semelhança de religião , leis , e maneiras. Os Escriitores da Lei das Nações tem por essa razão chamado *Republica da Europa* o aggregado de taes Nações. Ella he virtualmente hum *Grande Estado* , que tem a mesma base da legislação geral , só com leve diversidade de costumes provinciaes , e Estabelecimentos locaes.

As Nações da Europa tem a mesma Religião Christá , concorde nas partes fundamentaes , variando pouco em ceremonias , e doutrinas subordinadas. (*) Desta fonte emanou hum systema de maneiras , e educação , que as constituoia quasi semelhantes nesta porção do Globo , e que sostinha , unia , e reunia as diversas côres de toda a população. Pouca differença ahi havia na fórma das Universidades para ensino da mocidade , e tambem quanto ás Faculdades Sciencias , e mais generos de erudição liberal. Por isso , sabindo qualquer pessoa da sua Nação , não se podia chamar inteiramente hum estrangeiro , e desterrado. Só se encontrava huma aprazivel variedade , para recrear , e instruir o espirito , enriquecer a phantasia , e melhorar o coração. O viajante sensato não parecia sentir-se fóra da seu paiz.

Mas o systema da Revolução Franceza veio perturbar toda esta harmonia , e conformidade. Nem se pôde assignar outra razão , senão esta para os Francezes alterarem todas as idéas , nomes , uso , leis , e religião do mundo civilizado. Com estudada violencia tiverão em designio pôr-se em apostasia da Humanidade , e fizerão scisma com o Universo ; e a quebra

(*) Todavia a Religião Catholica tem artigos dogmaticos essenciaes , que differem dos de alguns ramos heterodoxos do Christianismo.

é a união foi tão completa, que *impossibilitarão o commercio social*, tendo-o corrupto, e destruído no seu principio. Assim fizeram por attrahir a todo o Genero Humano ao seu systema, e o forçarão a viver em perpetua inimizade com o Estado o mais poderoso, que jámais se vio. Pôde-se imaginar que, offerecendo elles ao Genero Humano esta desesperada alternativa, não tenham sempre hum espirito hostil, contra todos os povos, e governos, estando com tantos meios de força para offender sem responsabilidade?

Ha leis civis, que não são totalmente positivas, mas simples conclusões da *razão natural*, e pertencentes á *Universal Equidade*, as quaes por isso são applicaveis em todas as partes. Tal he a *Lei da Vizinhança*, que não deixa a cada individuo mostrar-se inteiramente o absoluto Senhor do seu proprio terreno. Quando hum vizinho vê fazer á sua porta huma nova obra, que seja de natureza prejudicial, tem direito de representar ao Juiz o seu gravame, e justo receio de damno, e este tem o direito de *embargar a obra*, para não se continuar, e ainda para se demolir depois de já feita, mostrando-se o mal, ou o imminente perigo de sua existencia. Ninguem pôde fazer *inovação a risco do vizinho*. Toda a doutrina da lei civil sobre a *denunciação da nova obra* (*) he fundada nesta justa razão, que *não he licito a huma pessoa fazer uso da liberdade natural* para fazer obra em sua propriedade, donde com razão se possa recear detrimento, e prejuizo grave do vizinho. A denuncia então he *prospectiva*, e olha ainda para o damno futuro, e anticipa por prudencia a *prevenção do mal, ainda não feito*. Este direito he igualmente favoravel a ambos os vizinhos. Por elle se acatela, e remove, em tempo opportuno, hum damno, que, depois de feito, talvez seja irreparavel, ainda que aliás o não seja destinado pelo architecto da *nova obra*.

As regras da equidade, e a urgencia do caso justificão o remedio. A's vezes a prevenção do mal precisa de celeridade, e a dilacão he perigosa. Os vizinhos se presumem saber os factos dos seus vizinhos, como se diz em huma regra de Direito Civil. São pois todos mui interessados, que huus não abusem das suas facultades com injuria alheia, e com perigo da existencia dos outros.

Este principio he ainda mais verdadeiro a respeito das Nações. O Direito pois da *Grande Vizinhança da Europa* concede a cada Estado hum dever, e hum claro titulo de prevenir qualquer capital innovação em outro Estado, que possa equivaler á formação de *obra nova prejudicial* á tranquillidade, e independencia dos mais circumvizinhos. Aquella regra justifica a Declaração cathgorica do Governo Britannico de 26 de Outubro de 1793, que o estado de cousas, que existe na França não pôde continuar, sem involver todas as Potencias da Europa em commum perigo, e sem lhes dar o direito, e impôr o dever, de fazer parar o progresso de hum mal, que ataca os principios fundamentaes, pelos quaes o Genero Humano he unido em sociedade civil.

O que em sociedade civil he *fundamento de lide*, na sociedade politica

(*) Veão-se as Leis do Digesto de *Novi operis nunciacione*, e de *Damno infecto*.

he *fundamento de guerra*. Quando todas as combinações de atrozes factos de vizinho injusto, e innovador de más obras, tirão toda a esperança de cessar elle de tal novidade, e violencia começada, e as regras da prudencia não restringem, mas ordenão a guerra.

A obra Franceza não he huma má obra velha, cuberta com prescripção; he nova demolição, e decomposição de todo o Edificio da sociedade civil, e infame architectura de covil de ladrões, assassinos, e atheos: obras de rapina, matança, e impiedade, longe de serem titulos a cousa alguma, são por isso só publicas declarações de guerra ao Genero Humano.

Esta guerra porém não he feita á França, mas á cafila dos salteadores, que exterminarão de suas casas os respectivos proprietarios; pois as Nações são *Essencias moraes*, e não *Superficies geograficas*.

Supponha-se, (o que Deos não permita) que o nosso amado Soberano fosse sacrilegamente morto; a sua exemplar Rainha, a Cabeça das matronas da Terra, tivesse o mesmo fado; as suas Princezas, que pela sua belleza, e modesta elegancia, são as flores do paiz, e os modelos das virtudes do seu sexo, soffressem igualmente cruel, e ignominiosa traição, com cem outras mãs, filhas, e senhoras da primeira distincção; os Principes de Gales, e York, esperanças, e timbres da Nação, com todos os seus Irmãos; fossem obrigados a fugir dos punhaes de assassinos; todo o corpo do nosso excellente Clero fosse assassinado, roubado, e desterrado; a Religião Christã, em todas as suas communhões, prohibida, e perseguida; a Lei da Terra, fundamental, e totalmente abrogada; os Juizes conduzidos ao cadafalso por Tribunaes revolucionarios; os nobres, e plebeos esbulhados de suas possessões até a ultima geira de terra, e em cima empobrecidos, e aviltados; todos os Officiaes do Serviço Civil, Militar, e de Marinha sujeitos aos mesmos desteros, confiscos, e perigos; os principaes Banqueiros, e Comerciantes arrastados ao patibulo, para o matadouro geral dos que não tinham outra culpa senão o ter dinheiro, e fazer Commercio; os Cidadãos das Cidades mais populosas, e florentes encadeados, e juntos em huma Praça, e ahi destruidos a milhares com metralha de artilheria, e descargas de canhonada, por não se acharem patibulos, machinas, e algomez sufficientes para expeditas execuções capitaes; trezentos mil outros sentenciados a huma situação peor que a morte, prezos em pestilentas, e infernaes calabouços; em taes circumstancias calamitosas chamaríamos por ventura Inglezes a *Facção dos malvados*, que praticassem taes desordens, e horrores? Seria o paiz, onde se vissem taes tragedias, a Inglaterra, tão admirada, honrada, amada, e querida? Não reputariamos antes por unicos compatriotas os fugitivos leaes deste paiz? A terra de seu temporario asylo não se deveria considerar a *verdadeira Gram-Bretanha*? Poderia eu ser considerado como traidor a meu paiz, e digno de perder a vida com infamia, se andasse por todas as Nações da Europa batendo a todos os Paços e Corações dos Principes da Christandade, para socorrer os meus amigos, e vingallos dos seus inimigos? Podia nunca mostrar-me melhor Patriota? Que se deveria pensar dos Principes, que insultassem a seus Irmãos perseguidos pelos rebeldes, e que os tratassem de vagabundos, e mendigantes? Que generosos sentimentos se poderiam considerar nos que mostram

do-se Geographos , em lugar de Reis , reconhecessem como os identicos paizes nacionaes as cidades assoladas , os campos dezertos , e os rios manchados de sangue , só por terem a mesma medida geometrica , depois de tres cruzeas , para continuarem com os usurpadores , e malvados as mesmas antecedentes relações politicas ? Que juizo fariamos da barbara protecção dos que , attendendo ás cabalas , e intrigas ; e *declarações dos levantados* , lhes entregassem as victimas da Lealdade de seu paiz , que lhe tinham ido supplicar refugio no *Altar da Compaixão* , para serem sem misericordia abandonados aos Tribunaes dos bebedores de sangue , e parricidas de seu Soberano ?

A oppressão , e sensibilidade fazem loucos os homens sabios ; mas , ainda assim mesmo , a sua loucura he melhor do que o juizo dos nescios. O seu brado he a voz sagrada da humanidade , e miseria , exaltada no santificado phrenesi da inspiração , e prophacia . Na amargura d'alma , na indignação da virtude soffredora , no parocismo da desesperação , no espirito da lealdade Britannica , não clamaria eu por cem bocas , e denunciaria a imminente destruição , que espera os Monarchas , que considerão a fidelidade do Vassallo como torpe vicio , e que tolerão , que ella seja punida como delicto abominavel , e que só se tenha veneração aos rebeldes , traidores , regicidas , e furiosos escravos , que quebrarão os grilhões , e correm a redea solta a devastarem a terra , deixando-nos adormentar por dormideiras de adúladores , que nos allicião a descançar nos braços da morte ?

Alguns citão o exemplo da paz , que temos feito com os Barbarescos . Os que fizerão essa descoberta , e dão igual conselho , querem preparar-nos para a escravidão . Ha (dizem) cousas , que os homens não approvão , mas que a ellas se submettem , por se precaver maior mal . Respondo .

Por isso mesmo que já temos feito hum acto de humilhação , devemos ter cautela em não tolerar segundo , a fim de que a humilhação não venha a ser o nôsso estado habitual . Materias de prudencia são do imperio das circumstancias , e não de analogias logicas . Porém , ainda que a Constituição de Alger se assemelhe á da França , com tudo , pela nossa respectiva situação , Alger não nos dá perigo de existencia . Não he assim a França como hoje está , revoltada , e regida por Atheos fanaticos . Sou seu vizinho : posso vir a ser seu escravo . Os que pertendem ter achado o feliz paralelo , não advertem na infinita distancia de quem *está á porta* , ou de quem está em mui remota distancia , e sem iguaes meios de mal fazer . Alem disto . Em Alger ha huma barreira de idioma , e costumes , que previniria a corrupção das horribéis novidades da França . Posso contemplar sem medo o Tigre Real , ou Nacional das regiões do Pegú : até o posso olhar com a curiosidade dos que vão a ver animaes carniceiros na casa das feras . Tenho mais susto de hum gato do mato na minha antecamara , que de todos os leões , que urrão nos desertos da Mauritania . Alger não he vizinho de Inglaterra , e não faz obra nova . Esse Estado , bem que barbaro , não está infectado de principios da desorganização Social : o seu governo he de antiga origem , e os seus damnos se podem calcular com certeza . Quando Alger se traspassar a *Calais* , verei então o que se deva pensar , e fazer . Entretanto , o Aresto da paz com Alger não faz *autoridade de causa julgada* .

Os Homens de Estado são postos em eminentes atalhas para verem dalto hum mais vasto horizonte, sobre que possam dar Ordens. Elles são os nossos naturaes regedores. Sem duvida *Razões de Estado* exigem ás vezes modificação das geraes *Maximas de Governo*: porém nunca poderão seguir desejos, e conselhos de nossos implacaveis inimigos, sem serem responsaveis a Deos, e á Nação: fazer paz só em nome, e com precipitação, he a maior calamidade, que pôde sobrevir ao Publico. He nada o exemplo da França? He tudo. O exemplo he a escola do Genero Humano: elle não tem outra. Esta guerra he guerra contra tal exemplo. He guerra por toda a dignidade, propriedade, honra, virtude, e religião de Inglaterra, e de todas as Nações.

Direi huma palavra em minha apologia. Porque não me converto com tão grandes Potencias, e tão grandes Ministros, que tem feito a sua paz com os regicidas? He porque estou em 1796 com os mesmos sentimentos, em que todos os Soberanos da Europa estavam em 1793. Não me posso mover com esta *anticipação de equinoxios*, que nos está preparando o retorno da *idade de ouro*, ou de alguma nova era; que terá o nome de algum novo metal. Nesta crise, ou devo reter a minha lingua, ou fallar com franqueza. Falsidade, e illusão nunca são permitidas; mas ha tambem economia da verdade, como no exercicio de todas as virtudes. Ha huma sorte de temperança, pela qual os homens devem dizer a verdade com medida, para que se possam depois melhor explicar. O que disse, direi sempre. O que escrevo he de natureza testamentaria. Pôde nos meus escritos haver franqueza; mas elles tem a sinceridade de declaração de moribundo; visto que poucos dias me restão, e em breve serei separado da tumultuosa scena do mundo.

A P O L O G I A

*De Edmund Burke, por si mesmo, sobre a sua Pensão
do Governo. (*)*

SER maltratado em qualquer congresso, ou escripto, pelos entusiastas da nova seita de falsa politica, de que algumas nobres pessoas pensão com tanta caridade, e outras julgão com tanta justiça, não he materia de angustia, ou admiração. Ter incorrido no desagrado de taes pessoas, he receber a unica honra, que ellas podem dar; e he prova de haver eu obtido huma parte dos meus esforços na Causa da Humanidade. Não dei de modo

(*) Deo motivo a esta Apologia o publico ataque, que no Parlamento, e por escrito, fez o D. E. contra Mr. Burke, sendo o Chefe do Partido da opposição na Camera Alta, e o mais rico Proprietario de Inglaterra por antigas doações da Coroa.

algun offensã pessoal a esses, que se intitulão *patriotas* : a parte que tomão contra mim, he só por zêlo do seu partido.

Retirado, como estou, do mundo, e de todos os seus negocios, e prazeres, aquelles Senhores soprãrão em mim a faisca dos sentimentos quasi extinctos, dando-me viva satisfação de ser assim por elles atacado. He algum lenitivo ás dores do meu espirito o ter sido recommendado á Beneficencia do Throno por hum habil, vigoroso, e bem instruido Homem d' Estado, digno de si mesmo, e de sua causa, pelos serviços, que fiz á salvação da Pessoa, e do Governo do nosso Soberano, e consequentemente para segurança das Leis, liberdade, moral, e vidas do seu povo. O ser unido a tão grandes objectos, na verdade he distincção. A melancolia não pôde deprimir-me tanto, que me faça insensivel a tal honra.

Porque me não deixão os partidistas da Revolução Francezã na escuridade e inacção? Receão, que, se me restar hum atomo de vida, a Seita ainda tenha alguma cousa a temer? Mas quando eu fosse aniquilado, deixaria, como o antigo João Zisca, a minha pelle, para se fazer hum tambor, que com seus golpes retumbasse bem ao longe, a fim de animar a Europa á *guerra eterna* contra a tyrannia, que ameaça esmagar o Continente, e a toda a raça humana.

A materia he de tremenda meditação. Os annaes historicos ainda não tem fornecido hum exemplo de completa revolução como a da França. Esta revolução parece haver-se estendido até a constituição do espirito humano. Ella tem em si o prodigio, que *Bacon* diz das operações da natureza: he perfeita, não só nos seus elementos, e principios, mas em todos os seus orgãos, e membros. O phenomeno moral da França dá hum padrão unico no seu genero, e nunca visto no mundo; e he, que *todos, que o admirão, logo se lhe assemelhão*. Elle vem a ser o inexhaurivel repertorio de toda a casta de mãos exemplos. Até na minha miseravel condição, ainda que já apenas me possa classificar entre os vivos, não estou seguro. Os Sectarios do *Partido Francez* tem tigres para cahirem sobre qualquer força animada: tem hyennas para preiarem os cadaveres. A collecção de feras he completa, e feita pelos primeiros physiologistas do seculo, e só he defeituosa na sua natureza salvagem. Elles me assaltão ainda no mais escuro retiro, e urrão perante os Tribunaes revolucionarios. Nem sexo, nem idade, nem o santuario da sepultura, he para elles cousa sagrada. Elles negão ainda aos mortos a immundade do tumulto. São capazes de vexarem o sepulchro dos que predisserão o seu fado, ainda que lhes bradem — *deixem-me, — deixem-me repousar* —.

A minha *Penção mortuaria* (*) não foi o fructo da venalidade, nem a producção da intriga, nem o resultado de compromisso, nem o effeito de sollicitação ao Soberano, ou a seus Ministros. Bem lhes era conhecido, que eu estava resolvido a total retiro. Executei este designio. Estava inteir-

(*) He a que se chama *Pensão do otium cum dignitate* de 3 mil libras esterlinas cada anno, que o Governo dá aos grandes Servidores no ultimo quartel da vida.

ramente fora do estado de servir ou empecer a algum Estadista, ou Partido, quando os Ministros tão generosa, e espontaneamente-me impetrarão o benefício da Corôa. Quando não podia mais ser lhes de prestimo, elles contemplarão a minha situação; quando não podia mais incommodar a ninguém, os do Partido Revolucionario espezinharão a minha enfermidade. A minha gratidão foi igual ao beneficio conferido. Elle me veio em hum tempo de vida, e em estado de espirito, e corpo, que nenhuma circumstancia de fortuna me podia dar prazer. Não rive culpa, em que o Bemfeitor Real, e os seus Ministros, dignando-se reconhecer o merito de hum Servidor Publico invalido, adocassem as afflicções de hum homem desconsolado.

Não me está bem o fazer jactancia de cousa alguma: porém ficar-me-hia mal desapreciar o valor de huma longa vida, consumida com exemplar trabalho no serviço do meu paiz. Pois que os meus serviços, em razão da industria, que nelles mostrei, e firmeza de minhas intenções, tem conseguido a acceitação de meu Soberano, seria absurdo pôr-me á par dos Cabeças, Membros, e Protectores da *Sociedade correspondente* (*), ou, quanto em mim está, permittir disputa sobre a taxa da recompensa, que foi fixa pela Authoridade Suprema, estabelecida pela Continuição do Paiz para avaliar taes cousas.

Libellos soltos devem-se deixar passar em silencio, e desprezo. Quem serve ao Publico, está sujeito ás calumnias da malicia, e aos juizos da ignorancia. Mas alguns adquirem importancia pela nobreza das pessoas, que os fazem, e pelo lugar onde se divulção. He então necessario tomar conhecimento delles. Justificar-me não he vaidade, e arrogancia; he demanda da justiça; he demonstração de gratidão. Se sou indigno da remuneração, os Ministros forão peiores que prodigos. Deve-se-me conceder neste ponto huma liberdade racional; pois estou em necessidade de defeza: nem a hum réo ordinario se impede defender a sua causa em ferros. Desejo guardar a possivel decencia. De qualquer modo que eu seja visto aos olhos das nobres pessoas dos meus accusadores, a sua situação me impõe profundo respeito. Se passar as balizas, como elles quizerão abaixar-se ao meu nivel, a confusão dos caractéres pôde produzir alguns erros, e ainda fazer prescindir de privilegios.

Com esse protesto, já dou de suspeitos a todos os Tribunaes revolucionarios, onde se tem posto homens á morte, sem outra razão mais, do que o terem recebido favores da Corôa. Reclamo, não a letra, mas o espirito da velha Lei Inglesa, de *ser sentenciado pelos meus pares*. Por isso interponho Declinatoria á Jurisdicção dos que são de ordem superior. Além de que, no Coryphêo do partido, quaesquer que sejam as suas habilidades, não posso reconhecer, pelos seus poucos, e inertes annos, a legal competencia para julgar da minha longa, e laboriosa vida. Pobre ricaço! Elle apenas pôde saber alguma cousa da industria publica nos seus esforços de avaliar

(*) Assim se chamava o Clube ou Congresso Inglez em Londres presidido por Priestley, e que tinha aberta, e notória correspondencia com a Revolucionaria Assembleia da França.

o salario dos seus obreiros mechanicos , quando a obra está feita. Não duvido da sua destreza em todos os calculos de *Arithmetica vulgar*; mas suspeito, que he pouco estudante na *theoria das proporções moraes*, e que não tem aprendido a regra de tres na *Arithmetica politica*.

Pensa o meu Censor que tenho alcançado muito. Respondo, que os meus esforços, quaesquer que sejam, forão taes, que nenhuma esperança de premio pecuniario poderia jámais recompensar. Entre dinheiro e taes serviços, sendo fei os por homem mais habil do que eu, não ha principio commum de comparação: são quantidades incommensuraveis. Dinheiro serve para conveniencia da vida animal. Porém não pôde haver remuneração de dinheiro para obras, que a mera vida animal só pôde manter, mas nunca pôde inspirar. Poderei sustentar diante de Sua Magestade, que não tenho recebido mais do que mereço! Não: mui longe isso de mim. Na Real Presença, não reclamo absolutamente direito algum. Tudo para mim foi favor, e bondade. O estilo para o Magnifico Bemfeitor he hum, e para o orgulhoso, e insultante inimigo he outro.

Pertende-se aggravar a minha culpa, increpando-se-me pela acceitação que fiz do donativo de Sua Magestade, como aberração das minhas idéas, e do espirito do meu anterior procedimento official, e systema de Economia Publica. Mas eu não contradigo as minhas idéas de economia, mas sómente as idéas de economia do meu Censor. Tal acceitação não traz incoherencia alguma á letra, e espirito dos meus Actos do Parlamento, quando em 1780 propuz a *Reforma Economica do Paiz*. O primeiro systema custou-me trabalhos incriveis. Se o systema Militar, ou a geral Economia das nossas Finanças, tiverão nisso melhoramento, deixo a julgar aos que tem conhecimento do Exercito, e do Erario. Nessa época, e ainda só o tentar introduzir methodo, e algumas limitações no Serviço, excitava clamor, e se dizia ser absurdo. Nada então se propunha senão grosseiro corte de pensões, ou o mais grosseiro plano de impostos, sem designio, sem combinação, e sem a menor sombra de principio. O meu Juvenil Censor deve pedir informação sobre esse tempo, que foi hum dos mais criuicos periodos nos nossos annaes.

O meu nobre Censor considerou-me só como *Economista*. Quando, desde a minha mocidade, fiz a economia politica objecto dos meus humildes estudos, esperei sempre, que os meus serviços ao Estado seriam de algum valor. Desde que propuz a dita reforma Economica, esforcei-me em converter a minha vida publica em permanente vantagem da Nação. Não reservei para mim senão a intima consciencia da boa intenção; e não omitti trabalho algum em animar, disciplinar, e dirigir as habilidades do paiz para o serviço publico, e pôllas na melhor via de aliantarem, e ornarem os seus dotes. Professei a liberdade civil, como inseparavel da ordem, virtude, moral, e religião; mas não a segui com hypocrisia, e fanatismo; certo de que, sendo tal liberdade a primeira das bemaaventuranças; quando he retida nos justos limites, todavia, pela sua perversão, se pôde constituir a maior praga do Genero Humano. Não procurei popularidade, e poder, como he o alvo dos que se tem distinguido em propor huma liberdade izacional, e indefinida, qual se proclama na França barbarizada.

As minhas reformas economicas não consistem na extinção de huma pensão, ou de hum emprego de mais, ou de menos. A economia nos meus Planos he, como deve ser, secundaria, subordinada, e instrumental. Eu obro por Maximas de Estado. *A Reforma não he mudança na substancia das cousas; mas directa applicação do remedio aos gravames, de que ha justa queixa.* Removidos aquelles, o mais vai seguro.

Reformar não he innovar linha por linha. Os Revolucionarios Francezes queixarão-se de tudo, e nada reformarão: quizerão mudar tudo, e as tristes consequencias de suas phantasias estão ante nós, e sobre nós. Elles abalarão a segurança publica; tolherão a paz, e o gozo das familias; acanhão o crescimento das creanças; turbarão o descanso dos velhos; fizeram parar ao viajante na estrada; atropellarão o lavrador no campo; interromperão os negocios da Cidade; o nosso descanso acabou-se; os nossos prazeres destruirão-se; os nossos estudos se empeçonharão, e perdêrão; a sciencia tornou-se peor que a ignorancia, pelos enormes males da sua horrorosa e total innovação. As obscenas harpyas da Revolução da França surgirão da anarchia do cahos, que gerou tantas cousas monstruosas, e prodigiosas; e voando sobre nossas cabeças, casas, e mezas, tudo mancharão e contaminarão. Quadra-lhes bem a descripção, que Virgilio faz das furias do Averno.

Tristius haud illis monstrum, nec saevior ulla
Pestis, et irâ Deum, stygiis sese extulit undis.

Virginei volucrum vultus, saevissima ventris

Proluvies unctæque manus, et pallida semper

Ora fame. —

Não foi o meu amor, mas o meu odio á *innovação*, que produziu o meu Plano de *reforma*. Sem me turbar com a exacção de diagramma logico, eu considero a taes cousas como oppostas. Elle foi offerecido para prevenir o mal. Destinei bemfazer ao povo, e não inflammallo, e seduzillo. Eu não me arrego o merito do bem positivo, mas o da prevenção de desordens. Não propuz novo modelo da Casa dos Communs, e dos Lords, nem o mudar a authoridade da Coroa, e do Ministerio, nem alterar o systema dos Tribunaes, e da Administração. As minhas reformas forão saudaveis, e mediadoras. Não concebi nada de arbitrario; não propuz cousa alguma, que se houvesse de fazer ao prazer dos outros, nem ainda ao meu prazer. Desde a aurora do meu entendimento, aborreci todas as operações de opinião, inclinação, e vontade arbitraria nos negocios do governo, onde aliás só a soberana *razão* deve dictar o justo; visto que só ella he o fundamento de todas as fórmas de Legislação, e Administração. O Governo he feito para o fim de oppor a razão ao capricho, tanto dos reformados, como dos reformadores.

Sempre me propuz pôr em cautela o povo contra o *maior de todos os males*, isto he, hum *cego*, e *furtoso espirito de innovação*, *debaixo do nome de reforma*. Ainda havendo cousas que exijão reforma, não he o proprio tempo dellas, quando ha convulsões politicas, e desgraças nationaes. Quando sobrevem terremoto, não he então o momento mais bem escolhido para *acrescentar hum andar novo ás casas*, e alinhar quarteiros.

Na minha Reforma Económica sustentei, que a *Folha das Pensões* devia ser sempre hum fundo sagrado, e aberto. Eu a deixei intacta, como Principio Politico. Não tive a ousadia de roubar á Nação todos os fundos applicados a remunerar o merecimento. Procurei só assignar o devido marco contra a disposição arbitraria. Não vim ao Parlamento para estudar a lição: mas entrei logo preparado, e disciplinado para a guerra politica; e, desde o principio, achei necessario analysar os Interesses do Commercio, das Finanças, da Constituição, e dos Negocios Estrangeiros do Imperio da Gran Bretanha. Muito fiz, e muito mais faria, se os successos do tempo melhor o permitissem. O vigor da minha idade, e constituição se abatêo sob o cargo do meu trabalho. O Parlamento foi testemunha dos seus effeitos, e se aproveitou, mais ou menos, de meus serviços em 28 annos.

Não tenho as qualidades, nem cultivei as artes, que recommendão os homens ao favor, e á protecção dos Grandes. Não fiz jámais de valido, e de instrumento servil de ninguém. Nada sei dessa especie de commercio, que ganha corações do povo, fazendo imposturas sobre o seu entendimento. A cada passo da minha carreira da vida publica, encontrei huma cancella e barreira, em que era preciso apresentar o meu passaporte, e sempre mostrar, que o meu unico titulo para ir adiante, era o ser util ao meu paiz, dando provas de não ignorar inteiramente suas Leis, e seus interesses dentro, e fóra da Nação. Sem isso, nenhuma honra haveria para mim, e nem ainda tolerancia da pessoa.

Nunca invejei, nem obstei a gratificação dos meritos alheios. Sempre considerei, que a recompensa dos serviços publicos não só era ornamento publico, mas tambem exacta justiça; e que a mesquinhez nesta parte era iniquidade, e a peior economia do mundo, pelas suas pessimas consequencias. Por huma fria penuria na remuneração dos serviços crestão-se todas as habilidades da Nação, e obsta-se á elasticidade de suas mais activas energias, e o mal vai além de todo o calculo. Por isso não impugnei jámais pensões, que se derão aos *homens de talentos*, e aos *homens de serviços*.

Ordem, e *Economia* são cousas estaveis, e eternas, como todos os bons Principios do Governo o devem ser. Certa particular ordem de cousas pôde ser alterada; mas a ordem geral não perde o seu valor. As ordens particulares são variáveis como o tempo, e as circumstancias. Leis de regulamentos municipaes não são leis fundamentaes. As urgencias publicas são as dictadoras de taes leis. Pertence julgar de sua propriedade aos que exercem o poder legislativo.

Pôde o que vou affirmar ser cousa nova ao meu Censor; mas peço licença para dizer-lhe, que *mera parcimonia não he economia*. — *Despeza, e grande despeza, pôde ser parte essencial da verdadeira economia*. Se mera parcimonia se devesse considerar como huma especie de virtude, a verdadeira economia deveria sempre reputar-se outra, e muito mais alta virtude. A *Economia he huma virtude distributiva, e consiste, não em poupar, mas em saber escolher os tempos e objectos da despeza*.

A parcimonia não requer providencia, nem comparação, nem juizo. Mere instincto (e não instincto do mais nobre genero) pôde produzir na maior perfeição huma falsa economia. A outra economia tem vistas mais

largas. Ella demanda hum juizo prudencial, que sabe distinguir valores, e hum espirito sagaz, e firme para sustentar as regras. Ella fecha a porta á importunidade impudente, e abre outra muito mais vasta ao merito sem presumpção: só recompensa o real talento, e o serviço relevante. Com esta economia, a nenhuma Nação faltará os meios de remunerar todos os serviços, que se lhe prestarem, e animar todos os talentos que produzir. Nenhum Estado, desde o estabelecimento da Sociedade, se empobreceu por esta especie de profusão. Se em todos os tempos se tivesse observado a economia de ordem e proporção, não veriamos a desmarcada excrecencia da riqueza do meu Censor opprimir a real industria da gente humilde, e limitar pelas suas mesquinhas idéas a justiça, a beneficencia, ou (como for do seu agrado chamar) a *caridade da Coroa*.

Póde o meu Censor pensar quanto quizer baixamente dos meus meritos: tem a liberdade de fazello. Mas sempre haverá alguma differença de opinião no valor dos serviços politicos. Em mim ha hum merecimento, que ninguem entre os vivos porá jámais em questão. Tenho sustentado com grande zêlo, e com algum gráo de successo, os principios, que sustentão a pezada massa de nobreza, opulencia, e titulos de quem me accusa, prevenindo, que elles se não confundissem, como a facção Franceza (em que elle achou tanta graça), muito pertendeo. Tenho estendido todos os meus nervos, para que esse Senhor, com os da sua Ordem, se mantenha na situação, em que sómente me he superior, sustentando eu o que se póde chamar *preventiva policia da moralidade*, com todas as maximas rigidas, e censorias dos antigos moralistas, bem recebidas com veneração pelo velho, e severo Catão, e em que forão doutrinados os Scipões, e a Nobreza Romana na flor da sua vida. Mas esses mestres, e discipulos, acabáráo com a revolução: só resta a vil, e illiberal Academia Franceza dos *Sansculotes* (sem calções) onde hum cavalheiro nada tem que aprender.

O horrido estado dos tempos, e não a minha justificação, he o objecto deste escrito: de mim fallo por incidente. O meu Censor invoca a attenção da Camara dos Pares, para accusar a Mercè da minha Pensão, que considera passar todos os limites. Parece que, quando meditava esta sua bem considerada censura, estava dormindo. Homero cabeçêta, e o meu Censor sonha, e sonhos doirados, considerando tambem as Mercês da Coroa ao fundador da sua familia. Na verdade estas forão tão enormes, que não só ultrajão a verdadeira economia publica, mas até lhe tirão a credibilidade. Elle he o *Leviathan* entre todas as creaturas da Coroa. Tudo quanto tem he da Coroa. Era porventura o mais proprio para contestar-me a liberalidade do favor Real?

Seria grosseira adulação, e a mais incivil ironia, o dizer, que elle tem alguns proprios serviços publicos, pelos quaes alcançasse as suas vastas pensões territoriaes. Os meus meritos, quaesquer que seão, são originaes, e pessoais. Foi hum seu antepassado o primitivo Pensionario, que estabeleceu esse fundo inexaurivel de merito, que ora o faz tão delicado, e cheio de contradictas, sobre o merito das Doações da Coroa. Se me deixasse ficar quieto, eu diria: *que nos importa a historia? foi a fortuna do homem*.

Mas o meu Censor, atacando-me, força-me com repugnancia a compa-

rar o meu pequeno merito com o que lhe alcançou da Coroa esses prodigios de profusa Mercê, com que agora supplanta os individuos humildes, e laboriosos. Os Chronistas dos Brazões não procurão maior merecimento, que o constante do preambulo das Patentes, ou da inscripção das sepulturas. Elles julgão da capacidade do homem para Officios publicos, pelos empregos que occupou: mais officios, mais habilidades. Mas esta não he a regra dos que escrevem para a posteridade: nem esses são os documentos da historia politica das Nações, e dos meritos transcendentales dos que tem firmado os Imperios, e contribuido á estabilidade da Sociedade Civil.

O merito do primordial Donatario da Coroa, donde o meu Censor deriva tanta força e opulencia, foi o ser prompto, e ambicioso instrumento do Tyranno Henrique VIII., que opprimio todas as classes do povo. O meu merito consiste em ter resgatado da oppressão a todo o homem, e toda a classe de pessoas; e particularmente em defender a Alta Nobreza, que, no tempo dos Principes e demagogos confiscadores, são os mais expostos á animosidade, avareza, e inveja. Sustentei com incessante vigilancia todos os justos direitos, e privilegios de todas as Ordens do Estado, em a Séde do Imperio Britannico, em toda a Nação, em toda a terra, para defeza da Religião, e Ordem Civil. A minha arte tem sido, sob os auspicios de hum Soberano benevolo, promover o Commercio, as Manufacturas, e a Agricultura do Reino, em que elle mesmo dá o mais eminente exemplo, mostrando-se Patriota ainda nos seus divertimentos, sendo nas horas do descanso o Lavrador de suas terras.

O merecimento do Fundador da casa do meu Censor foi o de hum cavalheiro, que se elevou por ardis á protecção do Ministro *Folsey*, e á eminencia de hum grande, e poderoso Senhor, e cuja habilidade só consistiu em instigar o tyranuo para injustiças, e irritar o povo para a rebelião. O meu merecimento foi excitar a parte mais sabia do paiz para se guardar contra qualquer poderoso Senhor, contra qualquer numero de poderosos Senhores, e contra qualquer conluio de grandes demagogos de toda a sorte, se acaso tentassem caminhar na mesma carreira, que os Francezes para perverterem a boa ordem, assulando o baixo povo para a insurreiçãõ, e tyrannia.

O merecimento politico do primeiro Pensionario da familia de Sua Senhoria foi, que, sendo Conselheiro d'Estado, deo conselho, e concorreo á execuçãõ de huma paz deshonrosa de Inglaterra com França, entregando-lhe a fortaleza de Bolonha, que era o antemural do Continente, e, por esta entrega, tambem depois se rendeo *Calats*, a chave da França, e o freio da boca desta potencia. O meu merecimento tem sido o resistir ao poder, e orgulho da França, e empregar todos os meios de excitar o espirito do Parlamento, e do Povo, para continuarem com vigor, e resoluçãõ, na mais justa e necessaria guerra, que jámais houve no mundo; a fim de salvar o meu paiz do ferreo jugo dos Francezes, e ainda do mais terrivel contagio dos seus principios, e preservar pura, e immaculada a antiga virtude, piedade, e o bom natural do Povo Inglez da mortifera pestilencia, que, principiando na França, ameaça devastar o mundo moral, e até em alto grão, o mundo physico. Procurei merecer em tudo isto a in-

teira approvação da consciencia , e em consequencia recebi livres , publicas , e solennes graças da Nação. Este merecimento puro , e novo , sahio acrisolado , e limpo da Casa da moeda da honra.

He proprio de huma tal nobreza sem mancha ser o propagador de hum fundo de honra , ou a raiz della. Assim glorio-me de poder tambem ser o fundador de huma familia ; pois deixo hum filho que se distingue notavelmente sendo dotado de merecimento pessoal , e enriquecido de todas as prendas liberaes de genio , estudo , sciencia , erudição , gosto , honra , humanidade , e generosidade ; e confio , que elle não se mostrará no serviço publico inferior em cousa alguma ao meu Censor , ou a algum de sua prosapia.

Prostradas como estão minhas forças , cordialmente me resigno , e reconheço a Divina Justiça. Mas , quando me humilho diante de Deos , não vejo , que seja prohibido repellir os ataques de hum homem inconsiderado , e injusto. Passa em proverbio a *paciencia de Job*. Depois de convulsivos movimentos da indignação de nossa irritavel natureza , elle submette-se á Providencia , e se arrependeo , fazendo penitencia no pó , e cinza ; mas nem por isso deixou de reprehender então mesmo com aspreza de palavras os amigos , que o forão insultar.

He phenomeno singular ver a hum dos maiores donatarios da Coroa comparando odiosamente a Mercê da mesma Coroa com o merito do defensor da sua Ordem. Quando as pessoas da maior nobreza perdem o decoro , perdem tudo.

Sem se fazer muita especulação sobre governos , e seguindo-se unicamente o seguro instincto de sentimentos ingenuos , e os dictames de hum entendimento candido , e não offuscado por sophismas , reconhece-se , que nenhum grande Estado pôde subsistir por muito tempo sem hum Corpo de Nobreza , de qualquer sorte que seja condecorado com honra , e fortificado por privilegios. Esta Nobreza forma a cadeia , que liga as idades da Nação : do contrario , huma geração não teria vinculo com a outra. Nenhuma fabrica politica pôde ser bem construida sem huma tal ordem de cousas , que pela serie dos tempos dê racionavel esperanza de segurar a unidade , coherencia , e firmeza do Estado. Nada pôde tanto como o Corpo da Nobreza para proteger o Estado contra a leveza dos Cortezãos , e ainda mais contra a maior leveza do vulgo. Elle não existe para mal das outras ordens , mas sim por ellas , e para ellas.

Pertender conservar huma Monarchia hereditaria , sem tambem manter alguma cousa de reverencia hereditaria ao Estado , foi conceito absurdo de espiritos baixos , que aspirarão a ser grandes velhacos , forjando em 1789 a moeda falsa da Constituição Franceza. Todas as novas phantasticas Republicas tem como indispensavel extinguir a *Nobreza* julgando hum impossivel reformalla. Ella porém pôde ser melhorada , corrigida , e completa. Do Corpo da Nobreza se pôde tirar membros indignos , e aggregar-lhe estranhos , que mereção alli entrar ; mas não se poderá abolir. A cousa em si he materia de opinião inveterada , e não pôde ser artefacto de instituição positiva. Nenhuma pessoa de virtude pôde olhar sem horror , e desprezo o impio parricidio commetido sobre todos os seus avoengos , e o desespe-

rado assalto para assässinar a toda a sua posteridade , como praticarão na França, os Orleans, Rochefoucauts, Perigords, e outros Fidalgos da primeira nobreza, que desertarão da sua Ordem, como endemoninhados, possessos de espirito de orgulho decahido, e de perversa ambição, e que trahirão as suas familias, e as mais sagradas confidencias das pessoas de proprio sangue, causando a si mesmos, a innumeravel gente, e á sua Nação, as mais lastimosas desgraças. E pertenderão homens de tão detestavel caracter, que depois lamentemos os seus infortunios? Não temos constituição para compadecermos-nos ao mesmo tempo do oppressor, e do opprimido.

O nosso paiz, e a nossa raça, em quanto a compacta estrutura da nossa Igreja e Estado, o Sanctuario da antiga Lei, defendida pela reverencia, e segura pelo poder, sendo igualmente huma fortaleza e hum templo (*), se mostrar inviolada no baluarte da Sião Britannica, e em quanto a Monarchia Ingleza, limitada pelas ordens do Estado, exaltando-se em magestosa proporção, for defendida com o dobrado cincto das suas torres; nada terião a temer de todas as fouces dos nivelladores da França. Mas se a invasão do tumulto Gallico, com os seus *sophisticos direitos do homem*, e com as suas espadas para fazerem contrapezo á balança, for introduzida na Cidade pelo povo illudido, e instigado por grandes homens orgulhosos, elles mesmos cegos, e embriagados por ambição phantastica, e todos nós pereceremos, e seremos abysmados em ruina commum. Quando hum grande temporal cahe sobre as Costas, elle arroja á praia não menos as baleas, que os mariscos. Então os que cavillão sobre a minha pensão, não sobreviverão tambem a este pobre pensionario da Coroa, a quem desprezão.

Se o meu nobre detractor pertende fazer proselytos, olhe bem para o caracter da Seita, cuja doutrina he convidado a abraçar. Ingratidão aos bemfeitores he a primeira das virtudes revolucionarias. Ella he o compendio de suas quatro virtudes cardeaes, amalgamadas, e concentradas em huma só. Os seus Secretarios, observando a sua ingratição á Coroa, que creou a sua familia, allegarão tambem igualdade de direito e dever, para lhe pagarem na mesma especie, e depois rir-se-hão de seus sellos, e pergaminhos. Além de que *tudo o dever do homem* em tal Seita consiste em *destruição*.

Na Revoluçãõ Franceza tudo he novo; e, por falta de preparaçãõ dos meios proprios para se poder sahir de encontro á tão imprevisto mal, tudo nella he perigoso. Em nenhum tempo jámais se vio huma multidãõ de homens literarios, transformados em companhia de ladrões, e assassinos tomarem o porte, e tom de *Academia de philosophos*, sendo formidaveis como inimigos, e medonhos como amigos. Antes parecião mansos, e ainda carinhosos: e nada tinhão mais na boca que a *doce humanidade*. Elles não podião supportar o castigo das mais brandas leis contra os maiores malvados. A mais leve severidade da Justiça fazia arripiar-lhes as carnes. A menor idéa de existir guerra no mundo, turbava o seu repouso. Para elles,

(*) *Templum in modum arcis*: assim se explica Tacito, fallando do templo de Jerusalem.

gloria militar não era indistinctamente , mais que esplendida infamia. Ouvindo fallar sobre a necessidade da defeza natural para se resistir ao aggressor , logo a reduzirão a taes limites , que não deixarão aos accommettidos defeza alguma. Com tudo vimos o que aconteceu , e quantas pessoas soffrêrão pela cannibal philosophia da França , sua sciencia experimental , e extensa analyse em todos os ramos civis , e politicos.

Sem ter consideraveis pertençações de literatura , todavia aspirei ao amor das letras. Os homens de conhecimentos , e talentos são os principaes dons , que a Providencia dá ao mundo. Mas , logo que elles lanção fóra de si o medo de Deos , e dos homens , mais horrivel calamidade não pôde vir á Terra , quando podem obrar em corpo. Não ha coração mais duro do que o de hum Methaphysico athêo : elle approxima-se á malignidade dos máos espiritos , e se assemelha ao principio do mal , sem mistura de algum bem. Não he facil arrancar do peito humano , o que *Shakespeare* chama *compunções visitadoras da natureza* : estas batem algumas vezes aos corações dos malvados , e protestão contra as suas especulações mortiferas. Mas os sabios da Nação Franceza tem os meios de se comporem com a propria natureza , nem vem o seu projectado bem senão pelo caminho do mal. A sua imaginação não se fatiga com a idéa dos soffrimentos humanos , ainda por seculos de miseria e desolação. A sua humanidade está no seu horizonte ; e , á semelhança do horizonte , elle sempre foge diante delles.

Os seus geometras , e chimicos são ainda peiores que indifferentes a respeito dos sentimentos , e habitos , que sustentão o mundo moral. Os seus philosophos , infatuados com ambição , e não receando perigos , só considerão os homens como os animaes , que se mettem no recipiente da machina pneumatica , donde se faz sahir o ar mephytico. As terras dos grandes proprietarios são irresistiveis convites para huma *experientia agraria* : a sua posse immemorial lhes parece insulto contra os direitos do homem. Atêgora consideravão as grandes herdades territoriaes de Inglaterra como totalmente improductivas , e para nada servindo senão para engordar touros , e produzir grãos para cerveja , e ainda mais para fazer estúpido o *brunco entendimento Inglez*. Agora já a demarcão para os seus beneficios revolucionarios.

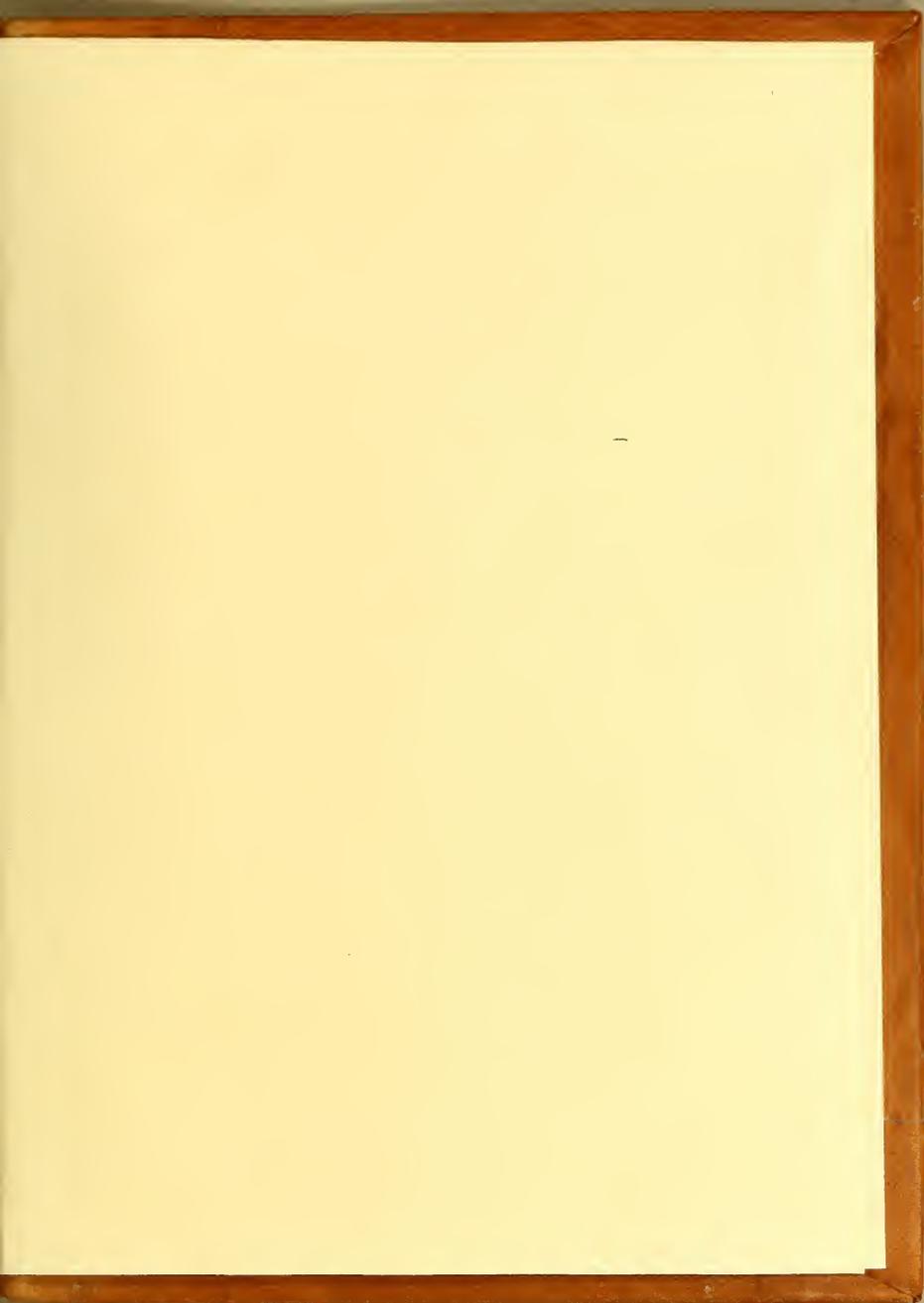
O *Abbadê Sieyès* tem na sua Carteira ninhos , como de pombos , cheios de Constituições para todos os paizes , já promptas , selladas , sortidas , numeradas , e accommodadas a toda estação e phantasia. Humas são distinctas pela sua simplicidade , e outras pela sua complicação ; varias , são de côr de sangue , e algumas de côr de *lama de Paris* ; humas tem Conselhos de velhos , e Conselhos de moços , e certas não tem Conselho algum ; algumas , em que os Eleitores escolhem os representantes , e outras , em que os representantes escolhem os Eleitores ; humas , em que os Legisladores tem habitos talarés , e outras , vestidos curtos. &c. &c. Assim nenhum especulador em Constituições deixará de achar naquella officina huma , que lhe accommode , com tanto que ame o padrão de todas ellas , adoptando rapina , oppressão , prisão arbitraria , juizo revolucionario , confisco , desterro , premeditado assassinato feito com fórmas de lei. Elles tem achado a arte de extrahir nitro , para fazer polvora , até das *ruinas* , que fizerão das proprie-

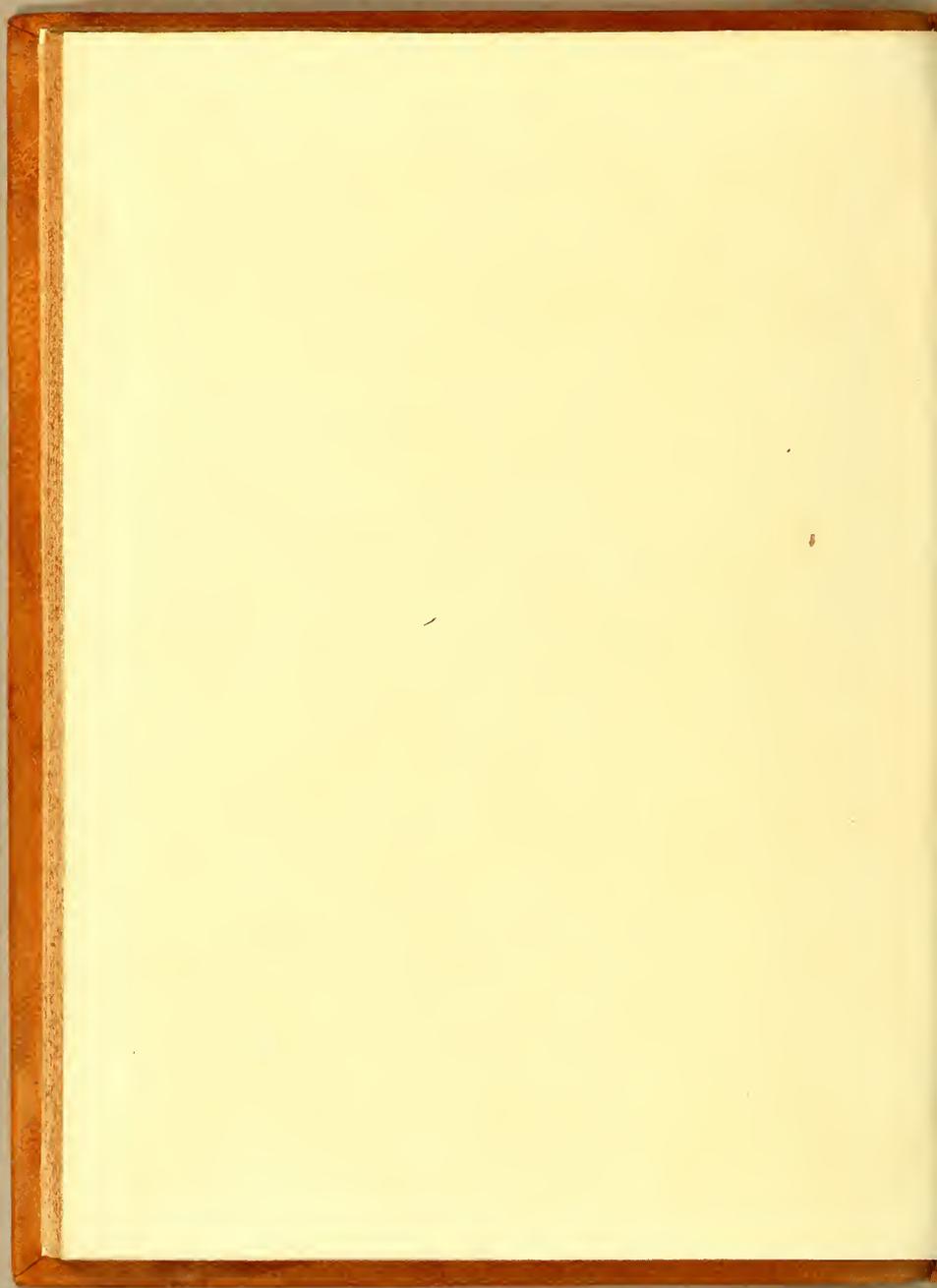
dades, (*) e Cidades, a fim de fazerem outras ruínas, e assim ao infinito.

O meu detractor accusa-me de ser o author da guerra. Se eu tivesse hum espirito orgulhoso, para arrogar-me esta alta distincção, (como por justiça o não posso), elle arrancaria da minha mão a sua parte, que nisso teve, e a agarraria com a força da convulsão do moribundo, até dar o ultimo suspiro. Seria em mim a mais arrogante presumpção attribuir-me a gloria do que pertence a Sua Magestade, e a seus Ministros, a seu Parlamento, e á grande maioria de seu fiel Povo. Se eu fosse o unico em tal conselho, e todos me seguissem com fé implicita, então se poderia dizer, que eu tinha sido o unico author da guerra; porém nesse caso a guerra seria segundo as minhas idéas, e os meus principios. O meu crime consiste unicamente em desejar a guerra contra regicidas: mas nunca serei accusado, nem ainda o mais levemente, de ser o author da paz regicida.

(*) No ... o feito no 1.º de Fevereiro de 1794 perante a chamada Convenção Nacional lê-se o seguinte: „ até o presente as cousas não tem sido exploradas devidamente, e de maneira revolucionaria. Os Castellos e Fortalezas feudaes, demolidos pelas vossas ordens, attrahirão a attenção dos vossos delagados. A natureza ahi tem secretamente reivindicado os seus direitos produzindo salitre, como de proposito, para facilitar a execução do vosso decreto, preparando os meios de destruição. Destas ruínas temos extrahido os meios de produzir o bem, para esmagar traidores, e abysmar descontentes. As Cidades rebeldes tem dado larga quantidade de salitre. etc. „

E I M.





D822
B959e

8.00

ce CBOVISA I,

8/11
11/89
4/00

